

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

XENYA DE AGUIAR BUCCHIONI

Blog *Diários*:

reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade

Bauru
2010

Xenya de Aguiar Bucchioni

Blog *Diários*:

reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, Área de concentração: Comunicação Midiática, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martín Vicente

Bauru

2010

Bucchioni, Xenya de Aguiar.

Blog Diários: Reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade / Xenya de Aguiar Bucchioni, 2010.

109 f.

Orientador: Maximiliano Martín Vicente

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2010

1. Blogs. 2. Identidade indígena. 3. Etnografia Virtual. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DE MESTRADO DE XENYA DE AGUIAR BUCCHIONI,
DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO, UNESP - CAMPUS
DE BAURU.**

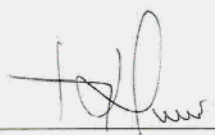
Aos seis dias do mês de julho de dois mil e dez, às nove horas, na sala dos Órgãos Colegiados da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - câmpus de Bauru, instalou-se a Comissão Examinadora da defesa pública de Mestrado, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente (presidente), docente do programa de pós-graduação em Comunicação da UNESP - câmpus de Bauru; Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani, docente do departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina e Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho, docente do programa de pós-graduação em Comunicação da UNESP - câmpus de Bauru, a fim de proceder à arguição pública da defesa de Mestrado de **Xenya de Aguiar Bucchioni**, discente do programa de pós-graduação em Comunicação, desta Faculdade, dissertação intitulada: "**Blog Diários: reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade**". Abertos os trabalhos, foi dada a palavra ao Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani que arguiu a candidata por quarenta minutos, tendo esta respondido em vinte minutos. Em seguida, o Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho arguiu a candidata por quarenta minutos, tendo esta respondido em vinte minutos. Finalmente, o Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente discorreu sobre o trabalho por vinte minutos. Logo após, reuniu-se a Comissão Examinadora tendo chegado ao seguinte julgamento que de público foi anunciado: aprovada. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai por mim assinada,

Sílvio Carlos Decimone  e pela Comissão
Examinadora. Bauru, 06 de julho de 2010.



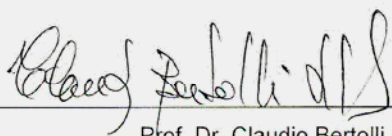
Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Presidente



Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani

Membro



Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho

Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família querida por todo o incentivo e força durante essa jornada de estudos. Aos meus pais, Deise e Enio, por me despertarem, desde cedo, a curiosidade, levando-me a navegar por águas jamais imaginadas. Ao Daniel, meu companheiro, não só pelo incentivo, mas pela companhia e presença nos bons e maus momentos. Sem o amor e carinho compartilhados tudo isto se tornaria muito mais difícil. Sou muito grata pelas inúmeras conversas durante esse período. A atenção de vocês foi essencial! Obrigada!

Ao meu irmão caçula, Tulio, por me lembrar sempre que o mundo estende-se muito além das regras e convenções. Obrigada pelos vôos, por liberar minha consciência, até mesmo, quando ela teima em se aprisionar nas miudezas cotidianas.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Maximiliano Martín Vicente, pelo voto de confiança, atenção e dedicação nos momentos fundamentais de meus estudos. Não poderia deixar de agradecer, também, outros professores que, mesmo sem saber, contribuíram de alguma forma para a realização dessa pesquisa: o Prof. Ms. Fábio Negrão, a Prof. Dra. Ana Silva Médola e o Prof. Dr. Claudio Bertolli. O meu “muito obrigada” a todos vocês!

Agradeço, também, à Fapesp pela oportunidade de ter cursado o mestrado com bolsa e ter acreditado na minha pesquisa.

Ao pessoal da Rede Índios Online, sobretudo Potyra Tê Tupinambá, Irembé Potiguara e Graciela Guarani, que se mostraram excelentes anfitriãs, apresentando-me com afinco o trabalho bonito do Índios Online.

Por fim agradeço a Lilian, Kelly, Roberta, Piri, Verônica, Cláudio e Luis, colegas do mestrado, por toda a partilha de saberes, inquietações, angústias, maravilhamento e outras tantas sensações vividas ao longo desses anos.

*Dedico este trabalho aos meus pais,
parte fundamental da minha vida.*

RESUMO

Esta dissertação de mestrado consiste na análise do Blog Diários (atual Arquivos), presente no interior do portal da Rede Índios Online, e sua relação com os processos de *empoderamento* do coletivo indígena atuante em seu espaço. Por entender o Blog e seu processo de construção estando vinculados às formas de apresentação dos indivíduos no ciberespaço, a pesquisa se empenhou em demonstrar a relação *homem-máquina* implicada em sua formulação. E, assim, num trabalho que percorreu os domínios da competência técnica, pudemos apresentar a relação sócio-técnica propiciada pelas experiências no ciberespaço. Com isso, e valendo-se de autores que utilizam o método da etnografia virtual para abordar tais experiências, chamamos a atenção para a natureza social do ciberespaço, bem como dos fenômenos a ele correlatos. Assim, procuramos entender o Blog para além de sua caracterização enquanto ferramenta de comunicação, mas em sua capacidade de propiciar formas de sociabilidade. Embora o conteúdo produzido na atividade do *blogging* possa incitar a classificação do Blog como veículo de ‘*comunicação alternativa*’, ou de ‘*contra-informação*’, a análise mostrou sua atividade mais próxima aos processos de auto-reconhecimento indígena. Por fim, é no contexto de tal dinâmica que os índios se constroem no ciberespaço, através do Blog Diários (atual Arquivos), criando um espaço para a afirmação e reelaboração de suas identidades a partir de um processo que concilia tradição e modernidade e implica a construção de um contexto de sociabilidade.

Palavras-chave: Comunicação, internet, índios, sistemas de comunicação, blog.

ABSTRACT

This master dissertation consists of the analysis of the Diários Blog (current Arquivos), a part of the portal of the Indigenous Networking Online, and its relationship to the processes of empowerment of the indigenous active in its space. Considering both the Blog and its construction process involved with the presentations of individuals in cyberspace, this research has endeavored to demonstrate the man-machine interface as a part of its formulation. And so, in a work that toured the areas of technical competence, we succeeded in showing the socio-technical relations as a result of the experiences in the cyberspace. This way, and taking advantage of authors who use the method of virtual ethnography to address such experiments, we draw attention to the social nature of cyberspace, as well as the phenomena related to it. That being put, what we try is to understand the blog beyond its characterization as a communication tool, but in its capacity to provide forms of sociability. Although the content produced in the activity of blogging can encourage its classification as an 'alternative media', or 'counter-information', the analysis showed the activity closer to the processes of indigenous self-recognition. Finally, it is in the context of such dynamics that the indigenous construct themselves in the cyberspace, through the Diários Blog (current Arquivos), creating a space for affirmation and reworking of their own identities, in a process to reconcile both tradition and modernity, which involves also the construction of a context of sociability.

Keywords: Communication, internet, indigenous, communication systems, blog.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CIBERCULTURA E COMUNICAÇÃO: APROXIMAÇÕES.....	12
1.1 Algumas considerações sobre a ideia de cibercultura	12
1.2 A magia da técnica.....	21
1.3 Cibercultura: outros caminhos possíveis.....	24
1.4 Comunicação, visibilidade e vínculo	28
2 INTERNET, MINORIAS E IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DO ÍNDIO NA REDE	36
2.1 A experiência do índio na Rede Índios Online.....	42
2.2 Afinal, de qual índio estamos falando?	52
3. O BLOG DIÁRIOS E A ‘APRESENTAÇÃO INDÍGENA’ NO CIBERESPAÇO	59
3.1 A inserção da pesquisadora no universo dos blogs.....	62
3.2 Nos meandros da ‘apresentação indígena’	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

O mundo transpira algo novo. Ao menos é essa a idéia que circula agregada às tecnologias digitais à nossa disposição. No entanto, o que de fato muda nesse cenário de desenvolvimento tecnológico contemporâneo, sobretudo no que diz respeito à apropriação das tecnologias de comunicação e informação pelos indivíduos? A partir de tal inquietação conduzimo-nos por diversas leituras a fim de (re) visitar os conceitos de cibercultura e ciberespaço, na procura por recolocar o sujeito em cena, evitando causalidades e maniqueísmos na busca por explicar as transformações no mundo contemporâneo somente a partir do desenvolvimento tecnológico. Assim, fomos levados às aproximações entre cibercultura e comunicação, que acabaram por dar forma ao primeiro capítulo da presente pesquisa. Debruçados sobre o tema da cibercultura encontramos sua relação com o imaginário produzido pelos filmes de ficção científica, bem como suas imbricações com a noção de pós-modernidade, velocidade e fluxos. De tal investigação eis que nos deparamos com a magia da técnica e suas imbricações com a idéia de “novo” e de progresso. Autores como Mattelar (2002, 2004), Castells (1999, 2003), Lévy (1996), Rüdiger (2003, 2002), Brissac & Olalquia (1998) e Lemos (2003) estiveram presentes no trajeto, servindo de base às discussões.

No entanto, em dado momento, ainda, em nosso primeiro capítulo, fez-se necessário abarcar outros caminhos possíveis para o estudo da cibercultura, as conceituações de ciberespaço e o contexto do virtual. Isso porque conforme avançávamos percebíamos o desbotar da participação dos sujeitos diante desse cenário tecnológico. Assim, a partir das considerações de Mayans y Planells (2002, 2006), Ardèvol, Martí, Planells (2002), Reid (1994), Segata (2008), Hine (1998), Geertz (1998) encontramos o universo da etnografia virtual e o uso de tal metodologia para dar conta de entender como os indivíduos se apropriam do ciberespaço. Tal visão nos leva a buscar as motivações e interesses de tal apropriação, bem como as teias de significados construídas pelos indivíduos neste espaço que contribuem para dar significado à sua atuação. Essas leituras propiciaram perceber o ciberespaço enquanto um local que se constrói conquanto haja alguém que o habite, despertando, portanto, nossa visão para a sua natureza social. Por isso, encerramos o primeiro capítulo com uma breve discussão sobre questões referentes à comunicação, visibilidade e vínculo. Procuramos refletir sobre a ampliação da visibilidade proporcionada pelas tecnologias de comunicação e informação, bem como as noções de vínculo decorrentes dessa exposição do “eu”.

A partir das leituras realizadas para o primeiro capítulo a seguinte questão emergiu: em que medida o uso do Blog por esse coletivo indígena permite um reforço da identidade indígena e inaugura um espaço de encontro, podendo ser compartilhado pelos mais diversos atores sociais, possibilitando intercâmbios de conhecimento e informação e o compartilhamento de visões de mundo, tornando-se, assim, local privilegiado para o exercício de sociabilidade? Assim, voltamos nossa atenção à Rede Índios Online, uma vez que o corpus de nossa pesquisa, a saber, o blog Diários (atual Arquivos) encontra-se no interior da mesma. De maneira geral, nos pusemos a contextualizar a presença indígena no ciberespaço, apresentar a Rede Índios Online e refletir sobre a identidade indígena, o que tornou as nossas observações e documentações materiais para a formulação do segundo capítulo da dissertação. A necessidade em se compreender a dinâmica da Rede se deu não só pelo *corpus* da presente pesquisa estar em relação direta com a mesma, mas também pelas transformações sofridas pela Rede ao longo de nossa pesquisa. Além dessa atenção dispensada à apresentação da Rede Índios Online, apresentamos, também, alguns dados sobre a presença indígena no ciberespaço, a apropriação da internet por esse grupo e outras pesquisas que se valeram de tal temática, como forma de enriquecer o nosso trabalho. Autores como Scherer-Warren (1998), Moraes (2003), Pereira (2008), Martín-Barbero (2003), Monastérios (2008), Cardoso de Oliveira (1998), Sodré (2006, 2005), Velho (1994) acompanham o segundo capítulo e auxiliam a discussão sobre as imbricações entre identidade e cultura, o conceito de minoria e tradição, no contexto do ciberespaço e do atual desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação.

A partir deste capítulo, obtivemos um elo para a construção do terceiro, e último, capítulo da dissertação, que sintetiza a problematização do presente trabalho, calcado na identificação do uso do blog Diários (atual Arquivos), presente no portal da Rede Índios On-Line, pela comunidade indígena e discutir seu efeito e influência no processo de *empoderamento* desses sujeitos. Por entendermos o blog e seu processo de construção estando vinculados às formas de apresentação dos indivíduos no ciberespaço nos empenhamos em demonstrar a relação *homem-máquina* implicada em sua formulação. Com isso percorremos os domínios da competência técnica, criando a nossa própria apresentação virtual, isto é, efetuando a inserção da própria pesquisadora no universo dos blogs. Ultrapassando de longe a característica de um *passo-a-passo* para a construção de um blog, nossa argumentação recai sobre a dimensão sócio-técnica das experiências no ciberespaço. Decorrem de nossas observações técnicas, mas,

principalmente, da dinâmica do *blogging* às questões relativas ao processo de validação do Blog Diários (atual Arquivos) enquanto um local privilegiado para o exercício da sociabilidade.

Por fim, fica o convite à leitura de como os índios se constroem no ciberespaço, através do Blog Diários (atual Arquivos), criando um espaço para a afirmação e reelaboração de suas identidades a partir de um processo que concilia tradição e modernidade e implica a construção de um contexto de sociabilidade.

1. CIBERCULTURA E COMUNICAÇÃO: APROXIMAÇÕES

O termo cibercultura atesta senão uma fusão, ao menos uma aproximação entre cibernética e cultura. A presença dos artefatos tecnológicos na vida contemporânea e nossa relação, cada vez mais familiar, com as tecnologias de comunicação e informação nos dão a sensação de transformação e progresso, somadas a uma noção de encurtamento de tempo, provocada pela aceleração dos fluxos de informação. A cada momento um novo celular com capacidade de memória inimaginável e possibilidade de conexão à internet, *laptops* das mais variadas cores e tamanhos, jogos de simulação virtual, televisores de plasma em lojas, recepções e restaurantes, convidam-nos, a todo instante, a “entrar” na Era Tecnológica. Essa presença e sensação (por que não?) de desenvolvimento tecnológico ininterrupto, aliada as múltiplas formas de participação no universo *online*, tem sido defendida como o surgimento de uma nova cultura, a cultura ciber ou cibercultura. No entanto, a presença dos artefatos tecnológicos em nosso cotidiano é suficiente para classificar uma nova cultura? A comunicação “unificadora do mundo”, impulsionada, sobremaneira, via conexão internet, caracteriza-se como uma mudança revolucionária? Estaríamos, de fato, presenciando um (re)ordenamento social advindo do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação? Outra pergunta possível: O quanto há de velho na idéia do novo, da novidade? Perguntas, no mínimo, inquietantes, cujo propósito, ao tentar desenvolvê-las, pauta-se na necessidade de justificar o olhar que estará presente no desenrolar deste trabalho.

1.1 Algumas considerações sobre a ideia de cibercultura

A relação homem-máquina sempre foi assunto que despertou interesse e curiosidade nos seres-humanos. A história do cinema guarda várias pérolas sobre essa

temática, sendo um de seus ícones o famoso *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin. De maneira cômica o filme traduziu brilhantemente não só a exploração do operariado no contexto das fábricas, sobretudo após a crise norte-americana de 1929, mas também ironizou a presença das máquinas e sua relação com o cotidiano dos trabalhadores. Quem não se recorda da “incrível” máquina para diminuir o tempo das refeições, cujo teste fora realizado, justamente, com o personagem de Chaplin? Ou dos “tiques” que a máquina e a rotina do trabalho lhe causaram? A partir do filme, podemos refletir sobre o significado da modernidade, isto é, em como o entusiasmado desenvolvimento tecnológico, com a proliferação das máquinas em nosso cotidiano, revelou a faceta frágil de um processo de modernização que, em verdade, remonta aos séculos XVII e XVIII, e que, apesar de toda a aposta na vitória da racionalidade e do maquinismo como saída para a transformação da sociedade rumo a um progresso controlável e igualitário, acabou por levar-nos a outros caminhos. Em um texto intitulado “*Enigma pós-moderno*”, Nicolau Sevcenko vale-se da seguinte passagem de Walter Benjamin, em suas *Teses Sobre a Filosofia da História*:

Existe um quadro de Paul Klee que se intitula ‘Angelus Novus’. Ele representa um anjo que parece ter a intenção de distanciar-se do lugar em que permanece imóvel. Seus olhos estão encarquilhados, sua boca aberta, suas asas estendidas. Tal é o aspecto que deve ter necessariamente o anjo da história. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde se nos apresenta uma cadeia de eventos, ele não vê senão uma só e única catástrofe, que não cessa de amontoar ruínas sobre ruínas e as joga a seus pés. Ele bem que gostaria de se deter, acordar os mortos e reunir os vencidos. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se abate sobre suas asas, tão forte que o anjo não as pode tornar a fechar. Essa tempestade o empurra incessantemente para o futuro, para o qual ele tem as costas voltadas, enquanto diante dele as ruínas se acumulam até o céu. Essa tempestade é o que nós denominamos o progresso. (SEVCENKO, 1988, p. 46)

O fragmento acima é de 1940 e evidencia o desencanto de Benjamin com a “ideia” de progresso que ele mesmo ajudara a formar, não por acaso, no ano seguinte, ele seria um dos cadáveres sobre as ruínas que prenunciavam a II Guerra Mundial. Do que, afinal, lamenta-se Benjamin? De uma ânsia por progresso incapaz de resolver as malezas humanas do presente, incapaz, aliás, de deter-se no mesmo, posto que a direção da tempestade apontava unicamente o futuro. É a frustração com a racionalidade e o sentimento de desumanização que se expressa na passagem do autor. Para Mattelart (2002) uma das perguntas que surge no pós-guerra é entender em que medida as lógicas de enfrentamento planetárias entre Leste e Oeste configuram o quadro geopolítico no qual se desenvolve a inovação técnica? A guerra tecnológica iniciada a partir de 1945,

mais conhecida como Guerra Fria, e o planejamento totalitário das sociedades nos dão a dimensão do questionamento feito anteriormente, como bem aponta Sevchenko (1988).

Voltando-nos novamente ao cinema, mais precisamente ao *sci-fi*, isto é, às produções de ficção científica, Brissac & Olalquia (1988) percebem que as produções dos anos 50 celebraram o moderno e as possibilidades abertas pelo futuro, pautadas pelo encantamento com a tecnologia típico dos anos em questão. Ainda que tenham se deparado com a aposta na ciência, presente em “*O dia em que a Terra Parou*” (The Day the Earth Stood Still, de Robert Wise, de 1951), e o medo de seu potencial destrutivo em “*A Guerra dos Mundos*” (The War of the Worlds, Byron Haskin, de 1953), o encantamento tecnológico prevalece nas narrativas. Não por acaso, em 1968, temos “*Barbarella*” (de Roger Vadim), a heroína sexy representada por Jane Fonda, a bordo de uma nave espacial rosa, com botas prateadas e vestido de plumas. É a parodia e a fantasia que entram em cena e evidenciam as transformações do período, constituindo-se naquilo que Brissac & Olalquia (1988) chamaram de futuro do passado.

As máquinas automatizadas, os ambientes plastificados e os gadgets parecem irremediavelmente superados na era eletrônica. Suas formas amplas e aerodinâmicas, sugerindo espaços e movimento, pertencem à época das viagens. Símbolos modernos do futuro, já são monumentos de um mundo em desaparecimento. Tal como os antigos parques de diversão. Resquícios de um sonho de automação e mobilidade infinitas. Aquilo que nasceu como projeção do novo se tornou logo obsoleto. Estas imagens agora remetem ao passado, a uma utopia que virou nostalgia, carregada de lirismo de um futuro jamais realizado. (BRISSAC & OLALQUIA, 1988, p. 80).

A utopia a que o texto se refere tem suas raízes na polarização ideológica dos anos em questão, representadas pelo capitalismo norte-americano e o socialismo soviético. Definitivamente, 1968, não foi um ano qualquer e a Primavera de Praga explicita de maneira trágica a noção de um futuro jamais realizado. Ao dar sinal verde às tropas cubanas e apoiar a invasão dos tanques soviéticos na antiga Tchecoslováquia, o governo de Fidel Castro, dava mostras da ditadura repressora e violenta do pensamento único. Em 1977, o clássico modelo stalinista de eliminar as divergências de opinião entraria mais uma vez em ação, desta vez em Angola. O MPLA, movimento conhecido por ter sido uma frente de luta pela independência da Angola, possuía dois líderes fortes, Agostinho Neto, formado em medicina em Portugal, um dos fundadores e presidente do MPLA, e Nito Alves, participante direto dos combates armados, das guerrilhas contra a dominação colonial e líder político e militar do MPLA na região dos Dembos, a nordeste da capital Luanda. Apesar de contar com o apoio da maioria da

população, caso semelhante à Primavera de Praga, a corrente de Nito foi acusada de “fraccionalista” e eliminada pelos cerca de 60 mil militares cubanos, que Fidel havia enviado a Angola. Eventos como esse ecoaram pelo mundo e contribuíram para polarizar, ainda mais, os blocos de esquerda e serviram de matéria-prima aos questionamento em torno da aparente unicidade socialista. Mas, talvez, o grande emblema do estremecimento das utopias fique por conta da queda do Muro de Berlim, em 1989. Esse ano representa senão o fim, ao menos uma importante crise, do sonho de construção de uma sociedade socialista e, em contrapartida, o fortalecimento do capitalismo.

A partir daí temos um cenário de desregulamentação da economia e o estímulo e incentivo por parte do Estado à organização do mercado em escala global, onde o gerenciamento da informação passa a ser crucial para a produtividade e competitividade. Com as barreiras ideológicas enfraquecidas, o capitalismo se impõe enquanto único modelo de desenvolvimento possível. Nesse processo, não podemos nos esquecer do apoio norte-americano às ditaduras latino-americanas, fato que contribuiu, entre outras coisas, para um estreitamento de relações no campo cultural, já muito bem consolidadas na década de 80. No contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985) a influência norte-americana estendeu-se à imprensa, reorganizando a atividade jornalística. A introdução dos manuais de redação com suas regras e padrões textuais baseados na formula do *lead* e na valorização do factual em detrimento ao texto reflexivo e opinativo, evidenciaram a busca por um modelo de jornalismo calcado nos pilares da objetividade como forma de um cientificismo que lhe conferisse a mais indubitável veracidade. As empresas jornalísticas consolidaram-se, as redações foram profissionalizadas, sobretudo pós-obrigatoriedade do diploma no ano de 1968, e a atividade jornalística começa a ser vista como um produto altamente rentável.

Operaram-se, assim, uma série de transformações a fim de instrumentalizar o jornalismo e garantir credibilidade às informações associando-as a este modelo de “fazer jornalismo”, através de uma linguagem “neutra” que, como aponta Traquina (2005) tem por objetivo garantir os dois lados da história, afastando qualquer parcialidade e reforçar um determinado tipo de conceito de verdade. Com isso, os meios de comunicação reforçaram-se como uma espécie de porta-vozes da realidade, convertendo-se em organizadores do tempo e ganhando papel fundamental na apreensão do mundo e legitimação deste, principalmente diante do *milagre econômico* do período, do crescimento das metrópoles e da intensa industrialização do país. Podemos dizer,

então, que a relação dos indivíduos com a mídia em geral perpassa, também, as modificações dos cenários urbanos.

Os anos 80, segundo Brissac & Olalquia (1988), ainda em suas análises sobre os filmes de ficção científica, são marcados por produções que remetem à ausência de crenças, característica da cultura pós-industrial em sua incapacidade de qualquer projeção futura, sobretudo em decorrência do enfraquecimento da polarização Leste x Oeste, seguido pelo desmantelamento da ex-URSS e do Leste Europeu, sendo comum o sentimento de nostalgia como forma de contraposição a preocupação exagerada com o presente. A fantasia do roubo do corpo e da desumanização revelam a presença de metáforas para a crise de identidade acentuada a partir da década de 80. Outra característica interessante das produções é a velocidade, as comunicações vídeo-eletrônicas e a arquitetura de fachadas espelhadas que suprimem as distâncias e a profundidade das paisagens. Como observam os autores, o movimento se faz sem se sair do lugar:

A viagem espacial dos anos 50, com sua tridimensionalidade, converteu-se em deslocamentos instantâneos numa superfície diagramada em que se dispõem elementos provenientes de todos os tempos e lugares. O espaço agora é mais texto do que contexto: um vídeo de informática. A profundidade é esquematizada eletronicamente, simulada, em vez de representada. (BRISSAC & OLALQUIA: 1988: 80)

O apontamento dos autores encontra respaldo nas reflexões de Sevcenko (2001) sobre as transfigurações do cotidiano e sua relação com a aceleração do tempo no espaço das metrópoles e seus sistemas de fluxos:

Toda essa vasta população, portanto, tem sua vida administrada por uma complexa engenharia de fluxos, que controla os sistemas de abastecimento da água corrente, esgotos, fornecimentos de eletricidade, gás, telefonia e transportes, além de planejar as vias de comunicação, trânsito e sistemas de distribuição de gêneros alimentícios, de serviços de saúde, educação ou segurança pública (SEVCENKO, 2001, p. 64)

Diante de tais mudanças, não há espaço para lentidão. A velocidade vai sendo incorporada como estilo de vida. Nas noções de “realidade virtual” ou virtualidade encontramos alguns aspectos ressaltados pelos fragmentos acima escolhidos. A saber, sua caracterização enquanto outro mundo, inclinado ao lúdico e evasivo – elementos essencialmente pejorativos intimamente relacionados aos argumentos das produções *sci-fi*, sobretudo no quesito da descorporificação com perda de identidade. Para Mayans i Planells (2002) isso significa que o virtual dificilmente deixará de evocar uma noção de

irrealidade, farsa, falta de autenticidade, de algo secundário, subsidiário. Considerações que devem ser postas à reflexão, sobretudo nas pesquisas que se debruçam sobre essa temática. Coincidentemente, ou não, é a partir da década de 90 que a internet comercial ganha força e forma, impulsionada pelo discurso neoliberal, apesar de seu surgimento estar relacionado ao contexto da II Guerra Mundial. A velocidade e os fluxos da rede mundial de computadores entram em cena para participar do cotidiano dos indivíduos. Tais transformações, como argumenta Mattelart (2002), aliada a chegada das novas tecnologias e das redes de comunicação e informação, levaram a valorização da informação enquanto dado estatístico e mercadoria, inaugurando uma nova forma de temporalidade marcada por uma aceleração incrível na distribuição da mesma. Na fluidez e velocidade do fluxo de informação se solidifica a idéia de unificação do mundo como uma “novidade” trazida pelo desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação. Como afirma Sodré (2002), talvez, fosse mais prudente falarmos em uma mutação tecnológica, afinal o que vemos é a hibridação dos meios – telefonia, computação, televisão – e de formas discursivas – som, texto, imagem. No entanto, “a ditadura do tempo curto faz com que se atribua uma patente de novidade e, portanto, de mudança revolucionária, àquilo que na verdade é produto de evoluções estruturais e de processos que estão em curso há muito tempo” (MATTERLART, 2002, p. 171).

A afirmação do autor traz um elemento importante a essa discussão: o tempo. Refletir sobre o tempo “em tempos” de rápida inovação tecnológica, sobretudo no que diz respeito às tecnologias de comunicação e informação, nos coloca, mesmo que forçosamente, em contato com o que se vem chamando de paradigma pós-moderno. No entanto, não há um acordo sobre a significação do termo, nem mesmo sobre seu status de paradigma. Uma das poucas certezas em relação ao pós-modernismo é seu caráter questionador em relação às certezas planas e unívocas e à homogeneidade, por isso, o uso corrente das palavras fluído, líquido e fragmentado para contextualizar a contemporaneidade. Os americanos, em geral, o consideram como mera correspondência na área cultural do advento da tecnologia pós-industrial, baseada nos recursos da cibernética e da informática. Outros autores o concebem como a negação total das vanguardas e, numa postura nostálgica, exaltam o período anterior ao modernismo. Há, ainda, os niilistas que o veem como puro pastiche e pasteurização das vanguardas. Tais concepções partem dos apontamentos realizados por Sevcenko (1988) que as credita como reacionárias uma vez que a postura do movimento pós-moderno

possui um senso crítico atrelado a outras demandas, as quais o autor considerou enquanto alternativas, como o feminismo, a ecologia, o pacifismo e os movimentos de liberação sexual. Seu ponto de vista demonstra o apreço pelo aspecto positivo do “descontínuo”, “fragmentado” e “irônico”, elementos que nos levam não ao fim dos tempos, tão pouco ao fim do indivíduo, mas antes aos acasos e às contraditoriedades da história, às diferenças e incompletudes que marcam os indivíduos e ao prazer pelo prazer e, também, à desconstrução, sem qualquer outro tipo de finalidade.

Segundo Cardoso de Oliveira (1988) poderíamos falar do surgimento de uma categoria da desordem, formulada a partir do movimento pós-moderno, a saber por sua revisão da ‘subjetividade, da história e dos indivíduos’, até então domesticados pelos paradigmas tradicionais. O trio, pondera o autor, ao ser reformulado abre possibilidades para se pensar a subjetividade em sua forma socializada (a intersubjetividade), a individualidade a partir do indivíduo socializado e a historicidade em sua forma interiorizada. Na antropologia, a influência do movimento pós-moderno se expressou na emergência do paradigma hermenêutico, representado pelos estudos da chamada “antropologia interpretativa”, caracterizada, justamente, por debruçar-se nos elementos da desordem de Cardoso de Oliveira (1988). À presente pesquisa, não cabe a tarefa de explicar detalhadamente a relação de tais elementos na antropologia interpretativa. No entanto, aquilo que realmente nos interessa diz respeito à possibilidade de outro olhar sobre a ‘cibercultura’, calcado na proposta de desordem, distante da concepção dominante norte-americana de correspondência, como uma espécie de fusão, entre a cultura e as tecnologias da cibernética e informática, bem como de visões niilistas e/ou derrotistas que por vezes ganham força nessa temática.

No que concerne à comunicação, as transformações delineadas até aqui nos levariam da concepção de ‘comunicação de massa’ para ‘comunicação em rede’, em que pesem as limitações do último termo, no entanto a explicação não se restringe somente pela evolução dos artefatos tecnológicos. Em contraposição à massa homogênea sentada diante da TV, característica do modelo emissor-receptor do paradigma funcionalista, estão as noções de formação de redes e a crescente segmentação do público, bastante próxima as divisões por nichos de mercado da economia. A chegada da internet, com as múltiplas formas de conexão via artefatos tecnológicos, trabalha, justamente, essa “diversidade” de públicos, como avalia Castells (1999), dentro de uma perspectiva “democratizante” da informação. Vende-se, assim, a pretensa idéia de democratização advinda da vasta gama de conteúdos à disposição dos

mais variados públicos, quando, no entanto, a democratização perpassa outras esferas, como por exemplo, a propriedade dos meios de comunicação¹, hoje altamente concentrada nas mãos de poucos grupos. Como afirma Ortiz (2006), temos a construção de uma ideia de liberdade individual surgida a partir do desenvolvimento da cibernética e da informática, alinhada a certa visão pós-moderna, onde a modernidade corresponde a uma visão obsoleta em relação ao presente, autoritária e coercitiva. Em oposição à modernidade monocromática está a pós-modernidade, com toda a sua sorte de nuances. No entanto, o que se coloca ao alcance do público – agora global – é a variedade de produtos, transmitindo uma sensação de liberdade de escolha, ou seja, o consumo pautado sob os ideais democráticos:

O consumidor, ao escolher um artigo no supermercado, um estilo, uma técnica, exercerá sua vontade, autônoma e descentrada, deixando de se submeter ao grande relato homogêneo das épocas pretéritas (ORTIZ, 2006, p. 68).

Tais reflexões levam autores como Canclini (1999) a debruçarem-se sobre a relação entre o consumo e identidade na procura por entender como as mudanças na maneira de consumir alteraram as formas de exercer cidadania, sobretudo a partir dos anos 80, onde o autor enxerga a prevalência do modelo neoliberal como única forma possível de globalização. Para o autor, as tecnologias de comunicação e informação exercem influência na perda dos referenciais tradicionais de identidade e atrelam-se ao processo de formação identitária a partir da mundialização de materiais simbólicos e de determinados hábitos de consumo, ligados, principalmente à cultura Ocidental. Vale ressaltar que Canclini (1999), também, observa a predominância do pensamento pós-moderno como uma tendência explicativa da organização da sociedade atual, bem como de suas práticas sociais, formação cultural e identitária, alicerçadas no intenso desenvolvimento tecnológico. Sevcenko (2001) aponta para a prevalência da comunicação básica, isto é, aquela que precede a fala para a aproximação. A forma rápida de identificar e conhecer o outro, no contexto de aceleração do ritmo cotidiano, em consonância com a invasão dos implementos tecnológicos, é a mais direta e veloz: “pela maneira como se vestem, pelos objetos simbólicos que exibem, pelo modo e tom com que falam, pelo seu jeito de ser e se comportar” (SEVCENKO, 2001, p. 64). Novamente as noções de pluralidade, velocidade, fluidez e efemeridade delineiam-se, o

¹ Tal temática foi muito bem avaliada por Thompson, John. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

que, talvez, evidencie um dos temores apontados por Cardoso de Oliveira (1988) em relação ao movimento pós-moderno, a saber a descrença na razão, a rejeição à qualquer teoria e a negação de saberes seculares. Temores estes que, talvez, se associem a um outro ponto conflituoso desta discussão, àquele que diz respeito à construção da realidade em sua relação com a o acúmulo histórico temporal dos sujeitos.

Em que medida a aceleração dos fluxos de informação, em sua forma contínua, ininterrupta, devido as múltiplas possibilidades de conexão possíveis, altera a noção de sujeito, posto que a subjetividade depende, cada vez mais, de tais tecnologias? Essa dependência poria fim à “essência” do sujeito? Estaríamos diante da morte do sujeito moderno e diante de um novo sujeito (pós-moderno), fragmentado e descentrado? Ora, por acaso essas mesmas tecnologias não são formas desenvolvidas da própria subjetividade humana?, como indaga-se Guattari (1993). Questões que nos colocam diante da necessidade de saber de que maneira os sujeitos se relacionam com tais artefatos e como repensar a cibercultura em outros termos que não meramente tecnológicos, restritos à cibernética e à informática, onde nada se consolida, posto que “tudo é efêmero e fluído”. Até onde tal concepção não se alinha a uma determinada visão de mundo aonde se inviabilizam qualquer tentativa de construção de projetos a longo prazo, capazes de pensar o futuro? Podemos dizer que no tocante à comunicação evidencia-se um remodelamento da atividade midiática pela informação, caracterizada por sua vinculação ao capital e às leis de mercado, dentro de um processo de expansão de uma ideologia tecnicista vinculada a uma forma específica de hegemonia, que valoriza a forma em detrimento ao conteúdo, como avalia Sodré (2002). As tecnologias de comunicação e informação potencializam tal transformação, levando os teóricos de diferentes filiações a encará-la sob diversos aspectos, como foi esboçado até aqui. Por inserir-se no quadro de construção da realidade, a atividade midiática ocupa posição central nos jogos de poder da sociedade. Nesse sentido é que se produzem as atuais inquietações sobre a temática, sobretudo no que diz respeito às formas de sociabilidade impulsionadas pela internet, a crescente presença das imagens, através das telas, em nosso cotidiano e as questões que abarcam o comprometimento (ou não) da identidade dos indivíduos.

O histórico brevemente esboçado até aqui não aconteceu de maneira linear², isto é, buscamos resgatar determinados eventos nas curvas da História de maneira a inserir

² Não podemos nos esquecer, por exemplo, da vertente Romântica na modernidade, o que a torna não tão sólida e homogênea como querem os entusiastas da pós-modernidade.

as tecnologias de comunicação e informação, bem como as idéias que estas “carregam”, dentro de um contexto não tão “novo”, por assim dizer. A seguir pretendemos dar continuidade a tais questionamentos refletindo rapidamente sobre a construção do atual imaginário tecnológico e a relação da comunicação para a consolidação do mesmo.

1.2 A magia da técnica

É bastante comum, nos estudos que tratam de tecnologias de comunicação e informação, a ênfase nos artefatos digitais. O olhar com foco no artefato impulsiona as pesquisas a se deterem na potencialidade e limites do mesmo, o que permite esboçar um quadro previsivo sobre o objeto de estudo. No entanto, na maioria dos casos se esquece do sujeito por detrás do processo, ou melhor, tende-se a tratá-lo de maneira idealizada, quando na verdade uma mesma tecnologia, em seu processo de adoção e internalização – até integrar-se naquilo que Barbero (2001) chamou de cotidianidade – sofre as variáveis do contexto sócio-cultural de sua implantação. Ou seja, quando se trata da relação entre tecnologia e sociedade há de se interrogar sobre as formas com as quais determinada tecnologia participa da configuração da cultura e da sociedade em geral, e como estas, por sua vez, constroem um contexto de desenvolvimento tecnológico. Frequentemente, o desenvolvimento dos artefatos tecnológicos é visto como algo externo e determinante das realidades sociais, o que para o autor seria um ponto de partida superficial, já que o verdadeiro objeto de investigação não deve ser o artefato em si, mas sim os sistemas sociotecnológicos em que os mesmos se inscrevem. Explicar as transformações sociais e a evolução da sociedade a partir da evolução dos artefatos tecnológicos garante, para Barbero (2002), uma visão meramente instrumental do processo.

Como bem observou Milton Santos (2008), as famílias de técnicas transportam uma história, isto é, cada sistema de técnica é representativo de sua época. Assim, ao dissociarmos o técnico do social, omitimos a relação dialética presente entre técnica e sociedade, excluimos a função humana de desenvolvimento da técnica, bem como nossa capacidade de ajustá-la às relações sociais e formas de subjetividade que nós desejamos. Tudo se passa como se a tecnologia fosse apenas uma determinante de nossa vida, personalidade, desejos, cotidiano, quase um Grande Irmão à lá George Orwell. Estaríamos fadados aos poderes de uma Alpha 60, para lembrar um outro clássico do cinema, dessa vez de Godard, que versa sobre a temática máquinas/sociedade. O fato é

que as técnicas são mais aceitas do que compreendidas e, ao serem cada vez mais internalizadas, tudo parece delas depender, logo, como afirma Santos (2008) elas se apresentam como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, cujos fundamentos e alcance escapam à percepção imediata. Eis aí o grande mistério. Assumir que as tecnologias são criadas pelo homem de acordo com o contexto histórico no qual estes se inserem significa (re)contextualizar o papel do sujeito no processo de desenvolvimento tecnológico e, mais do que isso, compreender os limites, conflitos e as diferenças que lhe são intrínsecos.

Na esfera da comunicação, o desenvolvimento tecnológico possibilitou (e possibilita constantemente) uma crescente “oferta” de informação, fato que coloca em xeque o próprio conceito de comunicação, à medida que a diferença entre informação e comunicação torna-se tênue. Estar conectado, *online* ou em rede parece, num primeiro momento, a garantia de uma liberdade infinita de expressão, ou seja, uma prática libertária de estar em relação com o outro, se comunicando. No entanto, como observa Wolton (2006) a comunicação é sempre um processo mais complexo do que a informação, não é somente transmissão, implica a relação emissor-mensagem-receptor num processo de apreensão que envolve riscos e conflitos. Para o autor, estaríamos a viver num momento extremamente coercitivo no que diz respeito a ideia do “conecte-se”, por isso sua investida na incomunicação enquanto o duplo, o outro lado da moeda, do processo comunicativo. No decorrer deste trabalho dedicaremos atenção especial ao assunto, na tentativa de compreender o papel da comunicação nesse quadro de desenvolvimento tecnológico. O que fica evidente, na relação comunicação/informação, levando-se em conta a dimensão social e cultural na qual esta ocorre, é que se opera todo um discurso para aliar tecnologia a progresso social.

Para Mattelart (2004), a ideia da tecnologia promotora de igualdade, liberdade e solidariedade, é composta de armadilhas, pois na legitimação da ‘sociedade da informação’ enquanto novo paradigma dominante, estaria mascarada a ausência de um projeto social. “Sob o mito da tecnologia salvadora transparece a materialidade de um esquema operatório de remodelamento da ordem econômica, política e militar em escala planetária” (MATTELART, 2002, p.8). Ainda segundo o autor, a lógica do informacionalismo³ inaugura uma nova forma de temporalidade que em nada tem a ver

³ A emergência do *informacionalismo*, enquanto nova faceta do capitalismo e base material de uma nova sociedade é defendida por Castells (1999) e consistiria na redefinição da geração de riqueza, do exercício do poder e da criação de códigos culturais a partir das tecnologias de informação. A crítica de Mattelart

com o tempo de elaboração e apreensão do conhecimento e do saber. A intensa valorização do presente em oposição ao passado, bem como do “novo” em oposição ao “velho” é que solidifica a sensação superficial de mudança revolucionária. Informação instantânea e em tempo real ampliam a extensão daquilo que entendemos e conhecemos por realidade, alterando de alguma forma nossa percepção da mesma. Apreende-se o mundo em parcelas fragmentadas e descontextualizadas, onde o não atual perde a importância em detrimento da “realidade” *online*, como se tudo o que não é “aqui e agora” fosse irreal. Mas, como vimos anteriormente, a própria atividade jornalística baseia-se em tal dinâmica, o que nos levaria ao questionamento, novamente, da idéia de “novo” atribuída a esse universo *online*. Será que o ciberespaço ou realidade virtual não seria mais uma sublimação da realidade com a qual estamos acostumados?, como bem aponta Rüdiger (2002).

Há uma multiplicidade de enfoques para analisar as implicações da tecnologia na vida social. Na presente pesquisa descarta-se o debate de viés determinista, que busca atribuir toda mudança social à tecnologia, ou a simples implantação, disseminação e popularização dos artefatos tecnológicos e digitais como porta de entrada ao progresso social. Tal afirmativa não significa negar a devida importância ao desenvolvimento tecnológico, mas sim encará-lo de maneira crítica, de modo a identificar os jogos políticos por detrás dos discursos da “Sociedade do Conhecimento”⁴. Por isso, autores como Mattelart, Sodré, Wolton, Rüdiger, entre outros, são alguns dos nomes que permearão a presente pesquisa. Tal opção não significa assumir um ponto de vista catastrófico. Antes de nos apressarmos em dizer que estamos diante de uma sociedade totalmente nova somente por conta dos avanços tecnológicos, pretendemos questionar os usos e relações que os homens fazem das tecnologias de comunicação e informação em seu cotidiano. Talvez, dessa forma, possamos entender como o homem transforma a tecnologia e, ao mesmo tempo, esta lhe transforma. A seguir, procuramos entender a cibercultura a partir da participação dos sujeitos no espaço virtual, bem como as imbricações entre a sociabilidade em rede e os processos de construção do sujeito.

(2002) liga-se à extrema valorização do tempo das máquinas e do fluxo de informação, em detrimento ao tempo do saber e do conhecimento, portanto, do tempo social.

⁴ A Sociedade do Conhecimento guarda relação com a oferta de informação em seu potencial formativo, com vistas à disseminação do saber em prol da construção do conhecimento.

1.3 Cibercultura: outros caminhos possíveis

A partir da abordagem de Geertz (1989) sobre a definição de cultura, procuramos repensar a chamada cibercultura tendo por base pesquisas etnográficas que vêm sendo realizadas no ambiente *online*. Na visão deste autor, a cultura não deve ser entendida enquanto um poder, mas sim um contexto dentro do qual acontecimentos sociais, comportamentos e instituições podem ser descritos de forma inteligível. Partindo das considerações do autor, a cibercultura pode ser interpretada como um produto cultural, o qual o significado emergirá através da descrição da trama complexa de práticas significativas que a mesma mobiliza. Entender a cibercultura enquanto produto cultural significa atribuir o caráter de mudança, não a tecnologia por si só, mas sim aos usos e significações que os sujeitos atribuem a mesma e as maneira pelas quais a Internet e, portanto o ambiente virtual por ela proporcionado, são apropriados e têm seus significados negociados pelos indivíduos. Nesse sentido, os espaços sociais criados pela comunicação mediada por computador estão diretamente relacionados aos padrões culturais construídos pelos sujeitos em interação, como avalia Máximo (2007) em sua pesquisa com blogs.

Nem todo usuário da Internet, por exemplo, se considera “ciber-alguma coisa”. Ou, ainda que se expressem enquanto *ciberartistas* podem referir-se apenas à prática artística em ambiente virtual, o que não significa ruptura com o “fazer artístico” tradicional. Continuam fazendo o mesmo, mas de maneira diferente, isto é, nem as práticas, tampouco os indivíduos, podem ser considerados novos somente porque nomenclaturas (*ciberartistas*) e meio (internet) o são. Porém, ao marcarmos tal atividade como “nova”, “novidade” estamos atribuindo valor social e sentido, os quais podem mais tarde, inclusive, tornarem-se ótimas estratégias de mercado. No entanto, para Lemos (2002), a popularidade do termo *ciber* atesta, não só, a existência de uma nova cultura, a *cibercultura*, mas também uma “nova” forma de estar no mundo:

Como podemos constatar, desde os terminais bancários até o acesso à Internet, o termo “*ciber*” está em todos os lugares: *ciberpunk*, cibersexo, coberespaço, *cypherpunks*, cibermoda, cibereconomia, ciber-raves, etc. Todos os termos mantêm suas particularidades e diferenças, formando no seu conjunto, a cibercultura. Todos eles atestam uma atitude, uma apropriação, vitalista, hedonista, tribal e presenteísta da tecnologia. (LEMOS, 2007, p.17-18)

O argumento do autor complica-se à medida que trata a cibercultura como a fusão entre cultura e técnica uma vez que, como aponta Rüdiger (2003), não se sabe ao

certo em sua análise por que antes ambas estavam separadas. O fato é que o argumento mostra-se confuso, embora tente se desvencilhar de uma visão determinista-evolucionista:

A Cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a Cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*homerbanking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A Cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. (LE MOS, 2003, p.12)

Lemos (2002), (2003) centra-se na relação homem/tecnologia e, em como a última está presente em nossas atividades cotidianas, sendo impossível mensurar sua presença em nossas vidas, fato que justificaria a definição de cibercultura enquanto relação ‘causa e efeito’ da evolução da técnica moderna. O fato é que, ao olhar a técnica e sua penetração na vida cotidiana, a fim de descrever essa nova cultura *ciber*, o autor avalia a vida contemporânea a partir das inovações técnicas e suas possibilidades. O emprego do termo *ciber* em diversas definições não é forte o suficiente para sustentar a idéia de um novo ser e de uma nova cultura. Para Kerkchove (1997), a cibercultura seria a multiplicação da massa pela velocidade, isso porque na visão do autor os computadores propiciaram a cultura da velocidade, permitindo, a partir dos anos 80, a ascensão da cultura de velocidade e das redes. No entanto, não há homens sem cultura e cultura sem homens, já diria Geertz (1989), isto porque os homens têm participação fundamental em sua construção. Ou seja, o entendimento de cibercultura enquanto uma nova cultura emergirá dos sujeitos envolvidos nesse mundo conectado e não a partir do desenvolvimento tecnológico. Como pontua Ardèvol, Martí, Mayans (2002), falar de cibercultura consiste em não buscar sua definição fora dos próprios limites e contextos culturais no qual o termo ganha sentido. Para os autores, um bom começo seria indagar sobre quem fala de cibercultura, de onde fala e para que?, para assim, apreender a teia de significados que geram um contexto de inteligibilidade ao termo.

Máximo (2007), em pesquisa etnográfica realizada no universo dos blogs, também a partir da concepção de Geertz (1989) sobre a cultura, afirma que, embora a observação seja feita num dado registro, a possibilidade de determinados aspectos ou padrões comunicativos se estenderem a outros grupos e/ou outras modalidades de comunicação mediada por computador é válida. O olhar através desse foco permite, ainda segundo a autora, afastar as polarizações negativas e positivas a respeito da tecnologia, pois retira a atenção da idéia de “mundo paralelo” por vezes atribuída ao

ciberespaço (ou ambiente/ espaço virtual). A noção de ciberespaço como nova realidade e construção tecnológica perde força, pois a indagação volta-se a como os indivíduos aceitam esse espaço virtual como um local válido para, entre outras coisas, se expressarem sócio-emocionalmente. Reid (1994), através de sua pesquisa sobre as interações em MUD⁵, observou como os usuários criaram um ambiente cultural rico, através da construção coletiva de um contexto de inteligibilidade, que permitiu, até mesmo, a criação de expressões próprias e regras de comportamento.

Segundo Reid (1994) a dificuldade, *a priori*, estaria na não existência de interação face-a-face, pois “the words themselves tell only half the story--it is their presentation that completes the picture”. Isso porque nossa interação se dá a partir de sinais corporais e simbólicos, tais como, o tom de nossa fala, o estilo de se vestir e de escrever a mão, nossas posturas e expressões faciais, etc. Mas, como a autora observa em relação ao ambiente dos MUD's, “although they cannot see, hear or touch one another, MUD players have developed ways to convey shades of expression that would usually be transmitted through these senses (REID, 1994). Com isso, são criados contextos de ações para os usuários e sistemas de significação sobre a tecnologia. Mayans i Planells (2006) fez a mesma observação ao longo de sua pesquisa em chats, pontuando que essa criatividade de expressão opera-se a partir do teclado e constrói formas *online* de comunicação que vão se solidificando na sucessão de usuários, tornando-se convenções adotadas, paulatinamente, como soluções comunicativas eficazes. Tais recursos, conclui o autor, se convertem em moeda de troca habitual e não problemática por parte dos usuários que as aceitam sem questioná-las, uma vez que se integraram ao “mundo cotidiano”, isto é, aquele que não se coloca em dúvida.

Em seus estudos Hine (1998) se concentra em entender não apenas como as pessoas usam a internet, mas também as práticas que conferem significados a esse uso em contextos locais. Quando se trata da internet é preciso aprender além dos manuais técnicos e interpretar aquilo que se lê na tela gélida do computador e também saber como utilizar o teclado de modo que aquilo que se escreve possa ser apreciado por alguém. Para Hine (1998) precisamos entender as relações sociais que transformam a internet em algo significativo para as pessoas. Nesse sentido, um caminho possível é aquele que retoma a importância do sujeito virtual no processo de construção desse espaço sintético proporcionado pela internet, comumente chamado de ciberespaço.

⁵ Um sistema de realidade virtual baseado na descrição textual que pode ser utilizado por diversos participantes, desde que tenham os computadores interconectados.

El ciberespacio no es la suma de ordenadores, líneas telefónicas, satélites, teléfonos móviles y el largo etcetéra de máquinas que se le quiera sumar. Porque no es sumable físicamente. La idea de ciberespacio nos remete a eso que ocurre en su interior. O a aquello que ocurre por medio de todas esas máquinas y dispositivos. No obstante, todo eso que ocurre en tanto que producido socialmente, por seres humanos. (MAYANS I PLANELLS, 2002, p. 237).

Uma vez que o ciberespaço não depende de categorias físicas e geográficas, como pontua o autor, ele deve ser pensado a partir de seus próprios espaços e estruturas de presença. Assim, em sua pesquisa com comunidades virtuais em *chats*, Mayans i Planells (2006), afirma que há de se trabalhar esse espaço enquanto espaço social praticado, ou seja, um entorno, um cenário, criado pelos usuários e habitado pelos mesmos que permite a interconexão de computadores e/ou similares. O interessante nos trabalhos de Mayans i Planells (2006) é que, ao longo de sua pesquisa em *chats*, a aparente banalidade, composta por conversações efêmeras, frágeis e fragmentadas, apontavam o ciberespaço como um lugar ‘pouco sério’. No entanto, o autor foi percebendo que, justamente, esse banal possuía extrema relevância:

En la sucesión de chistes, burlas, juegos y comentarios banales sobre la actualidad o sobre el medio, se estaba produciendo, en realidad, un proceso constante de aseveración del vínculo y la significatividad social del propio espacio y del propio grupo social, por inestable y cambiante que éste fuera. En cada una de las palabras tecleadas rápidamente, con abreviatura y faltas de ortografía, que corrían por la pantalla condenadas a desaparecer al cabo de un par de minutos, se encontraban las auténticas partículas atómicas de la sociabilidad (MAYANS i PLANELLS, 2006).

Os estudos acima mostram-se distantes da concepção de ciberespaço como novo meio surgido pela interconexão mundial dos computadores proposta por Lévy (1996). As significações sobre a tecnologia em geral, dispersas em diferentes atividades e implícitas em nosso senso comum, são entendidas a partir de redes de significação, de um sistema cultural, tal como propunha Geertz (1989). Tal perspectiva não busca definir um todo cultural, mas sim realizar análises parciais de uma prática social concreta para dar conta de compreender as múltiplas possibilidades de apropriação e significação da tecnologia. Nesse sentido, a conexão técnica não nos diz nada, mas sim o cenário construído e habitado pelos sujeitos possibilitado pelas mesmas, o que contribui para assumir o a idéia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua forma de expressão, como bem advertiu Geertz (1989). A preocupação com a “usabilidade” e a interação do sujeito/objeto é posta de lado em detrimento a comunicação operada num determinado sistema de práticas sociais on-line que, por sua, vez é descrito e interpretado com densidade a partir dos sujeitos envolvidos.

Discutimos nas linhas anteriores uma forma de olhar a cibercultura e, portanto, o ciberespaço enquanto construções culturais de modo a (re) inserir a importância dos indivíduos em tal feito. Acreditamos que, ao afastarmo-nos das concepções que buscam entender tais conceitos somente a partir do desenvolvimento tecnológico, poderemos 1) captar a diversidade dos modos de ser presentes na virtualidade com profundidade e não a partir da variedade de nomenclaturas (*ciberpunks, ciberativistas, etc*); 2) questionar a ideia de “novo” e “diferente” atribuída às práticas sociais realizadas no ambiente virtual 3) centralizar a atenção nas imbricações entre comunicação e tecnologia para além do nível relacional, puramente técnico, como forma de captar as complexidades da relação entre um “eu” e “outro” no processo vincutivo, isto é, no momento em que um espaço virtual específico passa a ter um sentido partilhado pelos sujeitos, tornando-se válido. A seguir, exploraremos de maneira mais aprofundada essa última proposição.

1.4 Comunicação, visibilidade e vínculo

Dedicar algumas linhas à comunicação mostrou-se tarefa necessária a esse trabalho de pesquisa. Afinal, como estamos pensando, conceitualmente, a comunicação? Essa pergunta-chave é linha mestra das páginas a seguir, pois define não só a maneira pela qual a pesquisadora olha o seu problema de pesquisa, mas também o lugar da comunicação nas inquietações contemporâneas. Em um momento em que as pessoas são, cada vez mais, convidadas a se comunicarem, qual sentido tal iniciativa acarreta ao próprio entendimento da comunicação e, também, aos indivíduos?

Broadcast yourself (Youtube), *Mostre quem você é! Comece um blog*. (Wordpress), *What are you doing?* (Twitter), *Compartilhe suas fotos e vídeos, explore o mundo* (Flickr). As chamadas evidenciam as múltiplas formas de participação disponíveis no universo *online* e caracterizam-se por um elemento comum: “o mostre quem você é”. Seja por vídeo, imagem, ou texto, o importante é comunicar aos outros um pouco sobre você. Compartilhar a vida cotidiana é a ordem da vez. As noções de público e privado alteram-se na visibilidade da rede. Para tornar-se visível nada melhor do que tornar público o seu espaço privado. O interesse pela vida privada alheia não é algo novo, a história do jornalismo trás inúmeros exemplos de colunas sociais com detalhes sobre os bastidores da vida de celebridades, personalidades ilustres e políticos. A novidade não reside na “exploração” da vida alheia e das atividades do cotidiano mais banal, mas sim na ampliação da visibilidade, devido às múltiplas possibilidades de

conexão à rede, mas também na possibilidade do indivíduo comum ser o produtor dessas informações. A produção, edição, redação e seleção do que será posto a apreciação pública é, hoje, possível de ser realizada através de celulares, câmeras digitais, filmadoras, entre outras ferramentas. Blogs, Flickr, My Space ou Orkut tornam-se espaços onde os indivíduos tecem a narrativa de suas identidades à coletividade e estabelecem formas de sociabilidade *online*. Uma vez na rede, os próprios indivíduos são passíveis de se tornarem um evento midiático. A essa virtualização da existência humana, Sodré (2007) chama de *mediatização*. Esta, não nos diz o que é a comunicação, mas caracteriza-se como um pensamento comunicacional sustentado pela idéia de uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias de comunicação. Nesse sentido, o conceito nos serve como orientação à interpretação de determinados fenômenos contemporâneos alicerçados nas práticas midiáticas.

A tendência à virtualização das relações humanas e a articulação das tradicionais instituições sociais, bem como de determinadas pautas individuais de conduta, com a mídia dá origem a um novo âmbito onde se desenrola a existência humana, chamado por Sodré (2002) de *bios midiático*. Cabe salientar que o autor não fala de um “mundo paralelo”, pelo contrário, Sodré (2002) percebe a ideologia tecnicista, a valorização da forma em detrimento ao conteúdo e como isso se articula às atuais tecnologias de comunicação e informação. Portanto, o novo bios em questão não se caracteriza como um novo mundo, em verdade, como simulacro que, não só dialoga com a realidade cotidiana, mas também a altera e transforma.

Numa ordem social organicamente constituída por informação (mídia em tempo real, computadores, satélites, ambientes virtuais, etc.), o espaço é a própria informação, portanto um novo “solo” para um novo bios. (SODRÉ, 2002, p. 195).

Ainda segundo o autor, ao converter-se em evento midiático, isto é, ao existir na realidade virtual, o indivíduo se coloca diante de uma nova relação com as referências concretas, isto porque essa produção performática do “tornar-se visível” confere uma interpretação distorcida da realidade. Na realidade, o que se coloca como central na discussão é a representação e apreensão do mundo através de imagens e a nossa relação com as mesmas, num contexto de intensa mobilidade. Distorcida ou não, a interpretação da realidade é captada, predominantemente, pela ampliação da visão.

A supervalorização do olhar, logo acentuada e intensificada pela difusão das técnicas publicitárias, incidiria sobretudo no refinamento da sua capacidade de captar o movimento, em vez de se concentrar, como era o hábito tradicional, sobre objetos de contextos estáticos. (SEVCENKO, 2001, p. 65)

A ampliação de onde a vida dá-se a ver, como pontua Bruno (2004), devido às múltiplas possibilidades de conexão à internet e à estrutura temporal (24 horas) da rede, nos coloca diante da passagem da mera instrumentalidade técnica para a problemática da geração do real próprio. Berger (1985), ao questionar-se como a atividade humana produz o mundo das coisas, pontua que a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de nosso corpo e do “agora” do presente, para em seguida dizer que aquilo que é “aqui e agora” é o *realissimun* de nossa consciência, isto porque a realidade da vida cotidiana já aparece objetivada antes mesmo de nosso nascimento e apresenta-se como um mundo intersubjetivo. Sabemos que participamos da realidade da vida cotidiana juntamente com outros homens, por isso esta se torna “a realidade”, por ser factidade não requer verificações.

Sei que minha atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural de outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do “aqui e agora” de seu estar nele e têm projetos de trabalho nele. (BERGER, P. 1985, p. 40).

Parece ser que nessa apresentação do *eu* na virtualidade, nessa virtualização da existência, tornar visível a realidade da vida cotidiana ganha imenso valor. Talvez isso explique a indagação do popular Twitter (“*What are you doing?*”) e o incentivo a tornar público os eventos da vida cotidiana, de modo que a ordenação temporal dos mesmos possa ser compartilhada com outros indivíduos, contribuindo para legitimar aquilo que se vê. Dessa maneira a existência virtual é alimentada pela experiência cotidiana, marcada pelo ato de apresentação de um “eu” a ser partilhado com um “outro”, anônimo ou não, que se dispõe assistir a essa apresentação. Podemos falar então de um processo de narração da identidade e também da constituição de um jogo de poder calcado na dinâmica do “tornar-se visível”. Se para Foucault (1977 *apud* THOMPSON, 2008) o jogo de poder da visibilidade se circunscrevia ao compartilhamento de um domínio comum, físico, o que presenciamos hoje é, ainda mais, complexo, afinal, como bem aponta Thompson (2008), podemos testemunhar acontecimentos “descolados” do tempo-espço. Ou seja, as formas tradicionais de vinculação já não são suficientes para entender o processo constitutivo dessa realidade virtual, pois os vínculos fazem-se e desfazem-se ao alcance de um clique, não sendo, necessariamente, constituídos por laços fortes. Nem por isso, tais relações devem ser tachadas de insignificantes. Por isso, como dito anteriormente, entender o ciberespaço enquanto espaço social praticado possa

auxiliar no entendimento dessa “nova” forma de vinculação, isto é, em como, a partir da virtualização da existência, vão se construindo contextos válidos para as ações dos indivíduos, bem como para sentimentos de pertença, sem que isso – numa condição *a priori* – represente o suplantamento da realidade.

“[...] num mundo onde a capacidade de experimentar não está mais ligada à atividade do encontro, como podem relacionar experiências mediadas aos contextos práticos da vida cotidiana? Como se podem relacionar com eventos que acontecem em locais distantes dos contextos em que vivem, e como podem assimilar a experiência de acontecimentos distantes numa trajetória coerente de vida que devem construir para si mesmos?” (THOMSPON, J. B, 1998, p. 182)

Através da linguagem marcamos nossas vidas na sociedade e enchemos esta de significado, evidente que a comunicação e a interação são imprescindíveis para nossa existência na vida cotidiana. Se a linguagem produz realidade e sendo a mídia uma técnica política de linguagem, tal qual pontua Sodré (2002), a última torna-se formadora e interventora da consciência humana. Soma-se a isso, uma vez mais, a questão da temporalidade, uma vez que esta é propriedade intrínseca da consciência, como afirma Berger (1985). “A estrutura temporal da vida cotidiana fornece a historicidade que determina minha situação no mundo da vida cotidiana” (Berger, 1985, p. 44) e é, também, através dessa estrutura temporal que a vida cotidiana conserva seus sinais de realidade. Acontece que o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação vem ampliando o alcance dos discursos (da linguagem). Uma vez que o tempo do fluxo de informação vem sendo chamado de “tempo real”, teríamos o comprometimento da própria periodização da existência, segundo Sodré (2002). Talvez, por isso, o autor acabe sendo um tanto quanto dramático em relação à identidade, que para ele, na virtualidade retornaria ao grau zero do sujeito, desprovida de sentido e acúmulo histórico de significações. Mas afinal, quem são os atores do tempo real? Somos todos nós?, Quem de fato utiliza a seu favor esse tempo real?, questiona Santos (2008), para logo completar que aquilo que chamam de aldeia global, convergência de momentos não é, ainda, patrimônio coletivo da humanidade, embora esse ideal seja alcançável.

Nesse sentido, as indagações do autor nos auxiliam a refletir sobre quem estamos falando. Além disso, o que falar, por exemplo, dos movimentos identitários presentes na internet que caminham à margem oposta da assertiva de Sodré (2002)? Ao contrário do que se supunha como adverte Wolton (2006), quanto mais os homens entram na globalização, mais querem afirmar suas identidades. “E, aliás, a maior parte dos conflitos políticos, desde o fim do Leste-Oeste, está ligada tanto à afirmação da

identidade cultural quanto à busca de uma coabitação autêntica” (Wolton, D., 2006, p. 20). Segata (2008), em sua pesquisa no Orkut, percebeu um intenso movimento de retorno a terra, ao local, mesmo com todas as possibilidades de desterritorialização oferecida pelo ciberespaço. No “ambiente de Lontras”, comunidade criada pelo autor para desenvolver sua pesquisa, as formas de ligação construíram-se a partir de um local que era significativo no passado de seus participantes, se existiu algum presenteísmo, como aponta Segata (2008), ele foi construído, em grande parte, à custa da memória, do passado. Por isso, a argumentação de Sodré (2002) requer cuidados, como forma de se não escapar, ao menos, tentar evitar os efeitos de causa e consequência que o tema pode suscitar. Sendo assim, como veremos adiante, há todo um contexto a ser levado em conta no que diz respeito à questão da identidade na atualidade, não só a ambiência virtual e a tecnologia, mais uma vez, sob o olhar de causa e efeito.

Posto isto, temos que em uma sociedade intensamente midiaticizada, cada vez mais, as tecnologias de comunicação participam do relacionamento entre indivíduos e realidade e, mais do que isso, interferem diretamente sob os processos de individuação das consciências, em um contexto marcado pelo ambiente virtual e sua articulação com formas de sociabilidade e participação cidadã, representada na figura dos movimentos altermundistas, sociais, étnicos, e também da aglutinação de grupos *punks*, neonazistas, ou *skinheads*, entre outros. Se o núcleo teórico da comunicação compreende em entendê-la em sua capacidade de gerar vinculação, de modo que os indivíduos possam tornar o mundo inteligível de maneira afim e criar (e manter) um sentimento de pertença, cabe aos pesquisadores da área buscar na rede não as formas de interação, mas sim os sujeitos e os usos que estão sendo feitos da tecnologia, ou seja, aquilo que leva alguém a estabelecer uma prática comunicativa e a maneira como tal atividade se relaciona aos processos de formação do próprio sujeito, além de contribuir para a construção de um espaço válido para a expressão de idéias, opiniões, sentimentos, etc. Contudo, isso não significa que a presença e extensão da rede seja suficiente para integrar os indivíduos. Os conflitos da realidade concreta também se apresentam no universo *online*, como foi dito anteriormente, o que nos leva, no entanto, a inverter a afirmação de Castells (1999) de modo a dizer que existem redes na sociedade. Isto é, nem todos estão *na* rede e nem aqueles que estão participam *da* mesma rede. É a consciência dos indivíduos, seus anseios, aspirações ou demandas que criam determinada rede e não o contrário. Assim, também, avalia Wolton (2006) a relação da mídia e da internet com os movimentos de opinião pública e com as ONG's, ao dizer

que a mídia influencia e acelera os movimentos de opinião, mas não os cria, do mesmo modo que a internet presta serviço às ONG's, sendo a consciência militante sua criadora.

Ao discorrer sobre os argumentos para a integração da Europa em rede – com a interconexão de universidades e centros de investigação – Wolton (2002) questiona os apelos à construção de um “saber europeu”. Para o autor, a facilidade de acesso a dados e informações está distante do quadro real, onde estão as verdadeiras dificuldades para se estabelecer uma integração cultural. “A noção de integração possui outros fundamentos. Ela requer a presença de relações sociais e não apenas a materialidade da técnica” (ORTIZ, 2006). Para o autor, ainda que a comunicação seja um dos pilares da interação social, há de se levar em conta o papel das instituições, dos processos socializadores, além das diferenças de padrões culturais entre os indivíduos. Como bem aponta Ortiz (2006), em alguns casos, a conexão técnica segrega, ainda mais, determinados grupos de indivíduos, por exemplo, identidades religiosas que reforçam sua memória coletiva no ciberespaço. Para Wolton (2006), essa contradição existente entre a ascendência das possibilidades de conexão e o reforço/preservação da identidade corresponde a um duplo desafio inerente à comunicação: a relação entre eu e o outro.

Comunicar é ser, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também fazer, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também agir. Mas é igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele. (WOLTON, D. 2006, p. 15)

As facilidades na troca de mensagem e acesso aos receptores tornam mais visíveis as diferenças culturais e sociais dos processos de comunicação, revelando, por vezes, que a intercompreensão entre os indivíduos não é proporcional à eficácia das técnicas. Nesse sentido, a conexão em rede não garante, efetivamente, a práxis comunicacional⁶, ou um comportamento mais cidadão, democrático, como alguns discursos querem fazer crer. A visibilidade do mundo, como adverte Wolton (2006) não basta para torná-lo mais compreensível e isto se deve, entre outras coisas, ao fato de que visibilidade não é comunicação. Ora, se a identidade se constrói por oposição (“eu” e o “outro”), estar conectado ao mundo pode produzir o sentimento de ameaça, uma vez que expostos facilmente à diversidade cultural, devido ao avanço técnico, não compactuamos de maneira homogênea de um mesmo modelo cultural e social para que a comunicação se

⁶ A práxis entendida enquanto atividade do sujeito perante o mundo, transformando-o e transformando-se a si próprio, por corresponder à ordem existencial, sua existência só é lógica se alia teoria e prática. Logo, a noção de ‘práxis comunicacional’ enceta problematizações do próprio saber comunicacional.

efetive. Repensar o papel da comunicação nessa relação entre “eu” e o “outro” torna-se fundamental, bem como questionar a idéia disseminada da interatividade como forma de construção de “um mundo sem fronteiras” e admitir os conflitos existentes no processo comunicacional, para além da transmissão de informação, o que implica em assumir certas fragilidades inerentes à comunicação. Isso não significa estar alheio as mudanças que o “estar-conectado” proporciona, mas sim, como afirma Sodré (2006), retomar as relações entre mídia, sociedade e cultura e suas imbricações com o sujeito, entendendo as novas formas de vinculação propiciadas pela internet em seu paradoxo: como radicalidade da diferenciação e aproximação entre sujeitos. Ainda caberiam aqui outros questionamentos: Como os conflitos do cotidiano *offline* atuam nessa comunicação em rede? Até que ponto o ciberespaço não reproduz determinados comportamentos presentes na sociedade? De que maneira as relações de poder o permeiam?

Há de se salientar que a comunicação é um dos aspectos da cultura, um ponto importante para os indivíduos interagirem socialmente. Seguindo o pensamento de Wolton (2002), todos nós estamos atados a padrões culturais específicos. Por isso os constantes chamados de atenção, por parte desse autor, às outras duas dimensões da comunicação (além do aspecto técnico), que são: 1) o modelo cultural e 2) a organização social. As dificuldades nas operações de conexão no campo cultural não são meramente uma questão de mais informação entre uns e outros, mas sim a falta de um quadro comum de interpretação da realidade. Segundo o autor, o compartilhamento em rede na Europa, depois da integração via União Européia, obteve muito mais sucesso no plano econômico. Geertz (1989), em sua discussão sobre o ser-humano e sua relação com a cultura, a coloca em questão sobre outro foco: os mecanismos de controle. Estes, segundo o autor, se oporiam a dimensão de costumes, usos, tradições, pois tem muito mais a ver com a idéia de planos, receitas, instruções para governar o comportamento humano. Assumir essa última perspectiva significa encarar a cultura enquanto pré-condição para a evolução humana e, mais do que isso, enxergá-la enquanto construção permanente e não como algo finalizado. Para Geertz (1989) o pensar consistiria num tráfego entre aquilo que foi chamado de símbolos significantes (palavras, gestos, música, desenhos, etc.). Estes, por sua vez, são utilizados para dar significado à existência humana. Nesse sentido os padrões culturais seriam “amontoados” ordenados de símbolos significantes criados historicamente pelo homem para encontrar sentido nos acontecimentos vividos. É importante salientar que o caráter público do pensamento, atribuído por Geertz (1989), relaciona-se ao fato dos símbolos

já estarem presentes na sociedade desde o nascimento do indivíduo e, após a sua morte, continuarem a existir. É por meio desse jogo de construção que a cultura se constitui num dos aspectos da evolução humana e adquire um caráter para além da concepção instrumental, sempre numa relação de via dupla com os homens, isto é, moldando-os e sendo moldada. Perceber esse mecanismo de interação nos possibilita repensar como o homem acumula, em sua formação, tais padrões culturais, ou seja, refletir sobre a construção da realidade humana e, sobretudo, entender o papel da informação nesse processo.

“Entre o que o nosso corpo nos diz e o que devemos saber a fim de funcionar, há um vácuo que nós mesmos devemos preencher, e nós o preenchemos com a informação (ou desinformação) fornecida pela nossa cultura” (GEERTZ, 1989, P.36). Num cenário onde as novas tecnologias de comunicação estão, cada vez mais, avançadas, no sentido de transmissão de dados, assistimos não só a uma intensa circulação de informação, mas também à mundialização dos símbolos, sem que isso signifique, no entanto, uma melhoria na intercompreensão entre os indivíduos, afinal o progresso das novas tecnologias de comunicação e informação mostram-se claramente relacionados à intensificação do modelo Ocidental de racionalidade, em detrimento a outras culturas e outros sistemas de valores. Ao pensar na produção dos materiais simbólicos, nos colocamos diante de um quadro desigual de produção e disseminação dos mesmos e é, justamente, esse descompasso participativo que chama atenção de diversos autores, entre eles Canclini (1999), Martín-Barbero (2003, 2001), entre outros. É diante desse cenário que o ciberespaço torna-se um local de (re) elaboração cultural, onde se criam e recriam as narrativas identitárias. Desde essa perspectiva é que grupos minoritários, como índios, negros, camponeses ou imigrantes, lançam-se ao ciberespaço. “Dar voz a quem não tem voz”, isto é, existir na imagem, tornar-se aparente a um grande número de pessoas, o que para Sodré (2002) constitui-se num espaço sem lugar: “reflete o lugar onde estou, mas não me faz encontrar ali onde me vejo” (SODRÉ, 2002, p. 154). No entanto, como aponta Mayans i Planells (2002), a qualidade singular do ciberespaço é a não obrigatoriedade do compartilhamento físico e corporal para o estabelecimento de relações sociais. As ‘categorias’ para tal tornam-se eletivas, parte da apresentação escolhida pelas pessoas, que podemos colocar no mesmo nível de interesses culturais, preferências culinárias ou gostos musicais. Isso porque, para o autor estamos nos referindo a um espaço social por natureza. Talvez, por isso, o apelo em uníssono   participação do sujeito no ciberespaço se d  em torno das experiências do cotidiano

“banal”, de maneira a assegurar que a sensação de que somos todos iguais e, portanto, vinculados/pertencentes ao mesmo mundo. Quando, no entanto, o que assistimos, apesar de tal iniciativa, são múltiplas formas de se fazer existir no ciberespaço, operando a partir de contextos específicos. Destarte, ao mesmo tempo em que podemos observar certos aspectos culturais semelhantes nessa empreitada, ou, ainda que o mundo Ocidental impulsione determinados vieses de seus códigos culturais, estendendo-os a milhares de pessoas, presenciamos a marcação das identidades como forma de diferenciação. Isto nos conduz à contraposição da afirmação de que a homogeneização cultural equivaleria à homogeneização das identidades. Ao que tudo indica o centro da tensão reside no “conflito” entre local x global (territorialização x desterritorialização), e nas complicadas imbricações entre identidade, tradição, memória e virtualidade.

Pretendemos, a seguir, nos deter na presença indígena na internet, dentro do quadro de reorganização de ações coletivas em rede desenvolvido a partir dos anos 70 e impulsionado, principalmente, nos anos 90, não por acaso dentro do contexto da “sociedade da informação” e do *boom* dos discursos de reivindicação das diversas identidades indígenas. Tal investida se dá mediante a necessidade de tratar com maior densidade os temas até aqui discutidos.

2 INTERNET, MINORIAS E IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DO ÍNDIO NA REDE

Um sistema de nós interconectados define uma rede? Sim e não. Sim, porque ao analisar o sistema em si, a partir de suas características operacionais, é possível definir uma rede⁷. Não, se desejarmos entendê-la a partir da construção humana, que permite a comunicação entre diversos sujeitos, através de um sistema operacional, tornado-a um “organismo vivo”. Nesse sentido, mais do que a interconexão entre diversos nós, uma rede é mais um local em constante transformação, de intensa mobilidade e que constrói sua identidade, objetivos e projetos a partir da dinâmica dos indivíduos que abarca. Para Scherer-Warren (1998) uma das maneiras de estudá-las consiste em analisá-las a partir de três dimensões: 1) tempo social (articulação entre passado, presente e futuro); 2) território (como se sustentam levando em conta o local e o global); 3) sociabilidade

⁷ A definição de rede a partir da conexão de nós é bastante explorada por Castells (1999), o qual atribui as mesmas a intrínseca condição de ligar ao mesmo tempo em que isola as partes envolvidas, fato que será discutido ao longo do presente capítulo.

(vínculos criados a partir da rede, relação entre *online* e *offline*, articulações políticas entre os atores da rede e organizações). Para a autora podemos, desta forma, captar os sujeitos coletivos emergentes nesse cenário tecnológico, bem como observar vários movimentos identitários presente em tal contexto.

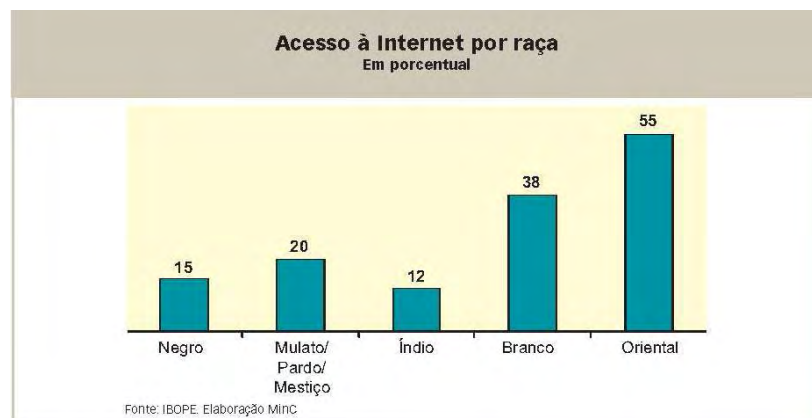
A popularização do estudo das redes, sobretudo às ligadas aos movimentos sociais, teve seu boom na década de 90, justamente no contexto de discussão da chamada ‘sociedade da informação’ e da apropriação da internet pelos movimentos sociais. Impulsionados pelo sentimento de unir forças em âmbito global, tais movimentos, como aponta Moraes (2003), definem-se com propostas de diluição de hierarquia entre os participantes, aperfeiçoando táticas de denúncia, resistência e insurgência contra o *status quo*. Para o autor, um dos ganhos dessa investida estaria na potencialidade de criatividade social para a constituição de uma participação cidadã dos indivíduos a partir de tal dispositivo. Como salienta Castells (2003), a apropriação da internet pelos mais variados movimento sociais insere-se na crise das organizações tradicionais, sobretudo de orientação política, evidenciando certa tendência de coalizões em torno de objetivos muito específicos, tais como direitos humanos, meio ambiente, direitos das mulheres e indígena. Scherer-Warren (2006) aponta que nas articulações em rede é possível verificar a transversalidade das temáticas, pois é comum, por exemplo, o discurso do movimento feminista vincular-se à protestos anti-racistas. Por isso a autora afirma ser comum a passagem da defesa de um sujeito identitário à defesa de um sujeito plural. Muitas vezes, as ações giram em torno de campanhas ao invés das antigas associações e são organizadas através de valores e idéias. Outra característica apontada por Castells (2003) é a necessidade de articular causas locais a protestos globais, de maneira que evidenciamos os conflitos entre o local e o global na esfera de poder e tomada de decisões. Estar atento a esta série de características se faz necessário para observar o funcionamento das redes, independente de sua temática, a fim de comprovar (ou não) a presença ou ausência de determinada característica, bem como questionar o próprio entendimento dos participantes atuantes sobre o assunto.

Monasterios (2003) afirma serem os anos 90 o momento ápice dos discursos de reivindicação das diversas identidades indígenas latino-americanas. O caso de Chiapas⁸

⁸ O levante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZNL) contra o Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) ganhou proporções mundiais através da Rede, contribuindo para mostrar as condições das populações indígenas mexicanas, dando visibilidades a esses povos. Uma análise apurada do evento encontra-se em DI FELICE, Massimo. Votan Zapata – A marcha zapatista e a sublevação temporária. São Paulo: Xamã, 2003.

é tido como marco fundador da aproximação entre a internet e o movimento indígena, bem como um estimulante aos estudos que se ocuparam das transformações nos movimentos sociais proporcionados pela conexão em rede. No caso do Brasil, especificamente, a presença indígena no ciberespaço é, ainda, bastante minoritária e se verifica por meio de blogs, sites e portais. Pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas⁹, no ano de 2003, a partir de dados do IBGE e do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) revelou 3,72% de acesso à internet pelas populações indígenas brasileiras. A princípio o número é bastante ínfimo, mas devemos levar em conta que a pesquisa considerou apenas o acesso em domicílio, fato que dificulta o mapeamento das populações indígenas com acesso à internet, pois sabemos das dificuldades socioeconômicas do grupo em questão. Em contrastes com esse resultado, a publicação *Cultura em Números - Anuário de Estatísticas Culturais 2009*¹⁰, do Ministério da Cultura, reúne dados de 2006-2007 sobre os mais variados indicadores culturais, entre os quais a internet. Como pode ser observado na tabela abaixo, 12% da população indígena tem acesso à internet, revelando o pior índice ao lado dos negros (15%), fato que nos leva aos indicadores socioeconômicos dos grupos em questão, além da própria relação dos mesmos com a História do país.

Quadro I¹¹



O gráfico mostra o percentual de acessos à Internet por raça. A demanda por acesso varia de 55% a 12%. A média de acessos à Internet por raça é de 28%. Os números indicam maior acesso por parte da população oriental e branca.

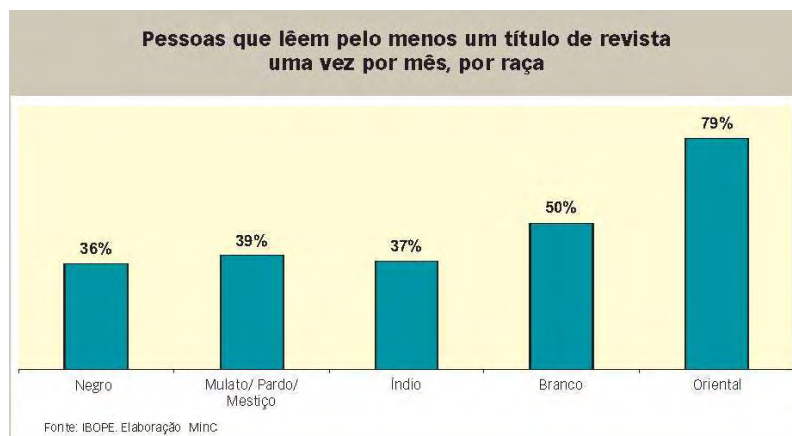
⁹ Ver detalhes em: NERI, Marcelo Côrtes. Mapa da Exclusão Digital. Rio de Janeiro: FGV/ IBRE, CPS, 2003.

¹⁰ O portal UOL também apresentou, neste ano de 2009, uma pesquisa com dados sobre a penetração da internet no Brasil. Ainda que o foco esteja voltado à conquista de anunciantes, a pesquisa apresenta informações interessantes sobre o crescimento da internet no Brasil. Disponível em: <http://publicidade.uol.com.br/amidiaquemaiscresce/>

¹¹ Gostaríamos de salientar que, embora utilizemos tais indicadores governamentais, discordamos da classificação por raça por entendermos que o conceito de raça trata-se de uma construção social. Tal esquema classificatório perpetua uma ordem de valoração criada, historicamente, pelo Homem vinculada a processos de dominação.

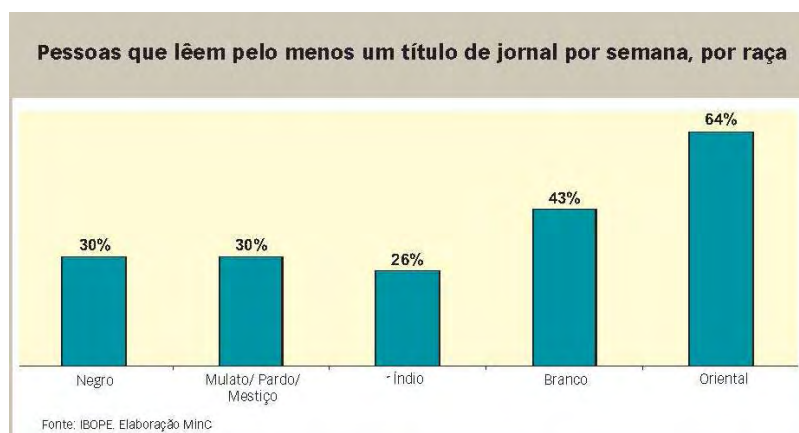
Observamos, também, outros indicadores do universo dos meios de comunicação, afinal a questão da exclusão digital não deve ser tratada e pensada somente a partir da presença ou ausência de computadores acessíveis aos indivíduos. Os dados são úteis, então, para se pensar políticas públicas de comunicação alinhadas com outras demandas sociais como, por exemplo, o acesso à educação e a diminuição das desigualdades socioeconômicas. Os índices sobre revistas e jornais revelam, novamente, índios e negros com baixos percentuais, desta vez no quesito leitura. No entanto, os dados nos apontam para a familiaridade do índio com o idioma, excluindo a visão do “índio selvagem” da floresta.

Quadro II



O gráfico mostra o percentual de pessoas que lêem pelo menos um título de revista, uma vez ao mês, segundo a raça. O percentual varia de 79% a 36%. A média de leitura segundo a raça é de 48,2%. Entre os grupos pesquisados, o grupo dos orientais apresentou o percentual mais elevado

Quadro III



O gráfico mostra o percentual de leitura por raça. Estes variam entre 64% e 26%, e a média é de 38,6%. Os orientais apresentaram o maior percentual de leitura desse meio de comunicação.

Em pesquisa realizada por Pereira (2008), também temos dados sobre a apropriação da internet pelos povos indígenas brasileiros. Em seu mapeamento no ciberespaço, a autora identificou iniciativas de organizações indígenas e organizações não governamentais (ONGS), e do governo federal. Este, em 2006, através do Ministério da Cultura em parceria com o Ministério das Telecomunicações e do Ministério do Trabalho Rural, lançou os Pontos de Cultura para a disponibilização de computadores ligados à internet nos postos de saúde da FUNASA nas aldeias. Durante sua pesquisa, entre 2005 e 2008, Pereira (2008) ainda fez o levantamento de 37 sites indígenas de etnias situadas no Brasil, constatando que a participação dos mesmos se faz predominantemente por meio de organizações indígenas, com abrangência local, nacional e regional, fato que reforça o uso da internet enquanto local de luta pelos direitos indígenas e reivindicação política. Monasterios (2003) explora justamente o uso da internet por organizações indígenas e pontua que as dificuldades mais comuns entre os sites analisados foram a comunicação escrita e o conhecimento de informática para administrar as páginas da web, além de outras demandas básicas, porém necessárias para acessar a internet, como linha telefônica e eletricidade. Tais dificuldades contribuem para o acesso ainda tímido da população indígena à internet. Apesar disso, Monasterios (2003) observou a inserção dos discursos das organizações indígenas analisadas nos processos de globalização e a articulação de seu uso com as idéias de identidade presente nesses espaços. Ainda que seu estudo seja realizado com organizações indígenas equatorianas, ele dialoga com a presente pesquisa por entendermos que se constituem como temas afins, podendo gerar (ou não) aproximações interessantes.

Entre os índios brasileiros, o uso da internet tem possibilitado a construção não só de espaços *de* e *para* a comunicação, além de ser um local para reforçarem e reivindicarem sua identidade e se promoverem culturalmente. Foi a partir dessas idéias que surgiu, no ano de 2002, a Rede Índios Online, um portal¹² de diálogo, encontro e troca intercultural, que valoriza a diversidade e facilita a informação e a comunicação para sete nações indígenas: Kiriri, Tupinambá, Pataxó-Hãhãhãe, Tumbalalá na Bahia, Xucuru-Kariri, Kariri-Xocó em Alagoas e os Pankararu em Pernambuco. Por meio dos pontos de acesso à internet do programa governamental Pontos de Cultura, os índios se

¹² A Rede Índios Online se auto-considera e é classificada como portal porque tem 100% de foco em seu público alvo, apresentando “conteúdo verticalizado”, isto é, específico ao seu público alvo. Além disso, apresenta ferramentas de relacionamento com o público (como o blog, lista de e-mail) e formas de comunicação sincrônica (como o chat).

conectam à Rede em suas próprias aldeias, o que os permite estabelecer uma aliança de estudo e trabalho. Os objetivos da Rede Índios on-line, verificados no próprio endereço eletrônico do portal (<http://www.indiosonline.com.br>), são reveladores em relação às pretensões das comunidades participantes:

Promover aos próprios índios pesquisarem e estudarem as culturas indígenas. Resgatar, preservar, atualizar, valorizar e projetar as culturas indígenas. Promover o respeito pelas diferenças. Conhecer e refletir sobre o índio de hoje. Salvar os bens imateriais mais antigos desta terra Brasil. Disponibilizar na internet arquivos (textos, fotos, vídeos) sobre os índios nordestinos para o Brasil e o Mundo. Complementar e enriquecer os processos de educação escolar diferenciada multicultural indígena. Qualificar índios de diferentes etnias para garantir melhor seus direitos. (QUEM SOMOS, 2008).

Através dos objetivos da Rede, que se inserem na apresentação oficial de seu “programa”, percebemos que não há um projeto de transformação social, com vistas a modificar o *status quo*, tampouco uma definição clara de adversários e opositores, fato que nos leva a não encará-la a partir das definições clássicas de movimento social. No entanto, isso não diminui sua importância, pois tanto a sua apresentação como a própria dinâmica da Rede mostra, como veremos a seguir, o desenvolvimento de um trabalho com vistas a fortalecer o movimento indígena e uma preocupação em se pensar o índio hoje. Percebe-se na apresentação da Rede, a percepção da dimensão e possibilidades abertas pela presença no ciberespaço, representada pela necessidade de divulgar fotos, textos e vídeos para o Brasil e o Mundo.

Como conteúdos centrais do Índios Online, podemos destacar o trio cultura, educação e meio ambiente, articulados a partir dos interesses relacionados abaixo:

Quadro IV – Temas de destaque

CULTURA	Respeito às diferenças, preservação, atualização, valorização.
MEIO AMBIENTE	Preservação da natureza, melhoria na relação do homem com o meio ambiente
EDUCAÇÃO	Educação para garantia de direitos, educação multicultural, qualificação

Através da tabulação observamos a transversalidade dos conteúdos observada por Scherer-Warren (2006), o que nos permitirá entender como este conteúdo relaciona-se com o público-alvo da Rede, contribuindo para delinear um quadro de

empoderamento (ou não) dos mesmos. Isto porque, apesar das Redes serem comumente caracterizadas por suas horizontalidade, o público-alvo nem sempre tem autonomia, ou constituem-se como o “lado fraco” nas participações e processos de construção da Rede.

A Rede Índios Online conta com a participação da THYDÊWÁ, – associação civil de direito privado sem fins lucrativos, legalizada em agosto de 2002. A participação dos índios é voluntária e, em todas as comunidades, há jovens e adultos, homens e mulheres, que colaboram com o projeto. Os índios pesquisam sua cultura (há cursos e fóruns participativos no portal), resgatam suas histórias, preservam as tradições e partilham seus conhecimentos. São eles que escrevem, tiram fotos, filmam e publicam o conteúdo do site. E é justamente na produção de conteúdo, especificamente do canal Diários (atual Arquivos¹³), que reside o interesse da presente pesquisa. No entanto, não queremos antecipar aqui os questionamentos e objetivos que nos impulsionaram à pesquisa de tal objeto, de tal modo que caberá ao terceiro item da presente pesquisa tratar do tema em sua profundidade. Por hora, nos pareceu necessário uma apresentação mais minuciosa da Rede Índios Online, uma vez que o objeto de nossa pesquisa, o blog Diários (atual Arquivos), encontra-se no interior da dinâmica da própria Rede, fato que nos leva a dar devida atenção à mesma. Assim, fomos tomados pelo seguinte questionamento: Qual o entendimento desses indivíduos sobre a idéia de rede? Por que acreditam ser importante estar visível no ciberespaço? Quem coordena a Rede? Como os conflitos do cotidiano *offline* atuam no ciberespaço? Decidimos, então, elaborar duas etapas de entrevistas sobre os respectivos temas: “*Um pouco sobre o funcionamento do Índios Online*” e “*A presença indígena no ciberespaço*”, de modo a identificar determinados aspectos que levantamos nas discussões realizadas anteriormente, sobretudo em referência aos temas relacionados à identidade, visibilidade e comunicação. Desta forma, o presente capítulo divide-se em dois subitens: o primeiro traz uma apresentação mais atenta à Rede Índios Online, seus aspectos técnicos, construção e sua relação com os participantes. Já o segundo, explora questões relativas à identidade, abordando o conceito de minoria e tradição no contexto do ciberespaço e do atual desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação.

2.1 A experiência do índio na Rede Índios Online

¹³ Como veremos a seguir o canal Diários mudou o nome para arquivos devido as transformações sofridas na Rede no decorrer de nossa pesquisa.

Em meados de 2008, quando iniciamos nossas incursões na Rede Índios Online, nos deparamos com um espaço marcado por um *layout* repleto de elementos gráficos remetendo ao trançado de cestos de sisal, o menu de canais representado por um bambu e uma seleção de cores, com tons marrons e pastéis, em referência a terra, o que nos ativou determinada idéia de índio, nesse caso específico, àqueles que vivem em aldeias (ao menos em nossa imaginação). Esse primeiro contato foi essencial para despertar curiosidades no modo pelo qual estes índios enxergariam a si próprios, bem como a maneira pela qual os mesmos gostariam de ser vistos. As fotos dispostas na página inicial, provenientes do blog Diários (atual Arquivos), mostravam cocares dos mais variados tipos e tamanhos, colares com dentes de tigre, sementes, trançados, rostos pintados, crianças com roupas típicas e flautas de bambu, fato que nos lembrou as gravuras dos livros de escola. Automaticamente passamos a nos indagar sobre a constituição da subjetividade e sua relação com a cena comunicacional contemporânea, tendo em vista a ampliação da visibilidade a partir dos atuais dispositivos tecnológicos. Até que ponto não estaríamos sendo induzidos a reforçar a idéia de um índio de arco e flecha, com pinturas no corpo, vivendo em aldeias, tal qual as apostilas de escola trazem em suas páginas? Por outro lado, talvez, estaríamos diante de um primeiro convite, de modo a nos ambientarmos com a idéia de um índio *online*, para então saber, afinal de contas, que índio é esse? Independente da resposta, o fato é que estávamos diante de muitas imagens feitas pelos próprios índios e que, no entanto, poderiam se passar sossegadamente como construção não-índia.

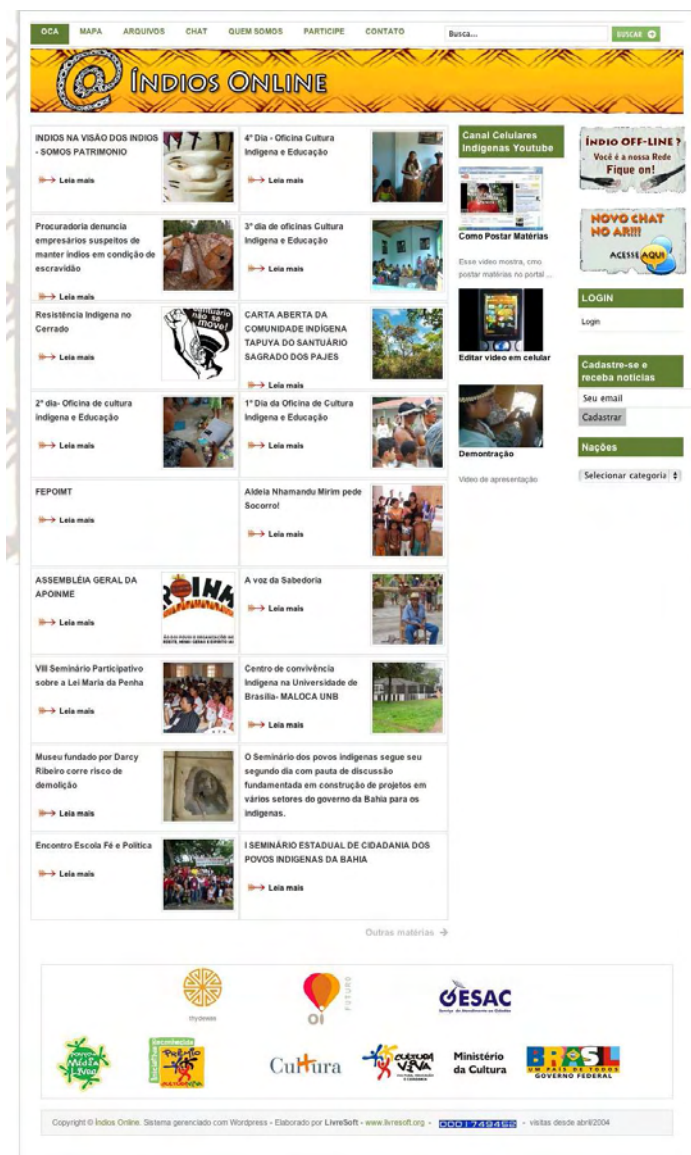


1. Em sentido horário temos o antigo layout do Índios Online e as fotos com as quais nos deparamos em nossa primeira incursão ao portal.

Monasterios (2003) em sua pesquisa com organizações indígenas presentes no ciberespaço observou que apesar da crítica, precisamente, à estereotipação e ao excesso do uso de símbolos tradicionalmente associados aos povos indígenas, as próprias organizações valiam-se, algumas vezes, de tais recursos com objetivo de incorporá-los, num primeiro momento para, em seguida, transformá-los através da dinâmica dos espaços criados no ciberespaço. Talvez, fosse essa a intenção do Índios Online, de modo que tais observações serviram de base para nossas etapas de entrevistas, como será apresentado no decorrer do presente capítulo.

Naquela época, não tão distante assim, a Rede Índios Online era coordenada por Alex Pankararu, que era encarregado da administração do portal e, portanto, figura principal para o desenvolvimento e manutenção do mesmo. No decorrer de nossa pesquisa presenciamos a atualização e transformação da Rede, que modificou não só o seu *layout*, embora os canais ainda permaneçam os mesmos, e contribuiu para a descentralização de sua administração. Em 2009, a Rede Índios Online Outra adotou o CMS *Wordpress*, software livre e gratuito que permite um gerenciamento dinâmico de conteúdo e possibilita, entre outras coisas, uma facilidade de uso por quem não tem conhecimentos específicos de programação. Por sua característica *open source*, o *Wordpress* possui código aberto, ou seja, milhares de desenvolvedores do mundo inteiro podem trabalhar nele ajudando a criar novos *plugins*¹⁴ e contribuindo para aperfeiçoar a ferramenta. Isso significa meio caminho andado para se criar uma boa página na internet e principalmente um blog uma vez que há *plugins* para diversas demandas, como por exemplo, adição de fotos e vídeos, gerenciador de estatísticas de visitantes e conteúdos acessados, entre outras especificidades, que se encontram à disposição de qualquer usuário desejoso por se aventurar na internet. Essa transformação operacional vai ao encontro das demandas dos coordenadores por assistência técnica em informática e demonstram uma das características da Rede Índios Online, que é estar em melhoria contínua melhora para possibilitar o seu crescimento, garantindo facilidades para a participação indígena.

¹⁴ Na informática, um plugin ou plug-in é um programa de computador que serve para adicionar funções a outros programas maiores, provendo alguma funcionalidade especial ou muito específica.



2. Atual layout do Portal Índios Online, já na plataforma do Wordpress

Outra mudança significativa é que a Rede passou a ser coordenada por representantes de cada etnia participante a fim de horizontalizar as relações, conferindo uma igualdade de importância nas decisões a serem tomadas. Hoje, são coordenadores 2 representantes da etnia Pankararu, 1 Kariri Xocó, 1 Guarani, 1 Terena, 1 Potiguara e 2 Tupinambá. No portal, a mudança foi anunciada oficialmente como uma forma de deixar Índios Online do jeito indígena. Através da fala de Graciela Guarani, coordenadora representante da etnia Guarani, podemos entender o significado da mudança:

Antes como era apenas um coordenador, quase tudo era direcionado a ele, e isso meio que o sobrecarregava, dificultando assim muitas ações, pois o mesmo não tinha pernas para resolver tudo, segundo porque, este modelo de um coordenador é muito na linha do não índio, e não é assim que queremos

trabalhar, pois queremos que tudo seja partilhado, então decidimos acabar com este modelo de um coordenador só, e criar um modelo mais compartilhado de coordenação. (Entrevista realizada por e-mail em 06-10-09 com Graciela Guarani).

Assim como na versão oficial, Graciela anuncia a mudança sob a ótica da partilha, enquanto valor indígena integrante do “ser índio”, da própria identidade indígena, o que nos leva a questionar a fala a partir de determinados valores oficializados pela sociedade em geral, isto é, em como se constrói a autenticidade do “ser índio”, sobretudo nas entranhas do ciberespaço, local teoricamente não habitado por indígenas legítimos. Será que há um limite entre aquilo que é socialmente aceitável e, portanto, sobre o que deve ou não ser considerado como parte da identidade indígena (e por que não das identidades em geral)? Nesse sentido, em que medida “o mundo real” se repete no ciberespaço, contrariando sua acepção como outro mundo, de liberdades e possibilidades infinitas? Ora, voltamos à questão do olhar do outro e como o ‘eu’ se constitui a partir desse olhar, especialmente na dinâmica das tecnologias de comunicação e informação, onde o corpo não está presente e o que temos é um espaço privilegiado para a construção de um ‘eu imagem’, como salienta Bruno (2004).

Passamos, então, à questão da visibilidade em seu sentido de existência. Quando Bruno (2004) fala de um “eu imagem”, atribui caráter performático a tal construção, questionando sua autenticidade, uma vez que o verdadeiro se construiria, segundo a autora, no ato de se mostrar a alguém, de tornar público atributos privados e não a partir de uma interioridade prévia. Sodré (2002) também segue por essa linha em *Antropológica do Espelho*, cujo nome sugestivo faz menção ao espelho enquanto lugar ilusório, aonde nos vemos e, no entanto, não nos encontramos, posto que é imagem sem lugar sendo, portanto, irreabilidade. Daí o autor afirmar que a identidade na virtualidade parece retornar ao grau zero do sujeito, neutralizando a pletora de sentido, o acúmulo histórico e as significações que são constitutivos da identidade. De certo modo, o pensamento de ambos autores dialogam, sobretudo por pensarem a ‘apresentação do eu’ no ciberespaço a partir do funcionamento midiático, ao mesmo tempo em que é, justamente, essa dinâmica, atrelada às noções da virtualidade, o elemento complicador da discussão. Isso porque se arraiga à conceituação do virtual determinada visão pejorativa, que o classifica como irreabilidade, utopia e fuga, como observado por Mayans i Planells (2006). Acresce-se a isso, a inserção da questão do autêntico no duplo aparência/realidade, perpassando novamente o virtual (espelho-irreal) e o real

(território-verdade), mas sempre com o argumento de que aquilo que se vê na tela é superficialidade e aparência. Como pondera Giddens (2002), ao discorrer sobre as imagens na era de comunicações eletrônicas e a imprensa, os meios de comunicação não espelham a realidade, mas em parte a formam.

Sabemos que a legitimação do mundo tal qual ele nos é apresentado e, portanto, nossa própria localização no mesmo, organizando aquilo que Berger (1985) chamou de biografia do homem, apresenta-se de maneira maciça, entre outras coisas, devido à atividade midiática, uma vez que esta opera com o universo simbólico. Por isso, podemos afirmar que a mídia tem participação fundamental no processo de construção da realidade e, por conseqüência, na operação daquilo que é considerado verdadeiro ou não. Através de seus códigos, constitui-se como uma atividade que exerce um “recorte” da realidade, trabalha com a dinâmica do ‘tornar visível’, decidindo o que deverá ou não ser apresentado, bem como a maneira de fazê-lo. Nesse sentido “What does not exist in the media does not exist in the public mind, even if it could have a fragmented presence in individual minds” (CASTELLS, M. 2007). Ainda segundo o autor, as tecnologias de comunicação, da chamada Era digital presentes num amplo domínio da vida social contribuem para o nosso espanto com o montante de imagens expostas e a influência da forma e efeito de tais mensagens. Sua relação próxima com o ciberespaço, nos leva a dizer que este se constitui, também, num local de construção da realidade, a partir de operações já existentes, a saber, dentro de um modelo social específico, com valores singulares e características próprias. Ou seja, a dinâmica em si não muda, o que muda é a ampliação do local aonde os conflitos inerentes à geração do real próprio se dão a ver e a participação dos indivíduos, numa espécie de evento midiático, em tal configuração. Uma reflexão cabível seria nos indagarmos sobre aquilo que não vemos como forma de buscar outras verdades e, porque não, (re)trabalhar as noções de autenticidade.

Por termos, cada vez mais, tecnologias que operam com o universo simbólico, ligadas aos processos de construção do ciberespaço tanto em termos técnicos como sociais, é que surge a necessidade de legitimar as identidade nesse contexto, de maneira a ter representação nesse espaço. A maneira como isto se fará, dependerá de inúmeros fatores, sendo a ‘apresentação do eu’ um dos elementos da extensão das identidades no ciberespaço, cuja validação no sentido de existência não se dá somente pela projeção imagética (lembramos daquilo que é socialmente aceitável). Talvez, por isso, nesse jogo do tornar-se visível as minorias indígenas, assim como nos ambientes *offline*, concorram com dificuldade. Afinal, lembrando Wolton (2006), a visibilidade do mundo não basta

para torná-lo compreensível, por isso a intercompreensão entre os indivíduos não é proporcional à eficácia da técnica. Além disso, não basta assumirmos que os homens diferem, pois nem todos os modos de tornar-se humano são igualmente admiráveis, como salienta Geertz (1989). Estivessem os índios de calça jeans e camiseta, tênis Nike e boné da Adidas, seriam considerados autênticos, apesar de todos esses códigos serem, normalmente e socialmente, aceitáveis? Por outro lado, manter os códigos tradicionais é suficiente para torná-los autênticos?

Nos relatos sobre as motivações que levaram à construção da Rede, as noções de visibilidade são repetidas constantemente na fala dos entrevistados:

É importante, pois ela é um meio de mostrar que apesar de sermos consideravelmente poucos em numeros populacional no País, estamos vivos, lutando por nossas comunidades, mostrando nossa cara, para que os poderes publicos não se esqueça de nós, que também somos "gente". Para mostrar que existimos, apesar de represelalias de "outros". (Entrevista realizada por e-mail com Graciela Guarani em 14-10-09)

A internet é mais um espaço onde temos visibilidade, e isso é importante para nós porque até hoje não conseguimos ser censurados nela. Nós mostramos quem somos, denunciamos...A nossa realidade está aí para que todos vejam. É um pouco de autonomia...A possibilidade de mudar a história mostrando a nossa visão. (Entrevista realizada por e-mail com Irembé Potiguara em 12-10-09)

Temos aí duas dimensões da visibilidade: uma relacionada à existência e outra ligada à noção de protagonismo. No primeiro caso, temos a apropriação do ciberespaço a partir da necessidade de se fazer existir atrelada aos processos de resistência historicamente conduzidos pelas populações indígenas. Tal como Castells (1999) apontou, a presença ou ausência na rede, bem como a dinâmica da mesma, são fontes de dominação e transformação na sociedade. Existir no ciberespaço requer condições técnicas, operacionais e financeiras, por isso, ao avaliarem o Índios Online, os coordenadores entrevistados comemoram a vitória que é estar “de pé” até hoje, embora apontem, também, as dificuldades encontradas para a manutenção da Rede. O caráter contínuo do Índios Online foi conquistado aos poucos, sendo a descentralização da figura de um coordenador o primeiro passo para a expansão em número de participações, garantindo, assim, a melhoria do portal, um amplo diálogo com as várias comunidades indígenas brasileiras e a extensão dos projetos realizados pela Rede devido à distribuição de tarefas. Porém, apesar do reconhecimento obtido através desse trabalho, a *offline* trouxe mudanças significativas à vida *offline*, apresentando dilemas em relação à autonomia e, por que não, a idéia de liberdade da Rede:

Tivemos uma demanda grande a ser atendida, tanto para eventos, quanto para projetos a serem escritos, e novos Índiosonline querendo fazer parte da mesma e querendo nossa visita, e chegou a um ponto que muitas destas coisas não pode ser feito, fala-se sempre em autonomia como se fosse uma coisa fácil, e agora que estamos nesse caminho, vemos que não é bem assim, esta tal autonomia vem recheada de desafios que estamos tendo que enfrentar, mas creio que a nosso modo será bem organizada. Assim como quase em todas as organizações, a questão de recursos também pesa, quando se fala em dificuldades, pois, trabalhamos com parcerias, e infelizmente nos dias de hoje sabemos que necessitamos de recursos para realizar algumas ações, mas independente disso, fazemos sempre o possível, e as vezes o impossível para deixar nossa rede com vida, e fortalecendo o movimento indígena. (Entrevista realizada por e-mail com Graciela Guarani em 14-10-09)

O fragmento exposto mostra que *online* e *offline* se cruzam a partir da presença indígena no ciberespaço, possibilitando não só a interação através da mediação do computador, mas o encontro. O contato transcende a tela do computador para se estabelecer presencialmente, ao mesmo tempo em que novas dificuldades vão surgindo, sobretudo devido à condição econômica do grupo em questão. Exemplo disso é a manutenção da autonomia, o que nos leva a questionar os discursos entusiastas a respeito da inserção dos indivíduos no ciberespaço, tendo em vista que a problemática ultrapassa a mera presença do computador. No caso específico da Rede, podemos observar que sua formação não depende unicamente das conexões via máquina, mas, também, das demandas presenciais. Por isso mesmo é que Castells (2007) afirma que “technology is not simply a tool, it is a medium, it is a social construction, with its own implications”. Visitas às aldeias, participação em eventos, desenvolvimento de projetos e a própria manutenção do portal são, também, seus sustentáculos e envolvem uma série de competências e recursos financeiros a fim de se garantir a vida da própria Rede. Temos, assim, o esboço de uma contradição significativa, que reside na ampliação dos contatos *online* e *offline* e na complicação decorrente para que encontros e ações se efetivem de maneira eficaz. Tal situação piora sensivelmente ao pensarmos nas dimensões local e global, pois embora consigam, através do portal, se articularem com outros povos de uma forma mais rápida, expõem a realidade de diversas comunidades indígenas participantes do projeto e manterem contato, inclusive, com indígenas de países como Argentina, Bolívia, Canadá, Paraguai e México, como relata Alex Pankararu¹⁵, o contato presencial torna-se ainda mais difícil. Todo esse contexto tem participação na definição da Rede e transforma ativamente a experiência indígena no

¹⁵ Entrevista realizada por e-mail com Alex Pankararu em 12-10-09.

ciberespaço, sendo as formas possíveis de apropriação tecnológica, ações presenciais, entre outros elementos, questões fundamentais para tal atividade. Isto nos leva a afirmação de que há múltiplos modos de se fazer presente e experimentar o ciberespaço, afastando generalizações sobre o tema.

A noção de protagonismo, segunda dimensão da visibilidade apreendida no relato dos entrevistados, revela uma das engrenagens das tecnologias de comunicação e informação, a saber, a extensão da atividade midiática ao indivíduo comum (considerados, evidentemente, os conhecimentos mínimos para tal investida). A possibilidade de construção de um espaço comunicacional “alternativo”, pautado por outros temas que não os da mídia tradicional, a ausência de censura¹⁶ e a exploração de outra realidade, neste caso a indígena, trazem à tona a discussão da narração enquanto maneira de exteriorizar não só o indivíduo – sendo, portanto, um componente importante para a constituição da identidade, como afirma Barbero (2002) – mas também enquanto elemento imprescindível para a reelaboração simbólica das culturas indígenas de maneira a inserí-las na construção do futuro e no contexto do presente. É nesse sentido que se concretiza a representação da Rede como espaço e meio de comunicação, cuja existência se constrói, respectivamente, por ser socialmente povoado e significativo, além de permitir a publicação de acontecimentos, a exposição de idéias e opiniões. Daí a afirmação de que “the restoration of meaning in the new space/time of our existence, made for both flows, places and their interaction” (CASTELLS, 2007, p. 250). A partir daí se opera a validação do ciberespaço como local importante para conciliar tradição e modernidade, de maneira a trabalhar o significado da apropriação da internet para além da interatividade, orientando a construção desse espaço para as finalidades da Rede:

Outro meio que pode estar vulnerável às máselas da internet, é a juventude, pois, hoje como sabemos existem mil e uma formas de interagir com o meio virtual, e os sites de relacionamentos é um deles, e é o que mais os jovens acessam hoje em dia, muitas vezes estes sites não são confiáveis, além disso, estas ações acaba afastando o jovem indígena de sua realidade, não que ele não tenha o direito de também usufruir disso, o fato é que alguns ficam tão fascinados com este mundo, que acabam deixando de lado a sua comunidade. E é por isso tudo que Indiosonline, agora também procura trabalhar estes espaços, a fim mostrar que estes espaços também pode ser usado, como um canal também de fortalecimento do movimento e não apenas

¹⁶ A ausência de censura no sentido do canal ser banido é dificultada, no contexto específico do Índios Online, sobretudo pela adoção do CMS Wordpress. Lembrando que o blog do jornalista Paulo Henrique Amorim, hospedado no IG em 2008, foi banido pela empresa após as críticas dirigidas a Daniel Dantas. Caso semelhante ocorreu com o blog da Ocupação mantido pelos estudantes da Usp em 2007, época de intensa mobilização contra o governo de José Serra. Hospedado no Terra, o blog também foi “retirado do ar”.

um espaço de namoros e paqueras! (Entrevista realizada por e-mail com Graciela Guarani em 6-10-09)

A partir de uma apropriação nada ingênua da internet, a Rede trabalha com as significações dessa experiência no ciberespaço de maneira a conciliá-lo com a própria cultura indígena, entendida não como algo estanque e, portanto, privado de atualização espaço-temporal, mas sim como ativação, isto é, com possibilidade de reelaboração. Desta forma é que passado e presente dialogam na Rede. Celulares, câmeras digitais e computadores mostram rituais, danças, rostos e corpos pintados, ao mesmo tempo em que fazem a ponte para os acontecimentos presentes e o cotidiano do índio de hoje. O protagonismo discutido anteriormente relaciona-se à memória, entendida enquanto parte essencial para a elaboração de projetos, os quais, como afirma Velho (1994), se articulam para dar sentido à própria identidade, como veremos no decorrer da presente pesquisa.

Levando em conta as categorias de Scherer-Warren (1998) podemos dizer que:

1) em relação a temporalidade, temos a articulação entre passado, presente e futuro a partir da noção da Rede enquanto meio de comunicação que possibilita a exposição de idéias, o diálogo, a troca de opiniões. Tal atividade vincula-se ao protagonismo apresentado nos relatos dos entrevistados tendo em vista a reelaboração cultural indígena, sendo a capacidade de narração e a construção de espaços conversacionais os fatores que permitem a emergência de projetos para o futuro. Nesse sentido, o potencial da rede pode estar, justamente, nessa revisão de temporalidades e nas imbricações entre tradição e modernidade, o que permitiria relações interculturais de reconhecimento. No entanto, apesar da apropriação tecnológica, ainda é nítido, sobretudo nas fotos, o uso de recursos simbólicos associados aos valores oficializados e imaginários cristalizados, contribuindo para estereotipação indígena, o que coloca em evidência a questão da autenticidade. Este ponto, em especial, ainda será tema de discussão na presente pesquisa, pois entendemos ser este um dos pontos mais problemáticos sobre a cena comunicacional contemporânea, tal qual debruça-se Bruno (2004). Apesar disso, observamos na questão da narrativa uma sensação de empoderamento, por parte dos entrevistados, proveniente da autonomia em se poder fazer existir, como ficou expresso no depoimento de Irembé Potiguara “a possibilidade de mudar a história mostrando a nossa visão”. O que nos leva a firmar que a lógica da valoração agregada àquilo que é mediado pelas tecnologias de comunicação e informação também se apresenta no discurso da Rede.

2) A Rede é vista, também, enquanto espaço, de permanente construção, que facilita o contato, a ligação, entre as diversas etnias, outras organizações, pesquisadores e demais interessados em conhecê-la. No entanto, apesar de toda a desterritorialização que a presença no ciberpesção permite e a ampliação dos contatos *online*, surgem demandas presenciais e as dificuldades do ambiente *offline* se cruzam com o contexto *online*, contribuindo para refutar afirmações sobre a virtualidade enquanto outro mundo. O que parece ser a faceta significativa de tal fato é a percepção da atividade humana para o surgimento de práticas sociais no ciberespaço e não o oposto. Nesse sentido, reforça-se o entendimento do ciberespaço enquanto espaço social praticado, como afirma Mayans i Planells (2006). As vinculações feitas à palavra espaço nos dão a dimensão desse entendimento: “*montar um espaço*”, “*trabalhar esse espaço*”, “*usar esse espaço*”, “*espaço de reivindicação*”, “*espaço para dar voz e visão*”, ou seja, um espaço que existe conquanto haja alguém que o ocupe.

3) A sociabilidade é ainda tema espinhoso, pois requer que nos atentemos mais profundamente ao nosso objeto de estudo, o blog Diarios (atual Arquivos), a fim de entender como os índios se constroem nesse espaço e criam contextos para a emergência de tecido social.

Assim, a inserção das minorias indígenas no ciberespaço e o aprendizado dos dispositivos tecnológicos de comunicação e informação encontram sua importância a partir do que foi abordado até aqui. No entanto, porque é comum a autenticidade destes índios ser posta sob suspeita devido a essa presença digital? Munidos dessas inquietações elaboramos nossa segunda etapa de entrevistas de modo a provocar os participantes e entender afinal de que índio estamos falando, como será observado a seguir.

2.2 Afinal, de qual índio estamos falando?

Atualmente vivemos em mundo totalmente tecnológico...Então pergunto: Como seria se os povos indígenas ficassem à margem de tudo isso? (Irembé Potiguara em entrevista realizada por e-mail em 07.10.2009)

É no mínimo curioso associar a palavra índio à virtualidade, afinal o termo “índio” nos remete a idéia de pureza e homogeneidade. Desde o legado de nossos romancistas, o índio é evocado para nos lembrarmos de nossas raízes culturais e de nossa identidade. Um índio muitas vezes idealizado, basta recordar a bela Iracema, com seus lábios de mel, sua descrição comparada aos elementos presentes na natureza, a

harmonia exemplificada por sua presença na floresta, com toda a sorte de animais para lhe fazer companhia. Pertencente a uma tribo guerreira a jovem índia é assim apresentada por Alencar (2007):

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. [...]A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão [...] (ALENCAR, J. 2007, p. 20)

O “retrato” de Iracema ainda se faz presente nos dias de hoje quando se deseja explicar o que é o índio. Como aponta Bosi (2004 apud Segata 2008), a lembrança é uma imagem constituída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. E o que de fato é recorrente em nossa memória, como bem aponta Barbero (2001), é converter o índio como algo irreconciliável com a modernidade, logo privado de existência positiva, caracterizando-o pejorativamente como atrasado e selvagem. Numa outra vertente, o indígena é associado a uma resistência que o supervaloriza, com certos contornos exóticos, idealisticamente atribuindo sua capacidade de sobrevivência étnica-cultural diante do atual sistema capitalista, mas, no entanto, igualmente, privando-o de modernização. Ao compreendermos a cultura indígena remetendo-a a um tempo a-histórico ou negando a sua capacidade de desenvolver-se dentro do sistema capitalista, acabamos por entender o índio sempre como um ser primitivo e estático. Na realidade, quando pensamos no “ser índio” fazemos uma operação muito simples: a comparação. Nesse sentido, o que é ser índio? Viver na floresta, caçar, pescar, tomar banho, andar nu e tantas quantas forem as características que o diferenciarem de quem está indagando. Descrever o outro a partir de tais operações, serve para exercer poder, dominar. Armados dessa razão comparativa, como pontua Sodré (2006), criamos imunidade social contra uma determinada dimensão da diversidade. Isto porque, como argumenta Berger (1985), encontrar uma sociedade em plena atividade, com regras totalmente opostas às nossas é chocante e aterrorizante. Assim, sustentamos barreiras ao entendimento do modo de vida indígena, por exemplo. Berger (1985), ao se deter sobre o assunto, recorre ao caso do homossexualismo, que deverá passar por um processo de

terapêutica e aniquilação, a fim de se conservar a realidade por excelência (realidade dominante), o que orienta a “batalha” para o campo do universo simbólico. Desta forma, o Outro, desviante, deverá ser explicado, analisado, atacado e posto sob a condição de desvio a fim de garantir a normalidade da realidade por excelência, implicando a fixação do universo simbólico predominante. Isto é, eu apreendo o Outro a partir de meu universo. Daí Sodré (2006) afirmar que o problema não está no reconhecimento do Outro, do diferente, mas no Mesmo, naquilo que acontece, sendo, portanto, verdadeiro. No caso dos índios isto é emblemático, posto que são hoje coexistentes, real ou virtualmente próximos de nosso cotidiano, tal qual aponta o autor. Portanto, não basta tratá-los como diferença, mas sim reconhecê-los com valoração positiva a partir do que são.

Apreendidos enquanto minoria, os índios são interpretados como massa, multidão, um coletivo homogêneo, quando, no entanto, segundo Deleuze e Guatarri (apud Sodré 2005) minoria é muito mais um fluxo de mudança que atravessa um grupo, local de conflitos, sobretudo em relação à identidade, que opera sempre em seu eterno recomeço. Ao caráter homogêneo das minorias associam-se tradições fixas, que servem de base para a localização de sua identidade, dentro de um quadro de padrões comportamentais, como vestimentas e costumes. Na realidade, o que se esboça são duas visões muito comuns sobre tradição e cultura, como avalia Coutinho (2005): uma associa a cultura enquanto totalidade dinâmica que escapa ao controle dos indivíduos e opera no limite de suas próprias leis, sendo a tradição algo complementemente abstrato; a outra visão reifica a tradição a partir do esvaziamento do conteúdo histórico da cultura, com determinada naturalização ou divinização de seu conteúdo. O que ambas as visões carregam em comum é a aniquilação do sujeito no processo cultural, por isso aqui vale lembrar, a afirmação de Geertz (1989) de que não há cultura sem homens e homens sem cultura. Voltando à atenção para a participação humana em tal dinâmica, temos a tradição enquanto algo vivo, “nesse sentido, tradição é compreendida como atividade de seleção, valorização, interpretação e afirmação do acervo cultural legado pelo passado” (COUTINHO, 2005, p. 87). É nesse sentido que se deve compreender o trabalho do Índios Online quando se propõem a atualizar a cultura indígena de maneira a valorizá-la aos povos indígenas, sobretudo à juventude, e conhecer e refletir sobre o índios hoje. Colocamo-nos diante, então, da questão do autêntico, aqui, entendido não enquanto “puro”, “original” e “igual a si mesmo”, mas sim como adequação entre uma “forma histórica” a um “conteúdo histórico”, sendo autêntico aquilo que possui

representatividade sociocultural, tal qual afirma Coutinho (2005). Isto significa que o índio será autêntico quanto mais mantiver sua auto-identificação com um meio que confirme a sua identidade em consonância com a reinserção de seu patrimônio cultural na História presente, atribuindo-lhe novos contornos e revivificando-o¹⁷. Uma vez que cultura e Homem se encontram em relação dialética ambos estão em constante processo de transformação. Talvez, por isso, ao perguntarmos se um índio deixa de ser índio por utilizar a tecnologia obtivemos as seguintes respostas:

De maneira alguma, a identidade não se deixa por usar roupas, um celular ou até mesmo usar a tecnologia, isso como outros meios é mais uma forma de não ser engolido pelo sistema, temos que nos adequar a muitas coisas, para não ficar parado no tempo, no escuro, pois muitos povos já não tem matas e nem rios, e vão viver do que? Como antigamente? hoje ela mais fortalece nosso movimento, nossa identidade do que descaracteriza, pois através dela podemos publicar nossa história, nossa realidade e mostrar que não estamos parados, e seguimos sempre na luta! (Entrevista realizada por e-mail em 14-10-09 com Graciela Guarani).

Quem é índio realmente não será menos índio se viver na cidade, se tiver um celular, carro ou qualquer outro produto que colabore com a nossa vida. Se hoje vivemos em um mundo tecnológico onde inovações acontecem a todo instante, porque não nos apropriar disso tudo usando a nosso favor? (Entrevista realizada por e-mail em 12-10-09 com Irembé Potiguara).

Gostaríamos de salientar, tendo em vista os estudos de Cardoso (2006), a relação de implicação entre cultura e identidade. Parece-nos importante afastar as concepções causais que tal discussão, comumente, acarreta, sobretudo devido ao cenário das tecnologias de comunicação e informação e as conceituações derivadas da noção de cibercultura, defendida por autores como Lévy (1996) e Lemos (2002), de modo a não tratarmos os processos de formação/atualização identitária como conseqüências diretas do desenvolvimento tecnológico. Para Cardoso (2006), o conceito de identidade pode ser caracterizado com relativa autonomia em relação à cultura, embora o autor também reconheça que a dimensão cultural, particularmente em seu caráter simbólico, deva ser reconhecida por estarem as identidades emaranhadas em tal contexto. Com esta autonomia, o autor pretende questionar, por exemplo, como uma etnia pode manter sua identidade étnica ao mesmo tempo em que o processo de aculturação alcança níveis altíssimos de mudança cultural. Uma explicação possível reside no fato das variações culturais implicarem questões relativas ao conhecimento e reconhecimento das identidades, englobando não só a marcação da identidade pelos Outros (“doadores de sentido”), de que fala Cardoso (2006), mas, principalmente, o auto-reconhecimento,

¹⁷ Sob essa perspectiva Sodré (2006) analisa o Candomblé, como estratégia de integração na sociedade hegemônica a partir da transformação, acomodação, do patrimônio cultural africano.

uma vez que este não está dissociado do entorno cultural. Ao retomarmos as falas dos entrevistados apresentadas anteriormente, temos claramente a concepção de que a participação no “mundo dos brancos” não retira a condição de ser índio, em última instância, não anula a identidade indígena. Nesse sentido, como salienta Cardoso (2006), o índio urbano, na proporção que invoca sua identidade étnica, é tão índio quanto o morador do território indígena. Por isso a preocupação da Rede em trabalhar o ciberespaço como local de (re) territorialização, mostrando que esse espaço serve para fortalecer o movimento indígena e o sentimento de comunidade, constituindo-se muito mais do que um espaço para paqueras e namoros, como observou Graciela Guarani.

A construção da Rede articula, então, o vínculo entre passado e presente, valorizando e atualizando as tradições através do apaziguamento das variações culturais, facilitando os processos de identificação e o sentimento de comunidade que garantem a conservação da identidade étnica. Tal visão é partilhada por Berger (1985) ao afirmar que o indivíduo católico mantém sua fé católica se conserva uma relação significativa com a comunidade católica. Como observa Cardoso (2006), a própria alfabetização contribui para tal investida uma vez que possibilita estender a luta pelo reconhecimento da identidade indígena para o campo dos direitos, exercendo papel importante na maneira como os índios vêem a si próprios e o mundo. Daí Alex Pankararu¹⁸ afirmar que um dos ganhos obtidos com a experiência do Índios Online foi a possibilidade de se mostrarem enquanto seres inteligentes e pensantes, sem a história exótica criada pela sociedade não índia. Por isso, a temática educacional ganha sentido tão forte no interior da Rede que, antes das mudanças, chegou, até mesmo, a implantar um projeto de aprendizagem *online*, o Arco Digital. Um dos objetivos era abordar temas como cidadania, direitos fundamentais, direitos humanos, direitos constitucionais indígenas, a importância da informação e a comunicação, o uso das novas tecnologias, orientando os participantes a desenvolverem e **escreverem** seus próprios projetos. Tal iniciativa mostra a preocupação da Rede com o processo de *empoderamento* de seu público-alvo, através de medidas que favoreçam a autonomia desses indivíduos.

Voltando às imbricações entre identidade e cultura, faz necessário lançar algumas pistas sobre a maneira como a identidade indígena se constrói no ambiente do ciberespaço. Uma de nossas primeiras inquietações foi nos depararmos com fotos de índios com cocares, penas, corpos pintados, enfim, elementos que nos levavam a formar

¹⁸ Entrevista realizada por e-mail em 7-10-09 com Alex Pankararu.

uma idéia de índio estereotipada. Num segundo momento, pensamos estar diante de uma estratégia de aproximação, uma espécie de convite ou recurso a validação da Rede, enquanto local verdadeiro, criado por índios autênticos. Em ambos os casos a mensagem a ser pensada era a de que, apesar de estarem *online*, eram índios, ou de que, apesar de se apropriarem da tecnologia não índia, continuavam índios. Talvez estivéssemos esperando apreendê-los sem os referenciais do “mundo do branco”, mas estaríamos descartando, assim, sua própria participação neste mundo. Observando o conjunto de signos que marcam o que é ser índio, segundo as descrições coletadas nas entrevistas, destacamos:

- **Viver em harmonia com a natureza**
- **Estar em luta constante para garantir os direitos indígenas, como terra e um meio alternativo de sobrevivência**
- **Ser resistência histórica**
- **Ser guerreiro por natureza**
- **Ter história e cultura própria**

Harmonia com a natureza, luta, resistência e ser guerreiro são referências à identidade étnica que agrupa, agrega e unifica, tal qual Cardoso (2006) pontua, apesar da presença de alguma variação cultural interna. Por isso, em complemento a questão anterior, agregam-se as seguintes observações:

- **Valorizar a cultura de nossos povos, apesar do grande contato com a sociedade envolvente**
- **Hoje, ser índio, também é estudar, trabalhar, é estar conectado e também dançar o guachiré**

Percebemos, então, um emaranhamento da identidade na realidade cultural predominante, pois, embora haja o auto-reconhecimento com vistas à evolução e participação na sociedade não índia, há uma conceituação do “ser índio” imbricada com esta mesma realidade, o que os leva a identificarem a si próprios a partir de conceituações atribuídas pela própria sociedade não índia. Fato que nos leva a afirmação de que “a identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada com este mundo” (BERGER, 1985,p. 177), sem que isso signifique que tanto identidade quanto cultura sejam categorias estanques e imutáveis. Nesse sentido, o espaço da Rede Índios Online torna-se local privilegiado para se trabalhar esse auto-reconhecimento, articulando tradição e

modernidade, principalmente pela possibilidade de reelaboração simbólica permitida através da dinâmica do Blog Diários (atual Arquivos), como veremos nos próximos capítulos. Por isso Irembé Potiguara vê o uso da internet como uma missão para “chegar” as pessoas e desmistificar esse “ser índio” que não condiz com a realidade. De que “ser índio” fala Irembé Potiguara?

Parece que nós indígenas paramos no tempo, para ele, paramos, ou quiseram nos parar, nos deixar lá, naquele tempo, na floresta! É certo que ainda muitos povos tem uma ligação muito forte com o misticismo e a religiosidade de seus povos, mas também muita coisa mudou!!! E isso quase não é trabalhado nos meio educacional, quando se trata da questão indígena, ainda se tem a visão do índio rômantico e idealizado! (Entrevista realizada por e-mail em 14-10-09 com Graciela Guarani).

Será que esta é a realidade de todos os povos indígenas na atualidade??? Temos casos sim de povos isolados com pouco ou nenhum contato com a sociedade envolvente, mas isso não devemos generalizar. É por isso que tantas vezes vemos pessoas espantadas e até decepcionadas quando visitam nossas aldeias porque esperam ver "índios" nus apenas caçando e pescando... Daí a nossa missão de usar a internet como meio de comunicação e chegar a essas pessoas dismistificando esse "ser índio" que não condiz com nossa realidade. (Entrevista realizada por e-mail em 14-10-09 com Irembé Potiguara).

Um índio que não se atualizou culturalmente, posto que, ainda, se prende a misticismos e religiosidade de seus povos, ou que tem contato com a natureza como habitat. Nos colocamos diante de uma relação problemática, sobretudo por percebermos que determinadas atribuições rechaçadas, ora convertem-se em descrições positivas do “ser índio”. Basta recordar da descrição de Alencar (2007) e compará-la às descrições obtidas sobre o que é ser índio, elencadas anteriormente. “O viver em harmonia com a natureza” na apresentação oficial do Índios Online, por exemplo, transforma-se em “sustentabilidade”, fato que nos leva a enxergar, ainda mais, a noção de autenticidade enquanto representatividade sociocultural, isto é, em sua capacidade de resignificação. Posto isto, temos nítidos os avanços em relação ao auto-reconhecimento desses povos indígenas que, segundo Cardoso (2006), remete a um quadro de transformações que se inscreve em mudanças radicais ocorridas a partir de 1970, quando os índios e suas lideranças passaram a demandar reconhecimento por suas formas de ser. No entanto, no contexto de interesse da presente pesquisa, isto é, nas entranhas do ciberespaço faz-se necessário entender como fica a questão do reconhecimento.

Na dinâmica das redes sociais podemos seguir e ser seguidos por uma infinidade de indivíduos, os quais não precisamos obrigatoriamente conhecer para nos *linkarmos*.

Desde que saibamos nos tornar visíveis, colocamo-nos à disposição para sermos visualizados a tantas quantas forem as pessoas que desejarem nos ver. No entanto, apesar desse *roll* de contatos ser público, implica, necessariamente reconhecimento? Número de seguidores, amigos e contatos constituir-se-iam como categorias plausíveis de reconhecimento? Se entendermos o reconhecimento como a expressão de que outra pessoa é considerada como detentora de um “valor social”, como afirma Cardoso (2006), tais elementos perdem consistência como parâmetro de mensuração, afinal podemos ter um inimigo seguindo-nos publicamente. Com isso queremos dizer que a visibilidade, ampliada pelas tecnologias de comunicação e informação e experienciada pela presença no ciberespaço não basta para o reconhecimento do Outro. Estar visível pode simplesmente nos colocar em uma relação de conhecimento com o Outro e, nesse caso, segundo Cardoso (2006) exprimiríamos uma identificação com a pessoa, a qual pode ser melhorada, já o reconhecimento adviria da confirmação desse conhecimento, pelo sentido positivo de uma afirmação. Nesse sentido é pelo contexto de sociabilidade criado, para além da mera instrumentalidade, que é possível criar espaços de reconhecimento do Outro. A partir de tais observações começa nosso envolvimento com o Blog Diários (atual Arquivos), tendo em vista que a prática de manter um blog implica na construção de contextos de partilha, sentimentos, compartilhamento de interesses, troca de opiniões, impulsionados, sobremaneira, pela *apresentação do eu* em tal dinâmica. Assim, o espaço do blog é, também, um local de reconstrução e construção de identidades, como aponta Márquez (2008), e merece ser estudado por comunicadores, uma vez que a comunicação é uma dimensão constitutiva do social. Por isso a seguir nos deteremos nos meandros do Blog Diários (atual Arquivos).

3. O BLOG DIÁRIOS E A ‘APRESENTAÇÃO INDÍGENA’ NO CIBERESPAÇO

As primeiras visitas à Rede Índios Online aconteceram no final de 2007. Naquele ano nosso projeto de mestrado estava em fase de definição e as coletas de informação iniciais apontaram o Blog Diários (atual Arquivos) como uma espécie de arco e flecha contemporâneo do movimento indígena, comparação, inclusive, ressaltada em diversos *posts*¹⁹. Nesse primeiro momento, foi possível visualizar um encantamento em relação ao uso da internet pelos membros da Rede, fato que nos levou a perceber

¹⁹ Textos que compõe os blogs.

uma forte sensação de *empoderamento* advinda da apropriação tecnológica e da inserção no ciberespaço. A possibilidade de publicar informação sobre índios pelas próprias “mãos indígenas” é sempre comemorada e ressaltada no Blog, o que revela a dimensão auto-referencial que tal prática proporciona. Assim, o papel do Blog ultrapassa a característica de ferramenta, indo além do instrumental para organização e articulação dos membros da Rede Índios Online. Ainda que o possibilite a aproximação entre parentes e amigos distantes, agregue o próprio coletivo da Rede e dissemine informações, o Blog se constitui, também, como local para a *apresentação indígena* na sociedade. Tal qual aponta Vizer (2007):

As instituições, as empresas, os partidos políticos, os esportistas e os artistas, as ONG's, e os movimentos sociais, todos buscam de forma deliberada gerar e sustentar uma imagem pública que os represente e os sustente. É uma luta ferrenha e permanente pela construção de um capital “próprio”, dentro do universo – simbólico- da sociedade. Os meios de comunicação se apresentam assim, como as novas forças produtivas dos palcos simbólicos às que quase todos os atores sociais desejam aceder (VIZER, 2007, p. 27)

Se de um lado estão as facilidades, novidades e possibilidades tecnológicas, por outro temos a figura de um *eu imagem* que se constrói e é construído *na e pela* atividade do *blogging*. Podemos dizer, então, que o *empoderamento* em sua relação com os artefatos tecnológicos, advém dessa dupla articulação. Os processos de construção de *blogs* e *blogueiros* estão, pois, imbricados. Assim, a prática do *blogging* associa-se à questão do reconhecimento, a vontade de ser lido, escutado e visto o que implica todo um contexto relacional entre o blogueiro e sua audiência, criado a partir da dinâmica do blog.

Com o avanço da pesquisa e algumas incursões mais detalhadas, realizadas no segundo semestre de 2009, verificamos que o Blog se constituía de maneira muito mais ampla, contribuindo para solidificar a rede de relações sociais formada pelo Índios Online. A participação coletiva na construção do Blog, além de aproximar os produtores de conteúdo, contribui para a criação de vínculos entre os indígenas, ampliando suas redes de relações, sobretudo entre aqueles que estão distantes. Ao mesmo tempo, percebemos, também, o surgimento de vínculos mais efêmeros pautados, predominantemente, pela curiosidade dos visitantes não indígenas e pesquisadores. Nesse caso, a vinculação é datada, isto é, dura enquanto se está participando do blog em busca de informações para objetivos, igualmente, datados. Há, ainda, as visitas únicas, que embora não criem vínculos incentivam a dinâmica do Blog. Independentemente do caso, observamos um fluxo de visitação significativo nas páginas

do Blog o que nos levou a refletir detalhadamente sobre a importância dessa audiência no processo de construção dos blogs e, mais ainda, na legitimação da identidade dos blogs e do blogueiro. Como apontam Amaral, Montardo e Recuero (2008) até mesmo os *lurkers*, os que visitam os blogs, mas não participam e comentam, também tem seu papel na audiência dos blogs.

Assim, o processo de construção do Blog Diários (atual Arquivos) tornou-se tema fundamental em nossas observações, uma vez que tanto o blog como o blogueiro vão se construindo na atividade do *blogging* e definindo suas identidades. Tal como Máximo (2006) aponta, o blog apresenta o blogueiro e deve dizer *o que se é e o que se quer comunicar*. Relembrando Vizer (2007), a questão central em relação aos avanços da tecnologia de comunicação e informação diz respeito ao processo de apresentação de si mesmo na sociedade, com marcas de identidade e identificação, ou seja, a forma dos atores sociais, organizações ou movimentos sociais se apresentarem perante o mundo. Na esteira desse pensamento, Cuchê (2002) nos atenta para o contexto relacional como forma de entender o fenômeno da identidade. Para o autor, não cabe ao pesquisador e a nenhuma disciplina dizer qual seria a definição exata de determinada identidade, tão pouco atribuir autenticidade a identidades particulares. Nesse sentido, nunca foi propósito da presente pesquisa determinar, por exemplo, se são ou não índios os sujeitos atuantes na Rede. Na visão de Cuchê (2002), o papel do pesquisador consiste em explicar os processos de identificação sem julgá-los, elucidar as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos a identificar, rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de uma certa maneira e não outra. Cabe enfatizar, que o autor centraliza em seu argumento o contexto relacional como fator crucial da problemática em torno da temática da identidade e deixa bastante claro que devemos evitar a redução da mesma a uma mera questão de escolha individual e arbitrária. Sua argumentação o distancia das concepções vinculadas a correntes pós-modernas defensoras da liberdade do indivíduo para suas identificações no atual contexto de desenvolvimento tecnológico. Transpondo o pensamento de Vizer (2007) e Cuchê (2002) para os estudos no ciberespaço, temos uma contribuição por parte desses autores para entendermos a problemática a partir das conexões, o que significa colocar no centro de nossos estudos, como vem sendo falado até o momento, a experiência dos sujeitos no ciberespaço. Afinal, as conexões possibilitam relações que podem mais tarde serem esquecidas, ou não, e que esboçam sempre os processos de construção de um “*eu*”, isto é, o recurso a determinadas identificações em detrimento de outras. Daí Cuchê (2002) afirmar, por exemplo, que o

importante no contexto relacional reside em localizar traços culturais usados pelos grupos para se diferenciarem e não categorizar as evidências afins. Pensar a dinâmica do Blog a partir de tais pressupostos contribui para não partirmos de nenhum *a priori*, a saber, de nenhuma categoria definida como ponto de partida mais autêntico. Deste modo e através da etnografia virtual, metodologia escolhida para a condução da presente pesquisa, o pesquisador se atém a cartografia das conexões na busca pela experiência no ambiente *online*, a fim de entender como o ciberespaço com seus múltiplos espaços habitados vai sendo criado por meio das conexões entre os sujeitos e, ao mesmo tempo, construindo os sujeitos atuantes nesse processo.

Em relação à identidade poderíamos dizer, então, que o que está em jogo não é saber quem são “verdadeiramente” esses “*eu's*”, mas atentar com acuidade às suas *apresentações*. A partir de tais ponderações, fez-se necessária a inserção da própria pesquisadora no ciberespaço por meio da construção de seu blog, o Pensar e Pulsar.

3.1 A inserção da pesquisadora no universo dos blogs

É comum, ao se buscar a definição sobre blogs, enquadrá-los nas formas de comunicação mediada por computador (CMC), enfatizando a técnica, isto é, encarando o blog enquanto uma ferramenta cuja comunicação é possível **através** de algo. Tal classificação, denominada como funcional por Amaral, Montardo e Recuero (2008) desnuda os blogs a partir de sua função primária de meio de comunicação. Soma-se a essa visão a conceituação do blog a partir de sua estrutura, deslocando a análise para o formato dos blogs. Em ambas as definições, a noção do blog é a de ferramenta, capaz de gerar uma estrutura característica, constituída enquanto mídia, como pontuam Amaral, Montardo e Recuero, (2008). O que de fato é recorrente em tais abordagens é uma certa concepção determinista em relação a tecnologia, amparada na tentativa de criação de um modelo único de blog que dê conta de explicar os fenômenos imbricados na atividade do *blogging*²⁰. A acepção *mcluhiana* de que o “meio é a mensagem” soa muito próxima de tais considerações, uma vez que o ato comunicativo é observado a partir da interface²¹ colocada a disposição para o blogueiro, daí a comunicação acontecer, se e somente se (ou, ainda, graças a) a mediação de uma artefato tecnológico.

²⁰ Atividade de manter o blog via manutenção, publicação e atualização do mesmo.

²¹ Consiste na maneira como a ferramenta do blog se apresenta ao blogueiro, com seus recursos fixos, comandos, opções, regas e limitações. Relacionando-se, portanto, a interação entre homem e máquina.

O blog visto unicamente como ferramenta obscurece, justamente, a ação dos sujeitos, pois elimina o conflito entre *humanos-humanos* e *humanos-não humanos*, retirando do centro de análise, por exemplo, a importância da mediação cultural para que a comunicação se efetive. Como salienta Marquez (2008) falar em blogs é falar da figura de um sujeito produtor – o blogueiro- cuja agência contribui para transformar as relações sociais na dinâmica do *blogging*. Além disso, a interação dos blogueiros com a interface revela dinâmicas marcadas por criações e redefinições que desafiam limitações e regras, tecendo a identidade dos blogs.

Com isto, queremos enfatizar o caráter sócio-técnico das experiências no ciberespaço, tal qual aponta Estalella (2005), “lo social se construye a través de lo técnico y lo técnico adquiere un sentido tan intensamente social que resulta imposible distinguir lo uno de lo outro”. Isto significa que não há blogs e blogueiros sem mediação tecnológica e, tampouco, há blogs e *blogging*, sem blogueiros. Nesse sentido é que se torna necessário compreender como se dá a relação entre *indivíduo-ferramenta* no universo dos blogs. Assim, não basta sabermos quais opções a interface oferece no processo de construção do blog, mas sim, o que as mesmas representam, nos termos da *apresentação* do blog e do blogueiro.

Tais apontamentos reforçam a importância da inserção da pesquisadora no universo dos blogs. Somente a partir de nossa própria existência no ciberespaço poderíamos ir a campo na investigação, sendo a interface um dos elementos-chave para a nossa *apresentação* no universo *online*. Inserindo-nos como um *nativo*, tal qual propõe Geertz (1989), não nos limitamos ao tomar notas. Através da observação participante nosso contato ultrapassou as visitas ao Blog Diários (atual Arquivos), estendendo-se às trocas de e-mails, conversas no chat da Rede e entrevistas por e-mail. No entanto, antes dos contatos se estabelecerem nosso estudo voltou-se à interface, aos limites e possibilidades apresentados pela ferramenta do blog e sua relação com a atuação dos blogueiros.

O processo de criação de nosso blog, o Pensar e Pulsar, levou cerca de duas semanas, não porque sejam necessários conhecimentos técnicos avançados para tal, mas sim pelas incertezas que apareceram devido ao fato do blog ser público. Antes mesmo de iniciarmos o processo de construção já nos indagávamos sobre “*Quem somos?*” e, como afirma Chandler (1998), isso ocorre porque a audiência no ciberespaço não se restringe ao círculo imediato de conhecidos. Sendo assim, o caráter público acaba por tornar-se um fator balizador dessa imersão no ciberespaço. Tal observação nos

distanciou das concepções de blogs como diários pessoais *online*. Primo (2008) compartilha de tal visão e afirma que, apesar de diários e blogs serem registros escritos ordenados cronologicamente, os blogs são de natureza social. Saudações, conselhos e convites não aparecem em diários tradicionais e, no entanto, são elementos pertencentes da atividade do *blogging*. Ou seja, blogs implicam a relação com outros sujeitos daí Primo (2008) ressaltar sua natureza social. Enquanto os diários se circunscrevem ao âmbito privado, sendo comum alguns modelos oferecem, até mesmo, cadeados para garantir a segurança das informações, o universo dos blogs é público e objetiva o compartilhamento de informação. Estas e outras características apontam os blogs, também, como ponto de encontro e centram a atenção nas relações entre sujeitos criadas nesse ambiente. Além disso, o uso do blog não se restringe a um único indivíduo. Diferentemente dos diários, o blog pode abarcar mais de um blogueiro para a produção de *posts*, tornando a *blogagem*, ou o ato de *postar*, coletivo.

Ferramentas como *Wordpress* e *Blogger.com* garantem fácil utilização mesmo para quem não entende os códigos de programação²², apesar da primeira permitir uma personalização mais avançada, sobretudo para quem possui um instrumental técnico mais apurado. Como o *Blogger.com* apresenta-se de maneira mais atrativa para marinheiros de primeira viagem, optamos por utilizá-lo. A seguir veremos algumas etapas para a criação de nosso blog, salientando que tal percurso não se trata, simplesmente, de descrever determinados recursos técnicos no passo a passo de definição de um blog. Nosso objetivo, ao abordar essa dimensão mais técnica, consiste em entender o que tais escolhas representam, isto é, o que me dizem sobre blogs e blogueiros. Como afirmam Amaral, Montardo e Recuero (2008) a questão estrutural de um blog remete a personalização do espaço do blog, caracterizando-se como um dos elementos definidores do mesmo, além disso a personalização remete, também, ao próprio blogueiro. Neste sentido, Efimova e Hendrick (2005) apontam para o fato de que blogs são formas de publicação diferenciadas porque se tornam uma forma de apropriação do ciberespaço como modo de expressar a identidade de seus autores, corroborando o que vimos discutindo até o momento.

Por escolhermos o serviço gratuito do *Blogger.com* para hospedarmos nossa página, o domínio de nosso blog, que corresponde ao nome do mesmo, ficou marcado pela terminação “**.blogspot.com**”, evidenciando a opção pela ferramenta gratuita. Caso

²² Como dito no capítulo anterior a adoção do Wordpress facilitou o gerenciamento de conteúdo de toda a Rede

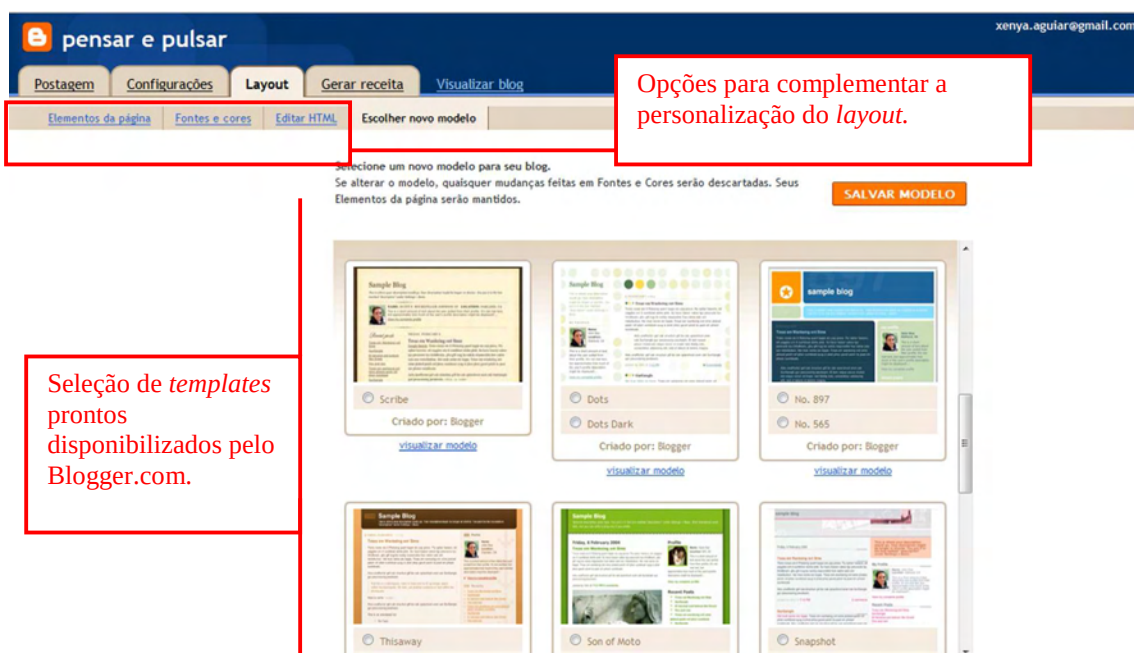
tivéssemos optado pelo *Wordpress* o mesmo ocorreria e a terminação seria “*wordpress.com*”. Quando um blogueiro opta por pagar uma hospedagem o domínio não apresenta tais marcações. “É o caso, por exemplo, das terminações “*.com.br*” ou “*.com*”. A escolha do nome dos blogs costuma variar entre as opções “*www.nomedoblog.hospedagem*” e “*www.nomedoblogueiro.hospedagem*”. Essas simples observações, como pontua Máximo (2006), revelam os muitos modos de se apropriar não só das ferramentas, mas também de existir no ciberespaço. A diferenciação entre blogueiros pagantes e não pagantes não atesta, unicamente, condições financeiras, mas contribui para, a partir da dinâmica do blog, perceber elementos para a construção de sua identidade. A escolha do nome é sugestiva em relação às pretensões do blogueiro e a definição do blog. É comum blogs com domínio particular conterem propagandas em seu interior, estarem vinculados à lojas *online*, pertencerem a pessoas públicas, como jornalistas, escritores e políticos, etc. Com isto, queremos dizer que a ‘*apresentação do eu*’ na dinâmica do blog se inicia com a definição de seu nome e a maneira de registrá-lo, por assim dizer. A figura abaixo mostra a página inicial do *Blogger.com* (<http://www.blogger.com>), a porta de entrada para a construção de um blog:



3. Página inicial do *Blogger.com*

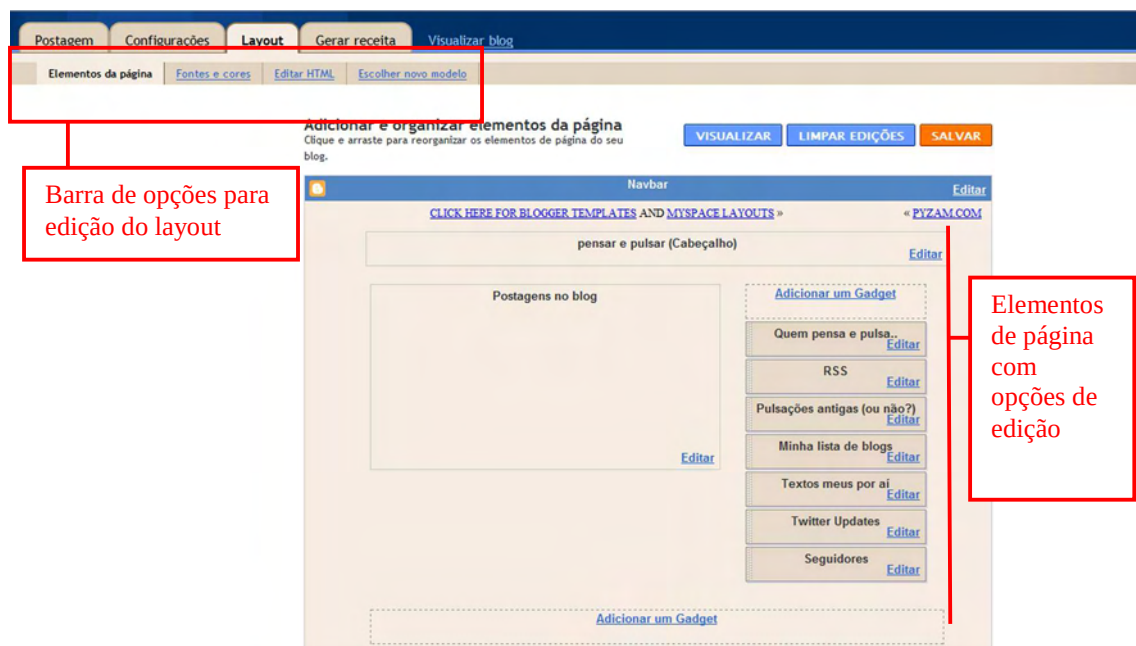
A ênfase na gratuidade da ferramenta é o convite principal para a criação de um blog, como demonstram as letras garrafais e a frase imperativa na página inicial do *Blogger.com*. Por isso, a hospedagem paga converte-se no *algo mais* de um blog, já que não se estende a todos os indivíduos, torna-se um privilégio. O convencimento para a criação do blog se expressa, também, através dos ícones presentes na página e seus textos com a apresentação das possibilidades que a ferramenta reserva aos usuários, como, por exemplo, poder compartilhar textos, fotos e vídeos com amigos e com o mundo, integração para postagens através do celular e flexibilidade para a personalização do blog. Além da lógica do *globalismo*, do abrir-se ao mundo, característica argumentativa da “sociedade da informação”, como afirma Castells (2003), observamos o caráter lúdico atribuído à ferramenta cuja flexibilidade é representada pela imagem de canetas para colorir (localizadas no canto inferior esquerdo da página).

Na área de *login*, no canto superior esquerdo, prevalece a referência a conta *Google* em detrimento a outras contas de e-mail, como *Yahoo* ou *Hotmail*. Isso se deve ao fato do *Google* ter comprado o *Blogger.com* em 2003, no entanto é possível fazer a conta utilizando outros e-mail. Ao escolher a opção “*Criar um blog*”, o usuário deverá registrar uma senha para efetuar o *login*, o nome pelo qual será identificado toda vez que se *logar* no sistema e um endereço de e-mail para notificações do *Blogger.com*. Após estas definições, o usuário se depara com um termo de uso para, finalmente, continuar o processo de construção de seu blog, com a definição do nome do mesmo. Feita a escolha do nome e verificada a sua disponibilidade, seguimos para a configuração do *layout*:



4. Opções de templates para a definição do layout da página

A escolha do *template* possibilita a formação da “cara do blog”, contribuindo para a organização da página e a forma de apresentação da mesma. Tanto as ferramentas do *Blogger.com* como *Wordpress* oferecem *templates* prontos para a configuração da aparência do blog, no entanto há opções adicionais para a personalização da página do blog. A personalização avançada depende da competência técnica do blogueiro, pois requer um conhecimento um pouco mais avançado dos códigos de programação. Como afirma Máximo (2006) quanto maior for a competência técnica maior o sucesso para a *apresentação* no universo dos blogs. Isso porque o domínio técnico permite alcançar um grau diferenciado de personalização e gera um atrativo adicional para a construção do blog, influenciado, até mesmo, sua visitação e o *status* do blogueiro. São nas opções complementares de personalização que se encontra o link²³ “*Editar HTML*”, possibilitando as transformações do *template* via programação. Outra possibilidade importante para a *apresentação* do blogueiro são os “*Elementos da página*”:



5. Organização dos elementos da página

A escolha do *template* determina o posicionamento dos “*Elementos de página*”, que, em decorrência de nossa escolha, situam-se à direita do blog. Os “*Elementos de Página*” podem incluir o ‘quem sou’ ou ‘*about*’, com a apresentação do autor e/ou

²³ *Links ou hiperlinks* permitem o acesso fácil entre as diversas páginas (navegação) e mesmo a movimentação rápida dentro de um texto longo. São elementos de conexão, ou seja, elementos físicos e lógicos que interligam os computadores da Rede.

proposta do blog e, ainda, uma apresentação por foto ou imagem. É possível adicionar a ferramenta de RSS, que permite aos leitores “assinarem” os blogs e optarem pelo aviso de atualização de conteúdo por e-mail, Twitter, entre outros mecanismos. Outro recurso muito utilizado entre os “*Elementos de página*” são as recomendações de conteúdo, sendo o mais popular o uso dos *blogroll*’s que se constituem como uma lista de sites e/ou blogs favoritos indicados para apreciação dos leitores. Como salienta Primo (2006) esse recurso é o mais antigo dos blogs e pode auxiliar na formação de comunidades, nos casos de compartilhamento de leitores entre blogs. Além das recomendações via *blogroll*, é possível, também, adicionar outros mecanismos para recomendação de conteúdo, como, por exemplo, ao disponibilizar a ferramenta para acompanhamento do Twitter. No caso do Pensar e Pulsar, incluímos essa ferramenta e criamos a sessão “*Textos meus por aí*” com *links* para os artigos científicos e textos jornalísticos produzidos pela pesquisadora. Com isso, acabamos por perceber que o blog foi se construindo a partir de nossa identidade momentânea: estudante de mestrado, pesquisadora. Assim, o Pensar e Pulsar tornou-se um local privilegiado para se discutir a presente pesquisa. Ainda que em alguns momentos tenhamos fugido de nosso objeto de estudo, as temáticas do *post* convergiam, inevitavelmente, para as leituras e reflexões realizadas no decorrer de nossos estudos. Como salientam Amaral, Montardo e Recuero (2008), apesar dos blogs não se reduzirem a classificação de Diários Íntimos na internet, a expressão individual é tomada como uma qualidade da apropriação: blogs são pessoais. Nesse mesmo sentido a vocação midiática do blog, isto é, a escolha daquilo que será publicado soma-se a importância da estrutura para a formação da identidade *online* dos indivíduos.

Como ressalta Primo (2006) o uso ou não de determinados recursos tecnológicos influencia o conteúdo do blog e, portanto, a dinâmica social em torno dele. Tal afirmação pode ser constatada, sobretudo ao inserirmos dentre os elementos da página a opção “*Seguidores*”, permitindo aos visitantes que se definissem e se mostrassem como acompanhadores do blog. Através desse recurso, pudemos verificar que pessoas conhecidas e anônimas sinalizaram um acompanhamento efetivo do Pensar e Pulsar, formando uma espécie de rede de seguidores. Além disso, outros pesquisadores, ao entrarem em contato com o ambiente do nosso blog, optaram por nos seguir no Twitter, já que adicionamos a visualização dos *tweets*²⁴ no blog. Tais recursos mostram como,

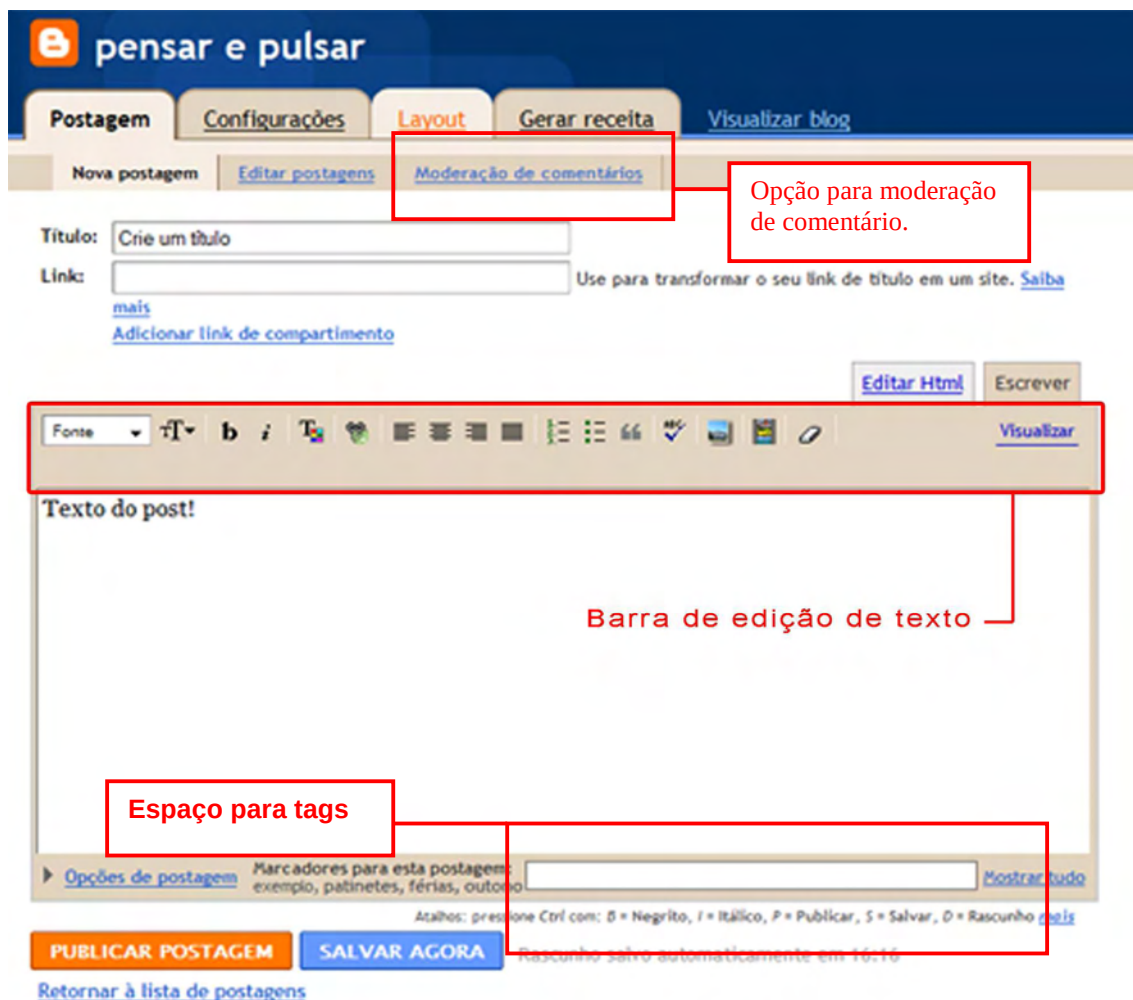
²⁴ Os tweets correspondem a cada texto que é permitido escrever e divulgar via Twitter, sendo 140 caracteres o máximo espaço de texto disponível para cada tweet.

uma vez inseridos no ciberespaço, os indivíduos formam redes para além de sua presença, tornando a definição desses fluxos, ou tráfegos, um tanto quanto movediça. Por conta dessa observação descartamos a idéia de traçar uma espécie de rota interativa do Blog Diários (atual Arquivos), evitando o risco de nos perdermos na quantificação do tráfego de *links*.

Passadas as etapas mencionadas anteriormente, o blogueiro terá de definir seus modos de fala através do editor de texto. À disposição para tal feito encontra-se o teclado do computador e toda sua sorte de recursos: símbolos de pontuação, maiúscula e minúsculas, números, negrito, itálico, etc. Como aponta Mayans i Planells (2002), apesar de toda a limitação do teclado os usuários se amoldam e se comunicam graças a ele. No entanto, a criatividade dos usuários é fator fundamental para a invenção de fórmulas eficazes para que a comunicação se efetive. Muitas soluções comunicativas vão se solidificando com base na sucessão de usuários e convertendo-se em recursos comunicativos habituais e não problemáticos, formando parte do “mundo cotidiano” dos usuários, tal qual afirma Mayans i Planells (2002). Soma-se, então, ao processo de construção do blog a competência comunicativa do blogueiro, fator fundamental para o sucesso, ou não, do blog, ligando-se, portanto, a legitimação do mesmo. Segundo Máximo (2006) a relação entre blogueiro e audiência pauta-se numa contínua *negociação* cuja finalidade é a validação do espaço do blog e, conseqüentemente da identidade do blogueiro. Através dos modos de fala o blogueiro se relaciona com sua audiência e com as ferramentas do editor e, assim, se inicia a política de comunicação que rege o *blogging*, dando início a perguntas como “*o que merece ser lido?*”, “*o que merece ser lembrado?*”, como afirma Marquez (2008). Mais adiante abordaremos com mais detalhes tal discussão, no entanto, desde já, é necessário registrar como se dá a interação entre a ferramenta do editor de texto e o blogueiro.

Na barra de edição de textos, por exemplo, é possível escolher o tipo de fonte e cor do texto, determinar a posição de texto, foto e vídeo (centralizado, justificado, à esquerda ou à direita), inserir fotos e vídeos e adicionar *links* em determinadas partes do texto. Este último recurso tem extrema importância para a dinâmica do blog, pois permite que o blogueiro faça referência a textos lidos em outros sites e/ ou blogs ou, até mesmo, a outros textos do próprio blog o que, neste caso, garante que mais *posts* sejam lidos, aumentando o número de páginas visitadas no blog. Essa referência de conteúdo por meio de *links* é um dos fatores cruciais para o *ranqueamento* de sites e blogs em mecanismos de busca. Quanto mais *links* apontarem para um site e/ou blog, mais bem posicionado o mesmo ficará nas páginas do *Google*, por exemplo. Ainda na ferramenta

de editor de texto, o espaço para as *tags*²⁵ também auxilia os mecanismos de busca. Ao definir as palavras-chave relativas ao texto ampliamos a capacidade de alguém encontrar o *post* e, portanto, o blog via mecanismos de busca. Com este mesmo objetivo se atribuem títulos às fotos publicadas nos *posts*. O conhecimento de tais informações, que compõe as técnicas de SEO (Search Engine Optimization), traz um ingrediente a mais na construção do blog e do blogueiro uma vez que ambos se encontram dentro de um contínuo processo de negociação de suas identidades no contexto da atividade do *blogging*. Estar atento às formas de otimização do conteúdo com vistas ao *ranqueamento* nos buscadores auxilia o pesquisador a perceber determinada preocupação, por parte do blogueiro, em estar ou não visível no ciberespaço, ganhar seguidores, tornar-se popular para algum fim específico ou aumentar o lucro, no caso de blogs com direcionamento para lojas virtuais. Além disso, as técnicas de SEO revelam um grau avançado de competência técnica. Abaixo temos a figura do editor de texto, onde encontramos alguns dos recursos citados:



6. Editor de texto do Blogger.com

²⁵ Uma tag é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado com uma informação (ex: uma imagem, um artigo, um vídeo) que descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave.

Além da customização dos *posts*, o editor de texto apresenta a moderação de comentários, opção diretamente relacionada às conversações em blogs. O blogueiro possui quatro opções disponíveis se quiser habilitar os comentários: “Qualquer um – habilita usuários anônimos”, “Usuários registrados – habilita usuários com identificação”, “Usuários com Contas do Google” e “Somente membros deste blog”. Caso deseje, o blogueiro pode optar por receber uma notificação dos comentários por e-mail e, até mesmo, revisá-los antes de permitir a publicação ou, simplesmente, desabilitá-los. Como pontua Primo (2006), a ferramenta de comentários é um dos recursos principais para o desenvolvimento de conversações em blogs, pois na janela de comentários o debate prossegue como em um fórum, podendo gerar assuntos para além do post original, conversas paralelas entre os comentaristas ou discussões acaloradas, que podem estender-se para outros blogs através da replicação dos comentários. Abaixo de cada *post* ou acima há um *link* para a exibição da janela de comentários. Antes mesmo de clicar no *link* é possível visualizar o número de comentários já realizados, o que confere um fator motivacional ao leitor, atraindo-o a participar da discussão. Por tudo isso, os comentários são um ótimo medidor da recepção dos *posts*, auxiliando o blogueiro na seleção dos temas ou assuntos a serem abordados nas *postagens*. O grau de controle sobre os comentários e as competências técnica e comunicativa do blogueiro, levam Marquez (2008) a destacá-lo enquanto *agente*, isto é, um sujeito ativo na dinâmica das relações sociais que se estabelecem nos blogs. Para a autora, ainda que a estrutura dos *softwares* disponíveis determine certas práticas dos blogueiros, não podemos nos esquecer das possibilidades de ação dos mesmos.

A conversação em blogs também é auxiliada pelo *permalink* ou *link permanente* que consiste no endereço (URL) específico de cada *post* confeccionado. Ou seja, cada *post* tem o seu próprio *link*. Como exemplificam Primo, Smaniotto (2006):

Para o blogueiro que referencia um *post* de outro blog através de *permalink*, este serve como uma forma de contribuir com o leitor, indicando de onde emergem as idéias escritas no *post*, e com o autor do *post* para qual o *permalink* aponta, pois a utilização desse recurso confere o devido crédito às idéias que estão sendo comentadas e lhe direciona novos visitantes (PRIMO, SMANIOTTO, p. 5-6, 2006).

Esse recurso é importante, também, quando o próprio blogueiro deseja mencionar *posts* antigos no momento em que produz um *post* atual. Conforme os textos vão sendo produzidos o blog gera um arquivo dos textos antigos, aqueles que saem da “Home” ou “Página Inicial” para darem lugar às novas produções. O *permalink* torna-se

um auxílio na busca por tais *posts*. Para mencionarem um *post* antigo os blogueiros devem selecionar uma parte do texto atual que desejam transformar em *link* e adicionar o endereço do *post* antigo. Com isso, a parte selecionada ficará sublinhada, sinalizando os leitores que ao clicarem sobre o trecho em questão serão levados ao *post* antigo. Como já foi dito anteriormente, o editor de texto apresenta a ferramenta para tal. O uso de *links* garante a fluência do texto ao mesmo tempo em que permite uma volta ao passado no contexto do próprio blog. Os *links* também podem levar os leitores a páginas de outros blogs ou sites. No entanto, o que nos interessa ressaltar é que o *link* “es el medio con el que los bloggers construyen una interacción deslocalizada hecha de referencias y conversaciones con otros bloggers y con sus lectores” (Estalella, A. 2005). Afinal de contas, o uso dos *links* nos textos se dá sempre no sentido de avisar os leitores sobre determinado conteúdo, gerando uma espécie de bate-papo a partir das referências. Não é raro, por exemplo, nos comentário de um *post*, os leitores deixarem sugestões de *links* relacionadas ao conteúdo lido.

Em relação ao conteúdo produzido, os blogs permitem que os *posts* antigos sejam organizados sob a forma de arquivos consultáveis, muitos blogs apresentam ferramentas de busca em seu interior, facilitando as pesquisas de conteúdo. Outra forma de acessar conteúdos que já não se encontram na “Página Inicial” é através da indexação dos *posts* em categorias. Para um blog sobre beleza, por exemplo, pode-se criar as categorias maquiagem, cosméticos e alimentação para abrigar os *posts* relacionados a tais assuntos. Uma vez categorizados, os *posts* podem ser facilmente encontrados pelos leitores que desejam obter acesso rápido a conteúdos segmentados. As categorias funcionam, então, como uma espécie de filtro de conteúdo e são mais uma forma de expressão da identidade de blogs e blogueiros.

Ao clicar na opção “*Publicar postagem*”, o blogueiro está pronto para visualizar a publicação de seu *post* na versão final do blog. Na verdade, durante toda a construção do blog é possível visualizar o andamento da personalização. No caso do Pensar e Pulsar, eis que obtivemos a seguinte versão:



7. Layout do blog Pensar e Pulsar

Como pode ser observado na figura acima, nosso *template* traz ao topo o nome do blog e à direita a apresentação do autor com foto e breve descrição, além dos elementos de página parcialmente visíveis na figura. À esquerda também é possível visualizar a organização dos arquivos por ano. Ao clicar no ano desejado temos a listagem dos *posts* antigos por mês. Ao lado direito encontra-se a área dos *posts* com a data dos mesmos, seguida de título, foto, texto e, por último, a opção para publicação de comentários, além dos marcadores por *tags*. No *post* em questão pode-se, ainda, observar os *hiperlinks*, identificados ao longo do texto pela cor preta, conforme padronizamos na construção do blog. Vale ressaltar, como discutimos anteriormente, que os itens escolhidos para a confecção deste blog variam de acordo com o blog, pois dependem da competência técnica de cada indivíduo, bem como das escolhas individuais sobre aquilo que se deseja mostrar e comunicar. Desta forma, ainda que o marcador de datas, por exemplo, seja um elemento típico de blogs, ele pode aparecer como texto corrido, tal qual em nosso blog, ou na forma de um calendário estilizado. Do mesmo modo, a

diagramação do texto poderia ser outra, assim como toda a apresentação da autora, que poderia ter sido desabilitada. Não queremos, pois, determinar o que deve compor a estrutura de um blog, uma vez que ela se desenha conforme os anseios e motivações do blogueiro. Como observa Fumero (2005), na estrutura básica de uma página encontramos uma variedade considerável de elementos funcionais, o que faz com que os blogs sejam marcados pela expressão de seus autores. Com isso procuramos demonstrar como se dá a interação entre blogueiros e interface no âmbito da criação da identidade de blogs e blogueiros. A seguir passamos a discorrer sobre *apresentação indígena* no contexto do blog Diários (atual Arquivos) e sua relação com a criação de espaços para a sociabilidade.

3.2 Nos meandros da ‘apresentação indígena’

“Índio off-line? Você é a nossa Rede. Fique on!”, exclama o *banner* localizado à direita da página inicial do Blog Diários (atual Arquivos). A frase torna perceptível o entendimento por parte dos membros da Rede da importância da participação dos índios conectados para a existência da própria Rede.



Em *post* intitulado “Redes Sociais e Índios on Line”, Potyra Tê Tupinambá, após o IV Encontro da Rede Índios Online e I Encontro Nacional da Rede Índios Online, expressa seu entendimento sobre o tema:

A Rede Índios on Line cria várias novas redes. Ficamos com o sentimento de que rede é uma relação e para isso precisamos cada vez mais ficar/crescer juntos.

Fizemos também uma linha do Tempo da Rede Índios on Line e depois fizemos uma análise de nosso histórico, refletimos para aprender com o nosso passado e para isso nos dividimos em Grupos Temáticos.

Finalizamos o dia com um ritual de encerramento onde a pisada foi forte e mais uma vez o sentimento foi de que estamos JUNTOS e para crescer precisamos estar juntos e comprometidos. De mãos dadas fizemos com o Toré encabeçado por Atiã Pankararu a pura e simples representação de nossa Rede Social Indígena formando uma corrente em que se um de nós soltasse a Rede (roda) se desfaria. (Potyra Tê Tupinambá, 13 de jan. 2010)

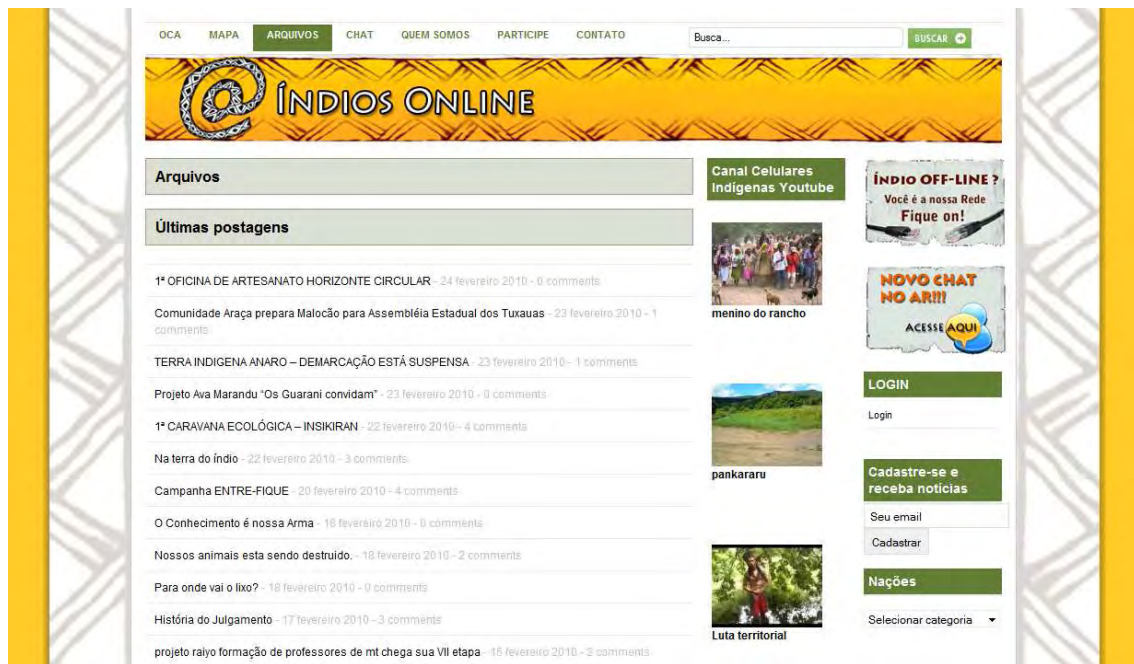
As proposições de Mayans y Planells (2002) em relação à construção do ciberespaço vão ao encontro do relato de Potyra, uma vez que o autor se detém naquilo que ocorre em seu interior, pontuando tal “ocorrência” enquanto produção social, isto é, feita pelos seres humanos. Daí o autor definir o ciberespaço retomando o “espaço praticado” de De Certeau (1988 apud Mayans y Planells, 2002), ou seja, a partir de sua

social. Quando Potyra observa que Rede é uma relação, trata de enfatizar a necessidade de “estar junto” e “crescer junto”, evidenciando o trabalho em conjunto para a existência da Rede e o caráter humano de sua formação. Nesse sentido, a prática do *blogging* mantida pela Rede adquire imenso significado, pois mobiliza essa relação, sobretudo pela criação de espaços *de* e *para* a sociabilidade. Por isso, muitas vezes, a participação *online* na Rede é medida pela participação no Blog, situando-o



como uma espécie de motor da mesma. Assim, manter o Blog vivo é manter, conseqüentemente, a Rede viva e garantir que seus objetivos sejam alcançados. No mesmo sentido se dão as cobranças em relação ao uso do chat mantido pela Rede, o que nos permite afirmar que há um entendimento das possibilidades destas ferramentas na promoção do “estar junto” observado por Potyra. Como salienta Mayans y Planells (2002) o não compartilhamento de espaço físico e de presença corporal, características singulares do ciberespaço, não interfere nos elementos necessários para a sociabilidade. Espaço e aparência física, segundo o autor, convertem-se em características eletivas, parte da presença escolhida pela pessoa, levando em conta, evidentemente, os atributos técnicos necessários para tal e a competência técnica do indivíduo. No âmbito dos blogs, como discurremos anteriormente, esse “estar junto” está intimamente relacionado às formas de *apresentação do eu*, isto é, nas imbricações da construção de blogs e blogueiros. Para avançar a discussão, vejamos o caso do Blog Diários (atual Arquivos).

Inicialmente o Blog era mantido sob o nome “*Diários*”, fato que o remetia a um relato pessoal e evidenciava a presença de mais de um blogueiro exercendo a atividade do *blogging*. No entanto, afastamos a concepção do Blog a partir de diário íntimo, não só pelo coletivo de autores responsáveis pelas publicações, mas, principalmente, pelo entendimento de sua característica eminentemente social, por implicar uma relação com um outro (os). Após as mudanças sofridas no portal da Rede, com a adoção do gerenciador de conteúdo *Wordpress*, o nome do Blog foi alterado, convertendo-se em Arquivos, mas o esquema de postagens permaneceu o mesmo, realizado pelos diversos indígenas da Rede. Abaixo temos a versão atual do Blog e sua página principal:



8. Layout do Blog Diários (atual Arquivos)

O nome Arquivos aparece em duas situações: selecionado pela cor verde ao topo da página, junto ao menu de canais da Rede, e abaixo da faixa “@ Índios Online”. Em ambos os casos a indicação é a de que o Blog é parte da Rede, está em seu interior. Tal observação, ainda que pareça óbvia, torna-se fundamental para a análise da dinâmica do *blogging*. Aos olhos de um visitante saltam as últimas postagens, que neste *template* encontram-se enfileiradas por ordem cronológica, apresentando estrutura típica dos blogs. É possível visualizar o número de comentários e, assim, perceber, rapidamente, quais *posts* despertaram atenção da audiência. Lembrando que número de comentários

Por mês

fevereiro 2010 (31)

janeiro 2010 (39)

dezembro 2009 (26)

novembro 2009 (44)

outubro 2009 (42)

não significa, necessariamente, aprovação de um *post*, mas contribuem para um retrato do sucesso (ou não) da interação entre blogueiro e audiência.

Abaixo da lista de *posts* encontram-se os arquivos das publicações. Agrupados sob o nome “Por mês” evidenciam sua organização mensal e trazem o número de *posts* gerados em cada mês. A consulta aos arquivos do Blog permitem visualizarmos a sequência aberta de *posts*, sem a organização por “fileiras” da página principal. Os arquivos disponíveis nos levam até o nascimento do Blog e resgatam as postagens realizadas no antigo site da Rede, além de comporem o acervo histórico do mesmo.

Dessa forma, os arquivos transformam-se em memória consultável e, uma vez disponíveis permanentemente no Blog, fornecem os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, tal qual reflete Velho (1994) sobre a articulação entre memória e identidade.

Categorias

Geral (3220)

Ao lado esquerdo do link “*Por mês*”, identificamos o uso não eficiente das categorias, pois os *posts* estão todos armazenados na única categoria existente, a “*Geral*”, e, esta, não nos diz muito sobre o conteúdo dos *posts* categorizados. O não agrupamento por categorias definidas a partir de temas dificulta as buscas por conteúdos específicos. Deste modo, resta aos usuários valerem-se de outro mecanismo de busca para encontrarem as publicações desejadas: o botão do *search*, localizado no canto superior direito da página:



Com uma filtragem de informação não tão eficaz, o “*Search*” torna-se o recurso mais adequado de pesquisa no contexto do Blog.

Outra forma de conseguir visualizar o conteúdo desejado reside nas *tags* disponibilizadas ao final da página principal do Blog. No entanto, essa nuvem de *tags*, ou *tag cloud*, indica a palavra “*Abertura*” como a *tag* mais utilizada para a indexação dos *posts*. Isso é possível de ser depreendido pelo tamanho da palavra em relação às demais, pois quanto maior for o seu tamanho, significa que mais vezes ela foi empregada²⁶. Assim como no caso das categorias, identificamos a ausência de uma normativa em relação aos detalhes mais técnicos do processo de postagem.



Tags mais usadas

Abertura

Adicionar nova tag <http://itohatxihixoha.blogspot.com> ilhues indios morte de crianças indígenas Olivença protesto pataxo sapucaieira Thydeawas Tupinambá

²⁶ É possível, também, neste caso, identificar o número de *posts* associados às *tags* ao repousar o *mouse* em cima das palavras. A palavra “*Abertura*”, por exemplo, remete a 600 tópicos.

No rodapé da página principal estão os logos dos parceiros da Rede Índios Online e um pequeno marcador de visitas, em funcionamento desde abril de 2004, contabilizando a marca de 1.774.349 visitas. O conjunto desses elementos de página vão



compondo a *apresentação* de blogs e blogueiro e, como pontua Máximo (2006), uma espécie de biografia vai se desenhando no próprio *template*. As múltiplas maneiras que o usuário é convidado a participar da história do Blog constituem-se, também, nas múltiplas formas com as quais o usuário constrói a figura do blogueiro. Através da coluna “*Canal Celulares Indígenas Youtube*”, por exemplo, são disponibilizados vídeos

Canal Celulares Indígenas Youtube



Luta territorial



Ritual em Campus Party



Índios On-Line No Campus Party 2010
esse vídeo mostra um pouco do dia no campus party ...

sobre o cotidiano indígena e, assim, ficamos sabendo da participação indígena na edição da Campus Party 2010, das lutas territoriais e das belezas da terra dos Pankararu. Com isso depreendemos que o Blog não é de um autor indígena, mas sim de um coletivo de autores indígenas, os quais vão sendo apresentados nos sucessivos vídeos colocados à disposição dos usuários. Mais do que tornar visível as especificidades do conteúdo audiovisual produzido, a coluna de vídeos feitos pelo celular nos coloca diante da figura de um índio conectado. Desde a enorme faixa com os dizeres “@ Índios Online” na abertura do Blog, passando pelo *banner* de apelo ao “conecte-se”, o canal “*Celulares Indígenas Youtube*”, até o *banner* comemorativo sobre o funcionamento do novo *chat*, a idéia de índio que se constrói não se assemelha em nada ao índio da floresta. O próprio símbolo de arroba (@), comum nos endereços de e-mail, demonstra que aquilo que vemos é um local onde se busca a comunicação entre indivíduos, o que reforça a *apresentação* de um índio muito familiarizado com a tecnologia.

Ao observarmos os detalhes relativos às técnicas de SEO (Search Engine Optimization) o quadro de familiarização muda de forma. O clique em um *post* específico nos leva à seguinte estrutura hierárquica:

The image shows a screenshot of a blog post with several red and green boxes highlighting specific features. The post is titled 'Acadêmicos indígenas formando 2009 UEMS' and is dated 'Publicado em quinta-feira, 26 de novembro de 2009'. The author is 'Indianara Ramires Machado/kaioiwá-MS'. The post content discusses the formation of 8 indigenous students at UEMS. The annotations are as follows:

- 1. Categoria na qual o post está armazenado:** Points to the 'Publicado em >> Geral' link.
- 2. Título com permalink:** Points to the main title 'Acadêmicos indígenas formando 2009 UEMS'.
- 3. Data da publicação:** Points to the date 'Publicado em quinta-feira, 26 de novembro de 2009'.
- 4. Tag (ausente no post):** Points to a green box labeled '4. Tag (ausente no post)'.
- 4. Área de publicação (espaço destinado a texto, foto, vídeo e áudio):** Points to the main body of the post.
- 5. Opção para compartilhamento de conteúdo (característica da web 2.0):** Points to the 'Compartilhe:' section with social media icons.
- 6. Identificação do autor e número de publicações realizadas:** Points to the author information 'Indianara - escreveu 2 matérias no Índios Online'.
- 7. Links para posts anterior e posterior:** Points to the navigation links '« Futura sede da FEPOIMT Anterior' and 'Proximamente Encontro Nacional da Rede Mocambos »'.
- 8. Visualização e opção para envio de comentário:** Points to the '3 Comentários para esta matéria' section.

9. Estrutura hierárquica de um post

Em tal estrutura podem ser feitas algumas adequações com objetivo de otimizar o conteúdo de um *post* para os mecanismos de busca, o que garante melhor posicionamento no *ranqueamento* dos mesmos. É o caso, por exemplo, do uso de opções para compartilhamento de conteúdo, caracterque possibilitam estender as referências do Blog a outras páginas na web e são uma forma de manter interatividade com os leitores.

Mas, é na área de publicação e suas extensões (classificação de *tags* e *categorias*), que se encontram o conjunto de técnicas fundamentais de SEO.

O título de fotos, ou *tag title*, por exemplo, encontra-se, na maioria dos *posts* do Blog, mal formulado, com classificações do tipo “*imagem1*” ou “*DSC05927*”, que correspondem às nomenclaturas-padrão de câmeras digitais. Em alguns casos os títulos estão ausentes, noutros as fotos apresentam legenda no corpo do *post* para auxiliar os leitores. De maneira semelhante, o título da URL²⁷ dos *posts*, também, não transmite informações que auxiliam na otimização para os mecanismos de busca, estando sob a forma de códigos:



Otimizar as publicações para os mecanismos de busca significa passar informação relevante nos títulos, ou seja, ao invés de um título “*imagem1*” para foto, algo como “*aldeia-pataxó*” agrega valor ao trabalho de varredura de tais informações. Cabe salientar que esse trabalho gigantesco é executado pelas *spiders* ou *robots*, programas que entram nas páginas e lêem seus conteúdos, assim como internautas comuns, auxiliando na indexação das mesmas. A URL da imagem anterior é o endereço, por exemplo, do *post* intitulado “*Fazendeiro espanca índios Pataxo Hãhãhãe*” e poderia ter sido informada aos *robots* da seguinte forma:



Esses “pequenos” detalhes estão intimamente relacionados à visita do Blog. Há três formas de se localizar um conteúdo na web: por tráfego direto (ao digitar o endereço diretamente na barra de endereços), pesquisa nos mecanismos de busca e através de referências por *links*. Cada vez mais populares, os mecanismos de busca refinam o resultado das pesquisas, organizando-o num *rank* otimizado pela prática de SEO e pelos *links* pagos, que ficam em posição de destaque nas páginas dos buscadores. Para se chegar ao Blog da Rede Índios Online deve-se, primeiramente, localizar o site

²⁷ URL, ou Universal Resource Locator, é um endereço virtual, isto é, um caminho que indica onde está um blog, uma página, um site.

da Rede. Este, não é visualizado entre as dez primeiras páginas quando digitamos a palavra “índios” no *Google*, já quando digitamos “índios” ele aparece somente na sexta página do buscador²⁸. Os resultados não demonstram um posicionamento satisfatório, sobretudo ao levarmos em conta a intensa atualização de conteúdo devido à manutenção do Blog, uma vez que conteúdo atualizado amplia as chances de visualização. Com isso, podemos afirmar que estar visível na web implica muito mais do que possuir a tecnologia necessária para tal, além de uma competência técnica avançada, o fator econômico torna-se, também, preponderante. Nesse sentido, as grandes empresas e os conglomerados de comunicação mantêm uma performance superior na web por contarem com amplos recursos financeiros tanto para possuírem departamentos formados por profissionais das áreas que envolvem design, programação e conteúdo como desenvolverem estratégias para ampla divulgação de suas páginas na internet.

Na dinâmica do Blog Diários (atual Arquivos), a participação nas publicações é restrita aos índios e, diferentemente da parte técnica, segue algumas regras de uso, tais como a identificação do nome do responsável pelas publicações, seguida de um e-mail para contato e a publicação de, no mínimo, uma matéria por mês sob pena de ser excluído da Rede Índios Online. O uso e a difusão das informações contidas no portal são permitidos independentemente de autorização, desde que citada a Rede Índios Online como fonte, bem como o autor do conteúdo em questão. A responsabilidade dos textos é de seus autores, estando reservado aos coordenadores da Rede o direito de monitorar o conteúdo das publicações e excluir aqueles que:

- De alguma forma contrariem, menosprezem ou atentem contra os direitos fundamentais e liberdades públicas reconhecidas constitucionalmente;
- Induzam, incitem ou promovam atos, idéias ou produtos ilegais, denegridores, difamatórios, infames, violentos, perturbadores da ordem pública, pornográficos, discriminatórios em relação, entre outras, a sexo, raça, religião, crenças, idade ou condição;
- Induzam ou incitem a envolver-se em práticas perigosas, de risco ou nocivas para a saúde e o equilíbrio psíquico;
- Sejam falsos, ambíguos, inexatos, podendo induzir a erro sobre seu objeto ou sobre as intenções ou propósitos do comunicante;
- Se encontrem protegidos por quaisquer direitos de propriedade intelectual ou industrial pertencentes a terceiros, sem autorização devida de publicação;
- constituam propaganda publicitária fora de contexto pedagógico, publicidade ilícita ou enganosa. (Condições gerais de uso da Rede Índios Online, 27 de jun. de 2007)

As orientações para publicação de conteúdo estreitam, ainda mais, os laços entre a Rede e o espaço do Blog, por privilegiarem temáticas relacionadas aos objetivos da Rede:

²⁸ O resultado foi semelhante em outros mecanismo de busca, como Bing e Yahoo.

- I. Promover e possibilitar aos índios pesquisar, resgatar, preservar, atualizar, valorizar e projetar suas culturas.
- II. Estimular o diálogo intercultural.
- III. Promover o respeito pelas diferenças e o valor da diversidade.
- IV. Promover a Cidadania e a Cultura da Paz.
- V. Conhecer e refletir sobre o índio de hoje.
- VI. Socializar os conhecimentos das tradições indígenas em benefício do Planeta.
- VII. Disponibilizar na internet arquivos (textos, fotos, músicas e vídeos) sobre os índios para Mundo.
- VIII. Complementar e enriquecer os processos de educação diferenciada indígena.
- IX. Qualificar índios para conhecerem mais e melhor sobre os seus direitos e saberem como buscar essa garantia na prática.
- X. Promover o desenvolvimento sustentável das nações indígenas
- XI. Promover a economia solidária
- XII. Promover autonomia nas comunidades indígenas
- XIII. Ser um canal de comunicação com entidades governamentais e não governamentais.
- XIV. Facilitar a expressão dos indígenas e divulgar as suas necessidades
- XV. Fortalecer a busca dos indígenas por uma melhor qualidade de vida.

Uma vez conhecidas as regras e orientações para as publicações é através da sucessão de *posts* que podemos perceber a negociação da identidade do Blog. O trabalho de construção do mesmo é de natureza contínua, isto é, realiza-se a cada postagem e tem, na figura dos coordenadores da Rede²⁹, o lembrete necessário para a manutenção dos objetivos previamente definidos nas orientações de uso e publicação. Essa espécie de direcionamento de identidade se dá de duas maneiras: via marcação de hierarquia na identificação das postagens e através dos comentários. Vejamos o primeiro caso:

Publicado por:

Luciano - escreveu 10 matérias no Índios Online.

luciano henrique 22 anos indio pankararu **gestor da rede indios online ;)**

Publicado por:

Alex Pankararu - escreveu 6 matérias no Índios Online.

Eu sou militante social indígena e **faço parte da gestão da rede indios on-line!!!** e-mail:alex@indiosonline.org.br

Publicado por:

Potyra - escreveu 15 matérias no Índios Online.

Advogada Indígena. Militante social pelos Direitos Humanos Indígenas.

Faço parte do Grupo Gestor da Rede Índios on Line.

Potyratupinamba@indiosonline.org.br

²⁹ São coordenadores da Rede: Alex Pankararu, Diana Terena, Graciela Guarani, Irembé Potiguara, Jaborandy Yandi Tupinambá, Luciano Pankararu, Nhenety Kariri Xocó e Potyra Tê Tupinambá.

Percebemos que a identificação extrapola a regra da assinatura do nome seguida de e-mail sugerida nas regras de publicação, pois fornece dados como idade, profissão, atuação e, principalmente, traz a marcação da função de participante do Grupo Gestor da Rede Índios Online. Esta última informação configura-se como um elemento a mais para a dinâmica de postagem, pois ao evidenciar a hierarquia do blogueiro autor, o coloca num patamar diferenciado dos demais postantes. Outra característica visível ao final dos posts é o número de publicações feitas pelo autor, o que facilita aos coordenadores supervisionar a participação dos índios na produção de conteúdo do Blog. Convertidos numa espécie de autoridade no interior do Blog, os coordenadores são essenciais aos processos de negociação da identidade do mesmo, pois seu *status* permite direcionar determinados conteúdos, apaziguar possíveis problemas, receber os blogueiros novatos e agir em outras situações em que suas funções diferenciadas tornam-se explícitas.

Nas apresentações de Luciano e Alex observamos duas manifestações comuns em conversações mediadas por computador (CMC): o uso de *emoticon* e exclamações. Ambos são utilizados a fim de fazer referencia à oralidade, contribuindo para deixar o texto menos formal e auxiliar o blogueiro em sua forma de expressão. Os *emoticons*, em específico, são representações gráficas feitas a partir dos signos provenientes do teclado do computador, que dão forma ao estado psicológico e emotivo de quem os emprega e possibilitam a transmissão de uma ação: :) (dois pontos e parêntesis), ;) (ponto e vírgula e parentesis), XD (ponto e vírgula). Esses *emoticons* representam, respectivamente, um sorriso, uma piscadela e uma gargalhada. Este último não é tão simples de ser interpretado para aqueles que não estão acostumados com as conversas online, porém a regra é ler os *emoticons* na horizontal e, assim, logo percebemos que a gargalhada (ou o XD) representa os olhos “espremidos” pelo largo sorriso em formato D. Como analisa Mayans y Planells (2002) esses ícones da expressão facial, assim como em uma conversa *face a face*, adquirem inúmero empregos e, embora seus significados sejam reduzidos em comparação ao *face a face*, são intensamente criados e recriados ao sabor das interações. A piscadela na frase do coordenador Luciano, por exemplo, habitualmente expressa cumplicidade, mas pode ser empregada como ironia ou gozação. Um pouco menos versáteis, as exclamações, por sua vez, traduzem comumente entusiasmo, felicitação, espanto ou surpresa, sendo recursos bastante utilizados no universo dos blogs. Seja qual for o emprego, ou, até mesmo, a sua ausência o importante é atentar para o que dizem tais símbolos e perceber sua relação com a

competência comunicativa do blogueiro. Para Mayans Y Planells (2002), no que diz respeito à “transmissão de emoção” a diferença significativa entre comunicação *offline* e *online* consiste na forma voluntária e veemente empregada na segunda situação. Por isso, sua utilização no texto contribui para o envolvimento da audiência e, como salienta o autor, transforma o produtor de conteúdo em um *performer*, isto é, seu uso se emprega no sentido de comunicar que se faz algo. “Esta faceta performática, que hace que se le dé al texto, según las inquietudes de los usuarios o según la caracterización de los personajes, uma cierta intencionalidad estética” (Mayans y Planells, 2002, p. 54). Com isto, gostaríamos de reforçar, novamente, que blogs não são diários pessoais *online*, pois tais observações nos levam a perceber o quanto a relação blogueiro e audiência exerce influência na produção dos conteúdos e na validação de blogs e blogueiros. Além disso, a noção de performance presente na prática do *blogging*, sobretudo através de recursos comunicativos, por vezes coloca a figura do blogueiro como próprio personagem de seu texto.

Outra forma de atuação dos coordenadores no sentido de orientar as publicações e tornar visível sua função na hierarquia da Rede se dá através do espaço para comentários. Elogios, críticas e sugestões, aproximam a atuação dos mesmos à de um mestre de cerimônias, responsável pelas boas-vindas e pela manutenção das boas práticas no estabelecimento. Essa cordialidade é expressa, sobretudo com a chegada dos novatos ao exercício do *blogging*, como pudemos constatar na apresentação de Jorge Tabajara e Alex Makuxi:

Jorge Tabajara do Ceará

Publicado em terça-feira, 29 de setembro de 2009

Olá, parentes indígenas do Nordeste e de todo o Brasil, sou Jorge Tabajara, liderança indígena e terei a honra de participar efetivamente das matérias colocadas nos índios online. Em breve estarei mandando uma matéria sobre a situação da aldeia Cajueiro que fica a 40 km da cidade de Poranga e quase 400 km de Fortaleza. Pois somos um povo guerreiro que estamos passando por várias dificuldades. Abraços a todos.

Publicado por:

jorgetabajara - escreveu 4 matérias no Índios Online.

2 Comentários para esta matéria

1. Irembé Potiguara Disse:

terça-feira, 29 de setembro de 2009 às 18:35

Olá Jorge é um prazer ter você aqui conosco fazendo parte dessa

rede que é nossa...

Índiosonline é para isso...Um espaço de divulgação onde nós somos os etnojournalistas dentro de nossos povos... Vamos mostrar a cara desse Ceará indígena que é maravilhoso!!!

Abraçooo

Minha Terra, Meu Povo

Publicado em segunda-feira, 28 de setembro de 2009

Sou Alex Makuxi.

Da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Terra na qual o Estado Ficou famoso graças a ela.

Mesmo ,com o governo anti-indígena,Hoje podemos fazer um “V” de Vitória bem grande,agradecer a Tupã,a Makunaima e o todos os parentes,por hoje estamos felizes.

Quero fazer parte dessa rede por ver que grande parte de nossos parentes,são colocados como longe da tecnologia e isso prova o contrario.

Publicado por:

makuxizinho - escreveu 4 matérias no Índios Online.

3 Comentários para esta matéria

1. Irembé Potiguará Disse:

segunda-feira, 28 de setembro de 2009 às 14:38

olá Alex!!!**é muito bom contar com vc e os parentes Makuxi na nossa rede!!!**

Tenho certeza que gostaremos de saber muito mais sobre sua região!!!

Comentário da coordenadora ao post “Jorge Tabajara do Ceará” e “Minha Terra, Meu Povo”, 9/09/09 e 28/09/09
*Grifo meu

Irembé Potiguará, uma das coordenadoras mais ativas no Blog, é quem recepciona os novos membros da Rede, dando as boas-vindas à participação nas publicações. Através de excessos de exclamações, saudações (“*Parabéns pessoal!!*”) e boas-vindas (“*é muito bom contar com vc*”, “*é um prazer ter você aqui conosco*”) a coordenadora garante a sensação de comemoração advinda das novas participações. Além disso, suas falas reforçam a identidade do Blog tanto pela marcação da pluralidade do espaço, da necessidade de participação, como pelo lembrete dos propósitos do mesmo (*Índiosonline é para isso...Um espaço de divulgação onde nós somos os etnojournalistas dentro de nossos povos... Vamos mostrar a cara desse Ceará indígena que é maravilhoso!!!*). Mais do que orientar o próprio autor da postagem, as manifestações dos coordenadores no espaço dos comentários serve, também, de guia à participação de outros comentaristas. Nos *posts* em questão os comentários subsequentes ao da coordenadora mantiveram o tom de acolhida e reforçaram,

igualmente, a identidade do Blog e a importância da participação dos novatos. As inserções trazem inclusive pedidos detalhados de assuntos a serem abordados nas postagens, indo ao encontro dos dizeres da coordenadora: *“Tenho certeza que gostaremos de saber muito mais sobre sua região!!!”*.

Post “Jorge Tabajara do Ceará do Ceará”

2. Caua - Santos / SP Disse:
quarta-feira, 30 de setembro de 2009 as 7:16

Muito bom Jorge Tabajara , esperamos com ansiedade a chegada de suas matérias. O povo Tabajara , tem tanta história e importância desde o início do descobrimento , que não pode passar como um povo inesistente , do passado , vamos dar visibilidade a luta de vcs. Um abraço !!!!

Post “ Minha Terra, Meu Povo”

2. Caua - Santos / SP Disse:
terça-feira, 29 de setembro de 2009 as 10:14

Parabéns Aléx Macuxí , realmente foi uma vitória e tanto , para deixar aqueles que não acreditavam na força do povo indígena , de boca aberta. Bem vindo a rede , e nos deixe sempre a par das notícias e novidades de sua aldeia !!!!

3. Ana Paz (Anita) Disse:
terça-feira, 29 de setembro de 2009 as 14:17

Olá Alex, seja muito bemvindo a esta rede que é de todos os povos indígenas do Brasil. **Conte notícias dos avanços , das belezas da sua terra, da luta cotidiana.**
parabéns a todos vcs!

Comentários subseqüentes ao da coordenadora no post “Jorge Tabajara do Ceará do Ceará” e “Minha Terra, Meu Povo”, 29/09/09 e 28/09/09
***Grifo meu**

Pelos comentários percebemos a importância da audiência, que age, também, para cobrar o blogueiro, lembrando-o de que este não fala sozinho, mas sim para um público ávido por novidades (*“esperamos com ansiedade a chegada de suas matérias”, “nos deixe sempre a par das notícias e novidades de sua aldeia !!!!”, “Conte notícias dos avanços , das belezas da sua terra, da luta cotidiana.”*). Em resposta a esse tipo de cobrança, o mesmo Jorge Tabajara, do post anterior, faz um pedido de desculpas pela demora na postagem de um texto sobre a *II Assembléia Estadual das Mulheres Indígenas do Ceará*:

Peço desculpas as nossas guerreiras, pois tinha ficado responsável pela divulgação no índios online mas não estava conseguindo acessar o site. Abraços em todos.... Jorge Tabajara do Ceará.

*Jorge Tabajara, post “Assembléia Estadual da AMICE – Articulação das Mulheres Indígenas do Estado do Ceará”, 26/11/09. *Grifo Meu*

Nos comentários ao *post* de Jorge e seu pedido de desculpas, novamente, a presença dos coordenadores, mas desta vez, no sentido de contornar a situação de atraso, agradecer a participação e encorajar novas publicações. Como pontua Máximo (2006), “gentileza gera gentileza” quando se trata de blogs, o que torna a demonstração de afeto dos coordenadores convite imprescindível às participações e uma forma carinhosa de eliminar possíveis conflitos no interior do Blog.

Irembé Potiguara Disse:
domingo, 29 de novembro de 2009 as 6:36

Olá Jorge, e todas as guerreiras indígenas cearenses, **apesar de não ter conseguido passar antes a notícia estamos muito felizes de que tenham divulgado na Rede.**

É sempre bom termos notícias de vocês e principalmente quando se trata de um trabalho tão organizado e fortalecido como é o da AMICE. **Isso se torna fonte de inspiração para nós**, podemos usar como exemplo para os povos que ainda não tem suas organizações de mulheres.

Grande Abraço a todos, e vamos seguindo forte na luta!!!!

*Comentário ao post “Assembléia Estadual da AMICE – Articulação das Mulheres Indígenas do Estado do Ceará”, 26/11/09. *Grifo Meu*

As cobranças em relação aos *posts* também se estendem aos tipos de recursos utilizados na produção de conteúdo não ficando restritas somente às observações dos coordenadores. A participação da audiência nesse tipo de ação é forte e a cobrança por postagens com fotos e vídeos relaciona-se tanto a idéia do índio conectado construída pelo Blog, ao próprio ritmo de publicação, pois o Blog deve manter-se atualizado, mas, principalmente ao reforço das redes de sociabilidade. Cabe salientar que a cobrança dos vídeos, bastante incisiva por parte dos coordenadores, pode ser devido ao financiamento da Oi Futuro, programa de patrocínio cultural da operadora de telefonia móvel Oi, ao projeto *Celulares Indígenas*. Com o apoio da ONG Thydewa e o financiamento do instituto Oi Futuro foram distribuídos sessenta celulares para indígenas de vinte e quatro nações diferentes do Brasil inteiro e, assim, a partir de 2009 a produção de conteúdo foi

incrementada pela produção de fotos e vídeos. Desde o início da primeira oficina de etnocelumetragem, no dia 22 de janeiro de 2009, já foram feitos cerca de 40 vídeos, cujas publicações concentram-se nos últimos seis meses (entre agosto de 2009 e janeiro de 2010, como pode ser visto no canal Índios Online no Youtube. Os dados revelam, aproximadamente, a produção de um vídeos a cada cinco dias ou mais de seis vídeos por mês.

Abaixo a seleção de alguns comentários dispersos mostra como se dão alguns tipos de cobrança na dinâmica do *blogging*:

Potyra Tê Tupinambá Disse:
sábado, 24 de outubro de 2009 as 9:35

Luiz,
Parabéns pelas matérias publicadas!!! **Fico muito feliz em ver o seu compromisso com a Rede Índios on Line e com os indígenas da Unb ao nos deixar informados do que ocorre com os parentes que estão ai em Brasília.**

É uma felicidade enorme ver que vc que foi um dos selecionados para celulares indígenas **vem cumprindo com o seu compromisso** assumido ao receber o celular. **Gostaria de ver vídeos também... vc tem alguma dificuldade? Se tiver nos contacte!!!**

gestao-indiosonline@googlegroups.com
Aqui é Potyra Tê Tupinambá, sou umas das Gestoras da Rede Índios on Line, juntamente com outros 7 parentes.

Anita Wekanã (Ana Paz- Colaboradora Thydewas) Disse:
domingo, 15 de março de 2009 as 9:42

Querida Kunha rory poty hendi'y , Indianara lindinha!
Fico também superfeliz por ver sua apresentação, tenho certeza de que em breve seus afilhados estarão postando matérias interessantes no projeto Celulares Indígenas.

Ah, me manda essa foto por email, onde aparece minha figura com Maria, vc , Wekamun, ok?

Um grande abraço e sucesso...

Suas fotos estão lindas!Espero ver os vídeos que vc vai produzir, vc vem para Brasília no abril indígena?

Ivana Disse:
sexta-feira, 22 de maio de 2009 as 23:45

Oi Ubiraci!!!

Gostaria de ver seus vídeos!!!
abraços!

João Machado/kaïowá/MS Disse:
quarta-feira, 18 de março de 2009 as 10:12

Acho que **com sua apresentação** passamos a conhecer você um **pouco**, acredito que com o tempo você se soltará mais, já que você não fala muito, como os outros questionaram, **espero que com o tempo você faça o que pediram como mostrar sua pintura e etc...**

É satisfatório ver que temos um guerreira kaiowá como você!

E Acho que todos vão ficar responsável em cobrar se você não fizer direito esse trabalho que lhe foi colocado,

Eu vou ser um deles!

Abraços!!!

nde taita

sebastian Disse:

quarta-feira, 10 de junho de 2009 as 15:00

eSPERO PODER OUVIR ESSA E OUTRAS MUSICAS..aPONTEM UM LINK!!!

ESPERO PODER LER ESSA HISTORIA, JÁ ESTOU CURIOSO!

PARABENS E CONTINUEM ASSIM!

*Comentários com exemplos de cobranças por foto e vídeo, 2009-2010.
Grifo Meu

O primeiro comentário, da coordenadora Potyra Tê Tupinambá, desenvolve-se a partir de um tom fraternal, mas que deixa transparecer a obrigatoriedade das publicações. Ilustrado pela figura do blogueiro cumpridor de suas responsabilidades se dá, de maneira sutil, o direcionamento para as regras de publicação e transparece o vínculo de compromisso entre os blogueiros e a Rede. Após o elogio público, que serve, também, como recado àqueles que não estão em dia com seus compromissos, segue a cobrança da produção de vídeo, sobretudo pelo fato do blogueiro em questão ter sido contemplado pelo projeto *Celulares Indígenas*, como se depreende através do comentário. Ao Potyra indagar se o blogueiro tem alguma dificuldade para, então, colocar o trabalho dos coordenadores à disposição, seu comentário reforça o papel de tutor desempenhado pelos coordenadores. Nota-se, também, a marcação de seu *status* na assinatura ao final do comentário, o que a diferencia dos demais “cobradores”. Com sentido diferente da cobrança de Potyra outros leitores expressam seu desejo de ver vídeos, *links* e fotos. As palavras de Anita Wekanã e João Machado, em especial, mostram como vídeos e fotos, na dinâmica do Blog, compõem o terreno da sociabilidade, onde se torna possível conhecer um pouco mais sobre os índios a partir das apresentações audiovisuais. No entanto, esse conhecer mais, não se trata somente de conhecimento no sentido de educação, mas sim de uma forma de “estar junto”. Vejamos, novamente, as palavras de Anita Wekanã e João Machado :

Anita Wekanã (Ana Paz- Colaboradora Thydewas) Disse:
domingo, 15 de março de 2009 as 9:42

Querida Kunha rory poty hendi'y , Indianara lindinha!
Fico também superfeliz por ver sua apresentação, tenho certeza de que em breve seus afilhados estarão postando matérias interessantes no projeto Celulares Indígenas.

Ah, me manda essa foto por email, onde aparece minha figura com Maria, vc , Wekamun, ok?

Um grande abraço e sucesso...

Suas fotos estão lindas!Espero ver os vídeos que vc vai produzir, vc vem para Brasília no abril indígena?

João Machado/kaiowá/MS Disse:
quarta-feira, 18 de março de 2009 as 10:12

Acho que **com sua apresentação passamos a conhecer você um pouco**, acredito que com o tempo você se soltará mais, já que você não fala muito, como os outros questionaram, **espero que com o tempo você faça o que pediram como mostrar sua pintura e etc...**

É satisfatório ver que temos um guerreira kaiowá como você!

E Acho que todos vão ficar responsável em cobrar se você não fizer direito esse trabalho que lhe foi colocado,

Eu vou ser um deles!

Abraços!!!

nde taita

**Comentários sobre a apresentação indígena por meio de fotos e vídeos,
2009 – 2010
*Grifo Meu**

Como afirma Lemos (2007) as produções imagéticas realizadas com dispositivos móveis constituem-se enquanto imagens de circulação, uma vez que são feitas para serem compartilhadas. Tal característica é intensamente impulsionada pela propaganda dos aparelhos celulares com recursos interativos avançados para os usuários manterem conexão. Ainda segundo o autor, esse tipo de produção em nada se assemelha a grande sala escura do cinema, pois impõe outra experiência social e estética.

Pequenos excertos do dia-a-dia, em mobilidade, disseminados, exploram as potencialidades da portabilidade, da mobilidade, da conectividade e da ubiquidade (LEMOS, 2007, p. 33)

E, assim, o cotidiano mais banal vai sendo compartilhado, criando formas de “estar junto”, de presença, ao ponto em que essa troca possibilita conhecer um pouco mais o outro, aquele que me é distante (*Acho que com sua apresentação passamos a conhecer você um pouco*). O evento de compartilhamento de imagens (*Ah, me manda essa foto por email, onde aparece minha figura com Maria, vc , Wekamun,ok?*), ainda

segundo Lemos (2007), cria e reforça redes de sociabilidade. Sob esse aspecto as produções do projeto *Celulares Indígenas* mais do que mostrarem ao não índio as temáticas referentes ao universo cotidiano indígena, voltam-se ao próprio nicho da Rede. E é nesse sentido que a o Blog vai trabalhando o “estar junto” a partir da *apresentação do eu*, configurando a visão de “*um eu*” e a identificação de “*um outro*”. O “*olha o que estamos fazendo*” insere-se no argumento de tais produções e, talvez, isso explique os diversos comentários entusiastas aos vídeos, que enfatizam, justamente, a possibilidade dos índios poderem mostrar e, ao mesmo tempo, verem uns aos outros. Assim, a visibilidade adquire um significado social, ainda que por vezes possa estar ligada ao banal, lembrando que tal característica é parte do processo de construção de laços sociais. Ao mesmo tempo, essa visibilidade opera com vistas ao auto-reconhecimento indígena, sendo, portanto, também, política. Nesse sentido, o “mostrar-se” através do Blog e dos projetos que permitem a produção de imagens, supre a ausência da presença indígena nos veículos de comunicação tradicional, por exemplo. Mas, como observa Monasterio (2003), em sua pesquisa com as Organizações Indígenas Equatorianas, o uso das imagens, a depender do tema, pode gerar uma campanha em múltiplos meios, tornando-se uma estratégia comunicativa eficaz.

Observamos que na popularização dos *posts* com vídeo, também, está embutida a ideia de tecnologia enquanto arco e flecha contemporâneo. O uso de imagens é impulsionado, sobretudo pela lógica do “*eu vi na TV*” e seu valor testemunhal. Desta forma, percebemos a construção de um imaginário imagético sob o signo de denuncia, do impacto gerado pelas imagens e sua possibilidade de atrair resultados benéficos à causa indígena.

O novo projeto celulares indígenas é algo inovador para nós, uma nova possibilidade de uso do celular com compromisso social. E eu espero que vocês que estão recebendo esse celular possam estar firmando um compromisso com vocês mesmos, com os povos de vocês, de estar divulgando, cada vez mais as questões que acontecem dentro das aldeias, porque isso é muito importante (trecho do vídeo de apresentação da Pétala Irembé Potiguara)

O projeto celulares indígenas está aí para difundir e divulgar a cultura indígena, mais um mecanismo que a Rede Índios Online proporcionará para os parentes de várias regiões do país com intuito que mostrem suas realidades, **mostrem seus lugares que muitas vezes não é mostrado pela mídia local e os problemas vivenciados por cada região** (Trecho do vídeo de apresentação da Pétala Graciela Guarani)

Trechos do vídeo de apresentação das Pétalas da Rede, coordenadoras do projeto Celulares Indígenas, 2009
****Grifo Meu***

Embora notemos determinados discursos vinculados à noção de comunicação alternativa e o próprio conteúdo das publicações possa permitir tal vinculação, uma vez que as temáticas passam distantes do conteúdo pautado pela mídia tradicional, o estudo do Blog Diários (atual Arquivos) leva a outros caminhos. Embora não possamos omitir, no entanto, que as postagens são exemplos perfeitos de assuntos omitidos ou parcialmente presentes na mídia convencional e o Blog uma ferramenta excelente de divulgação, a união entre um e outro não é suficiente para classificá-lo como canal de contra-informação. Aliás, este, também, não é o nosso intuito: o de classificar. Isso porque, caso assim o fizéssemos, estaríamos eliminando a característica social dos blogs, reduzindo-o a um meio de comunicação. A fala de Irembé Potiguara e Graciela Guarani, nos coloca diante do que Castells (2006) chama de *Mass Self Communcation* ao tratar de novas formas de comunicação colocadas ao alcance dos indivíduos. Com objetivo de desenvolverem seus próprios meios de comunicação, os sujeitos experienciam individualmente as potencialidades de blogs, skype, SMS, e outras tencologias. Do mesmo modo, ainda segundo o autor, os movimentos sociais lançam-se na corrida pela construção de sua imagem. O autor, assim como Sodré (2002), nos fala do fenômeno da midiaticização e vê, sobretudo na esteira da crise de legitimação política, uma reordenação da esfera pública a partir do funcionamento midiático das antigas instituições. Assim, se a política vem se reduzindo a uma questão de imagem, igualmente temos a projeção dos movimentos sociais amparada nos mesmos recursos. A reflexão de Irembé Potiguara no *post* intitulado “*Ser Índio on Line*” permite observarmos como tais questões emergem no interior da Rede:

Ser Índio on Line

Publicado em sábado, 13 de fevereiro de 2010

Tags: Tupinambá

Você sabe que Índios on line é um projeto.... na verdade ele é mais que um projeto, ele é um MOVIMENTO SOCIAL, um MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA.

Voltando... Índios on Line é um movimento que possibilita aos índios contar suas histórias, fazer denúncias, expor com a suas próprias palavras, sem interlocutores, suas problemáticas e seu modo de ver as coisas e os problemas que nos afligem. É abrir as portas do mundo através da Internet. As informações que nunca chegariam às aldeias chegam num clicar do mause.

Você Índio on line é importante para a sua Comunidade!
 Você Índio on line pode mudar muita coisa em sua Comunidade!
 Você Índio on line pode levar projetos para a melhora da sua Comunidade! Pode tantas coisas... fazer denúncias, intercambio culturais...

E como é que eu faço isso? Você pode estar se perguntando... e eu respondo: PARTICIPANDO... FAZENDO PARTE MESMO!!!

Ao você fazer uma matéria, seja ela uma história contando algo do dia-dia e postar no portal, muitas pessoas podem ler sua matéria. Elas vão ficar sabendo do que se passa em sua aldeia. Alguém pode se sensibilizar e querer ajudar de alguma forma... alguém que tinha um preconceito e pode aprender a não ter ao ler sua matéria ou assistir seu vídeo...

Se você fizer uma denúncia e postar no site, da mesma forma várias pessoas vão saber do problema em sua aldeia e quem sabe até a autoridade que pode resolver a situação.

Parentes!!! Eu ficaria aqui enumerando várias e várias coisas que você como Índio on line estaria fazendo.

Eu acho que o primeiro passo nisso tudo é você ter consciência da sua importância! É você ter o compromisso social com o seu povo! Você é um privilegiado, está tendo esta oportunidade e por favor abrace ela! O seu povo precisa de você!

Meus parente!!! Pensem nisso que eu "disse"! Ajude a sua Comunidade! Vamos fazer a rede se movimentar... pescar e trazer bons frutos!

Um abraço, sempre a disposição
 Potyra Tê Tupinambá

***Comentários sobre a apresentação indígena por meio de fotos e vídeos,
 2009 – 2010
 *Grifo Meu***

Podemos perceber que não há definição de uma utopia-projeto com vistas à elaboração de um canal contra-hegemônico, tão pouco objetivos de transformação do *status quo*. Contudo, há a crença no poder da imagem, na visibilidade como forma de existir para o mundo e quem sabe, este mesmo mundo, retribuir-lhes o flerte. Há, também a presença da iniciativa individual, característica do engajamento político contemporâneo apontado por Castells (2006). No entanto, não é o caso de decretar o fim dos movimentos sociais, pois como observa Scherer-Warren (2006) a tensão existente, hoje, em relação a tais movimentos reside no impasse entre participar *com* e *através* do Estado para a formulação e implementação de políticas públicas **ou** continuar a ser um agente de pressão autônoma da sociedade civil. Através do Blog visualizamos a segunda opção, alicerçada na formação de uma espécie de comunidade em rede, articulada em torno da construção de uma identidade indígena. Impulsionada pelas formas de *apresentação do eu*, a participação no Blog, seja através das postagens ou comentários,

deixa transparecer que, talvez, o projeto político latente encontre sua razão de ser nos processos de identificação entre blogueiros e audiência, encontrando-se no terreno, então, do reconhecimento indígena.

Akanawã Baênã Disse:
quinta-feira, 18 de fevereiro de 2010 as 7:26

Car@s parentes, essa luta pela reconquista de nosso território só faz a gente crescer e ganhar mais experiência de vida, **vc está de parabéns pela materia do qual me orgulho muito pela foto tradicional da qual faço parte.**

Abraços

Darlene Taukane Disse:
quarta-feira, 18 de novembro de 2009 as 16:18

Grata pelas palavras de incentivos amigos e parentes indígenas. **Indiosonline é muito bom porque podemos nos ver, reencontrar no imaginário da solidariedade mesmo longe mas tão perto ao mesmo tempo.**

potiguara Disse:
quinta-feira, 12 de março de 2009 as 19:08

meus parabéns jak você é 1000 **temos orgulho de você;você [e muito especial pra nos indiginas**

JOVANILDO TITIÁ (PATAXÓ HÃ-HÃ-HÃE) Disse:
sexta-feira, 13 de março de 2009 as 14:26

É VERDADE MEUS PARENTE EU CONCORDO COM VCS, A NOSSA PARENTE IREMBÉ POTIGUARA, ARRAZOU NO VIDEO, MUITO BONITA E SE EXPRESSOU MUITO BEM, GOSTEI É ISSO AI MINHA PARENTE VC ESTÁ DE PARABENS, EU TAMBEM ESTOU ORGULHOSO DO PROJETO, E NÓS INDIOS É QUEM VAI FAZER ELE CRECER... QUERO APROVEITAR A OPORTUNIDADE E MANDAR UM ABRAÇO PARA TODOS OS PARENTES POTIGUARA, PRICIPALMENTE MEUS AMIGOS QUE TIVE O PRAZER DE CONHECER PESSOALMENTE, " CABOQUINHO E CAPITÃO" QURO AGRADECE O O TRATAMENTO QUE VCS DERAM A MEU IRMÃO O LUIZ TITIÁ, ELE CHEGOU FALANDO QUE FOI BEM ACOLHIDO POR VCS...

UM FORTE ABRAÇO A TODOS OS PARENTES INDIOS E NÃO INDIOS...

EMAIL: jovanildotitia@hotmail.com

Eva Camargo Maxakal (Indígena Maxakali) Disse:
domingo, 28 de fevereiro de 2010 as 18:38

Eu adorei esse site,gostei e saber como é o trabalho do meus parentes.**Se um dia eu ver meu povo Maxakali vou gostar mais ainda!!!Parabéns parente pataxó e outras tribos.**

*Comentários sobre a apresentação indígena por meio de fotos e vídeos,
2009 – 2010
Grifo Meu

Não é à toa que o trabalho dos coordenadores da Rede volta-se, sobretudo às publicações do Blog e à juventude indígena. Através de uma série de Oficinas, realizadas em todas as regiões dos participantes da Rede, os coordenadores desenvolvem um trabalho voltado à juventude indígena a partir de seis temáticas: foto, vídeo, edição de vídeo, etnojournalismo, ciberativismo e protagonismo juvenil. Com objetivo de garantir o instrumental necessário à participação indígena na produção de conteúdos do Blog, as Oficinas replicam os conhecimentos dos coordenadores e colocam os iniciantes em contato com as tecnologias digitais. O interesse despertado pela tecnologia favorece a introdução de outros temas na pauta das Oficinas, como o etnojournalismo, ciberativismo e protagonismo juvenil, que têm como função estimular os jovens a uma atitude ativa e positiva frente à comunidade. A partir da ideia do “índio na visão do índio”, a Oficina de etnojournalismo volta-se à publicação de matérias feitas pelos próprios índios e aborda o poder e o impacto da informação. Nesse sentido, a figura do etnojournalista no interior da comunidade serve para divulgar os problemas, denunciar possíveis agressões, maus-tratos e invasões de terra, mostrar o cotidiano da aldeia, enfim, colocar o índio em cena. A noção de ciberativismo decorre de tal discussão e se fortalece pelo trabalho de foto e vídeo, que age, principalmente, para envolver os jovens com a comunidade. Temas como idoso, crianças e paisagem favorecem o contato dos mesmos com suas regiões e seus habitantes.

O que eu achei da oficina de filmagem e fotografia, eu achei muito importante, porque através disso nós podemos gravar filmes, fizemos gravações do flechamento do Imbu, da Leonor. E, através disso nós podemos mostrar que nós somos capazes de qualquer coisa que vier pela frente. (Depoimento de Érika Pankararu, 16, sobre a Oficina realizada na aldeia Brejo dos Padres)

Como ressaltado pelos coordenadores da Rede nas entrevistas realizadas ao longo da presente pesquisa, o trabalho com a tecnologia digital, também, permitiu agregar tradição e modernidade a partir dos conteúdos produzidos. O vídeo do flechamento do Imbu, do qual nos fala Érika, trata-se de uma tradição da etnia Pankararu, que somente se beneficia do fruto após a flechada. Pouco importa se o procedimento é realizado por todos os membros da etnia até os dias de hoje, pois a intenção do registro desta, e de outras tradições, serve tanto para promover o diálogo entre os mais jovens e os mais velhos como para ser lembrado, relembrado e contado

através dos tempos. Mais do que isso, o procedimento de evocar determinada tradição constitui-se como elemento de diferenciação, servindo para afirmar a identidade indígena. No vídeo em questão, por exemplo, houve intensa participação de adultos, crianças e jovens durante as filmagens. As palavras de Érika, ainda, revelam a relação entre as Oficinas e a auto-estima dos jovens indígenas, pois a manipulação dos artefatos tecnológicos, neste caso, liga-se ao sentimento de capacidade destes jovens. Na seleção de fotografias a seguir, retiradas de um *post* com os resultados das produções realizadas durante uma Oficina de foto, chamamos atenção para a imagem de Laly e seu, respectivo comentário, que demonstra a felicidade da garota ao ver sua produção publicada:



Sentido horário, início na foto superior à esquerda. Fotógrafos: desconhecido, Laly, Kawran e Boiada

Alex Pankararu Disse:

segunda-feira, 16 de fevereiro de 2009 as 15:27

Olá meus Parentes lindas fotos, vcs são proficionais parabens!!! **E atraves desse trabalho vcs estão mostrando a capacidade que vcs tem, pois a força e a sabedoria de vcs são muito lindo, viva e continuem mostrando essa habilidade fotografica que vcs reconheceram dentro de cada um de vcs...**

Um grande abraço a todos, e não vejo a hora de ver os videos que vcs produziram!!!

Alex Pankararu

xayanyKx Laly Disse:
segunda-feira, 16 de fevereiro de 2009 as 17:48

Adoreii a materia **Vamos continua a sim**
Aprendo e mostrando o que nós sabe e a minha foto q Ficou Lindaa
xau

Comentários sobre a produção de fotos, 16/02/2010
**Grifo Meu*

Por vincular-se às questões de auto-reconhecimento e auto-estima indígena, cada trabalho produzido nas Oficinas é sempre exibido para os participantes ao final das atividades e, há, inclusive, exposições dos trabalhos de outras etnias, o que faz com que as produções, também, circulem no interior da Rede *offline*. O evento das mostras de vídeo acaba por colocar em evidência o índio enquanto ser pensante, inteligente e autor de suas próprias produções a partir da “tecnologia do branco”. No seio da Rede, levando em conta as observações de Lemos (2007), o evento das mostras contribui para “*tocar o outro*”, estando intimamente ligado às questões de sociabilidade nos ambientes ocupados pela Rede, isto é, *online* e *offline*. O caso da exibição do vídeo “*Algo Inesperado*”, produto da Oficina realizada com os jovens indígenas Kariri Xocó, na cidade de Propriá, no Sergipe, nos coloca a par da dimensão do significado de eventos como este:

O vídeo algo inesperado

Publicado em sábado, 19 de dezembro de 2009

No dia 17 de dezembro nós fizemos um vídeo foi baseado em fatos reais e colocamos no telão Para o povo indígena assistir e foi muito bom por que todos veio ver adultos, jovens e crianças. E eles gostaram muito e ficaram muito curiosos no que nós íamos mostra pra eles e ficaram também na expectativa do que agente ia mostra e no que nós filmamos, foi muito suspenso para todos porque eles pensavam que era algum uma coisa da aldeia, mas foi um vídeo muito engraçado, Todos da aldeia riram muito e adoraram porque foi uma coisa que os índios a aldeia kariri-xocó que produziram o, mas velhos sentiu muito orgulho da gente e nos ficamos muito feliz de receber a aquele carinho. Esperamos que tivessem, mas oportunidade para produzir vários vídeos não só engraçados, mas também importantes para dá força a nossa comunidade de lutar pelos nossos sonhos e nunca desiste. Nós agradecemos a todos pela oportunidade de aprender.

Obrigado a todos dos índios online

Edição: Rosimeri (Itayany) & Lauriane (Xayany)
Publicado por: Kayane.

Post “O vídeo algo inesperado”, 19/12/2009

Apesar das Oficinas envolverem cada etnia separadamente, a inserção de vídeos e fotos na dinâmica do *blogging* contribui para que o espaço do Blog supere as diversidades étnicas, pois a todo instante as publicações despertam o sentimento de comunidade, ligando as descontinuidades internas espaciais e culturais. Assim, por exemplo, uma das regras de etiqueta que percebemos ao longo de nossas incursões no Blog torna-se extremamente relevante. É o caso da palavra “*parente*”, amplamente utilizada entre os indígenas no interior do Blog para referirem-se uns aos outros. Com vistas à união pode ser visto, também, o trabalho dos coordenadores, pois suas ações se dão sempre no sentido de manter as orientações de publicação a partir dos objetivos da própria Rede, isto é, direcionando a identidade do Blog e, portanto, a identidade dos próprios blogueiros. Assim, a visibilidade buscada não se baseia em formas de auto-promoção de uma etnia em detrimento a outra. Princípio inerente à atividade do *blogging*, a visibilidade, no contexto do Blog Diários (atual Arquivos) torna-se, por si só, um projeto político, cultural e comunicacional.

O caso da foto 3 x 4 ilustra as proposições anteriores e nos possibilita discutir o Blog a partir das noções de *reflexividade* proposta por Giddens (1991). “*Projeto juventude. TV recebe inscrições de projetos audiovisuais*” foi o título do *post* de Lafaete



Pankararu. Como tantos outros *posts* publicados no Blog, a finalidade do conteúdo era apenas divulgar um evento, no caso, a abertura de um concurso audiovisual. Não fosse pela escolha de uma foto estilo 3 x 4 para ilustrar o texto em questão, o *post* talvez nem teria gerado comentários. Mas, a tal foto, que trazia um jovem índio de cocar, representava o próprio autor do texto, tornando-se motivo suficiente para gerar-lhe a acusação de auto-promoção. E, assim, se deu a ocorrência por parte de uma leitora **não-índia** muito incomodada com o uso de uma foto não relacionada ao conteúdo, segundo as próprias

palavras e descrições da mesma. A réplica ao comentário da leitora surgiu do próprio autor do *post* e vai ao encontro das motivações que sustentam o Blog:

lafaete Disse:

quarta-feira, 21 de outubro de 2009 as 18:09

Cara camarada! sei que não nos conhecemos , mas deixe-me

apresentar, meu nome é Lafaete Pankararu, sou liderança da juventude e dos estudantes Pankararu! Quando vc fala em alta promoção, vc quer dizer que estou me expondo, mas deve me expor mesmo, devo mostrar minha face! chega de tanto, os povos indígenas se esconderem, quero lhe contar uma pequena história, Ha mais de 500 anos atrás, nos viviamos escondidos, nas matas verdes e nos rios, e mesmo assim não fomos salvos do escravismo e nem das chacinas que deciparam muitos povos indígenas, portanto, devo sim me expor, e não se esconder, como diz o velho ditado, se corre o bicho pega, se ficar o bicho come! Karuka butina!

Comentário ao post “Projeto juventude. TV recebe inscrições de projetos audiovisuais”, 19/12/2009

Entender como se constrói a apresentação indígena no âmbito de relações do Blog Diários (atual Arquivos) permite visualizarmos como a dinâmica dos blogs nos trazem um recorte do “eu”. Como vimos discutindo até o momento, na negociação das identidades do Blog e dos blogueiros, assistimos a formação de um papel destinado a esses índios online. Assim, a narrativa do Blog nos apresenta histórias peculiares, particulares, que em seu conjunto compõem a narrativa dos “índios na visão dos índios”, ligando-se as noções de *reflexividade* observadas por Giddens (2002). Essa *reflexividade* se dá tanto nas temáticas relativas à tradição, que é sempre revista à luz das mudanças atuais, isto é, da existência de “índios online”, como na constante revisão dos propósitos da Rede e seus projetos. No entanto, há de se salientar que a concretude de tal projeto está intrinsecamente ligada às redes de relações emergentes na dinâmica do *blogging*. Assim, o comentário do jovem Pankararu encontra seu respaldo no imenso arquivo que vai sendo construído através do Blog. Arquivo este, intensamente, vivo, produzido socialmente e que articula passado e presente, definindo, tal qual aponta Máximo (2006) em seus estudos com o blogs, o que se é e o que se quer comunicar. Mais do que meio de comunicação, o Blog inscreve-se nos termos de um projeto reflexivo do *eu*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Christine Hine (1998) afirma que os usuários da internet estão implicados na construção da tecnologia em dois sentidos: através das práticas pelas quais entendem esta tecnologia e através do conteúdo que produzem. Nossos estudos nos levam a entender que a participação indígena na dinâmica do blogging está amparada na busca pela visibilidade indígena, entendida em sua relação à existência e às noções de protagonismo indígena. Assim, a apropriação das chamadas tecnologias de comunicação ocorre mediante a lógica do “mostrar-se” como forma de entrar em cena, de tornar visível aquilo que a mídia tradicional omite. O uso de celulares para a produção de fotos e vídeos, nesse sentido, calca-se numa atitude exógena frente às possibilidades abertas por tais tecnologias em aproximar o indivíduo do Mundo. Por outro lado, esse apelo à visibilidade, também, se relaciona ao envolvimento com as questões concernentes às comunidades indígenas, constituindo-se, portanto, enquanto endógeno. Com isto temos as imbricações entre o local e o global a partir não só da apropriação tecnológica, mas de seu uso no projeto de construção do Blog Diários (atual Arquivos), mantido no interior da Rede Índios Online.

Apesar da presença no ciberespaço permitir o contato com qualquer pessoa do globo, o que vemos são pequenos relatos do cotidiano local dos participantes da Rede servindo de temática aos *posts* do Blog. Descentralizados, esses fragmentados vão se unindo no processo de negociação da identidade do Blog e de seus blogueiros. Ao conciliar tradição e modernidade, o espaço do Blog converte-se num local onde a identidade indígena vai sendo trabalhada continuamente, num processo conjunto que envolve blogueiros e audiência. E, assim, o Blog torna-se uma espécie de projeto *reflexivo do eu*, tal qual as proposições de Giddens (2002), o qual articula memória e presente de maneira a dar significado a existência indígena. Cabe salientar que não estamos diante de um “novo” índio. Não observamos, em nenhum momento, a defesa ou a manifestação de uma “nova” identidade indígena, mas sim a reflexão sobre o índio no mundo de hoje. Assim, a defesa corrente se dá no sentido de marcar a identidade indígena conciliando-a com as mudanças sofridas pelos índios através dos tempos.

Impulsionada pela *apresentação* do eu, a construção do Blog vai se desenhando a partir da definição daquilo que se é e o que se deseja comunicar, dando forma a experiência indígena na virtualidade. Nesse processo, a presença de vários blogueiros se agrega a partir dos interesses da própria Rede Índios Online, uma vez que o Blog está

em seu interior. Esse gerenciamento de indivíduos reside no entendimento e na marcação, sobretudo via o *layout* do Blog, da importância da participação indígena para o funcionamento da Rede e do espaço do Blog. A validação do espaço-virtual para o compartilhamento de idéias e opiniões, bem como para a expressão de sentimentos e comentários é impulsionada, sobremaneira pela figura dos coordenadores da Rede, que agem no sentido de direcionar a identidade do Blog, lembrando os blogueiros das regras e orientações para postagem e de seus deveres para com a Rede. O papel dos coordenadores na dinâmica do *blogging* é fundamental para conciliar as diferentes etnias participantes, seja no momento da acolhida aos novatos ou no constante trabalho de cortesia nos comentários. Desta forma, a coordenação da Rede auxilia na integração de blogueiros e audiência na rede de sociabilidade emergente no interior do Blog.

A partir da figura dos coordenadores e de sua atuação é possível dizer que, embora estejamos diante de uma articulação em rede observamos estruturas hierárquicas e formas de expressão de autoridade. No entanto, percebemos, também, o quanto tal atuação colabora para o andamento da atividade do *blogging*, sobretudo ao pensarmos nas múltiplas Oficinas realizadas em diversas regiões do Brasil. Isto nos leva a afirmar que o sucesso de uma organização em rede, independentemente de sua proposta, também requer recursos financeiros, disponibilidade e pessoas comprometidas com o projeto que se almeja construir. Pensando em toda a carência de estrutura para o acesso das populações indígenas à internet, conseguir manter a Rede Índios Online em funcionamento já se torna motivo de comemoração e vitória.

A atuação da Rede oferece não apenas o instrumental para o funcionamento do Blog, mas a partir de sua dinâmica vê a possibilidade de uma formação que ofereça saberes com vistas à autonomia indígena, como cidadania, direito indígena, protagonismo juvenil, etc. Ainda que não haja uma proposta clara de transformação do *status quo*, tão pouco a definição de um inimigo de luta, características que permitiriam definir o espaço do Blog como expressão de um movimento indígena articulado, embasado nos ideais de contra-informação, podemos afirmar que os eventos *offline* e sua ligação à produção de conteúdo do Blog exercem papel fundamental nos processos de auto-reconhecimento indígena. Assim, por exemplo, verificamos a emergência de uma sensação de *empoderamento* advinda tanto da manipulação dos artefatos tecnológicos, uma vez que estes atestam a competência técnica dos índios para a produção de conteúdos, mas também por possibilitarem a existência indígena frente a outros indivíduos e, sobretudo frente aos próprios índios.

Uma vez que as produções de conteúdo imagético voltam-se ao interior da própria Rede, isto é, ao nicho, possibilitam o “*estar junto*” em ambiente virtual. Ao demonstrarem o cotidiano mais banal, provocam, justamente, o sentimento de pertença, de um mundo comum partilhado. Daí Lemos (2007) discorrer sobre a sociabilidade criada a partir das características das produções de dispositivos digitais. Podemos afirmar, então, que a imagem construída embasada pelo “*olha quem somos nós*” permite agregar os índios dispersos na rede, contribuindo para aproximá-los, o que, talvez, explique as constantes referências entre uns e outros como parentes.

Por fim, podemos dizer que essa apropriação tecnológica encontra na visibilidade um projeto político, social e cultural e, como observa Castells (2006) e Sodré (2002), embasa-se no fenômeno da midiaticização, isto é, na articulação entre a mídia e as instituições tradicionais mediadoras do debate público. Nesse sentido, a Rede Índios Online constitui-se como expressão de nossos tempos e, independentemente de nomenclaturas como “*pós-modernismo*” ou “*sociedade da informação*”, evidencia a crença de que através, ou valendo-se da mídia é possível transformar a realidade imediata. Sob este aspecto temos, tal qual aponta Mattelart (2002), a ideia da tecnologia enquanto porta de entrada ao progresso social. Atrelada a tal noção, como observa Scherer-Warren (1998), está a cena política contemporânea, marcada por investidas individuais ou de coletivos autônomos. Tais apontamentos não reduzem a importância da experiência indígena via as imbricações entre o Blog Diários (atual Arquivos) e a Rede Índios Online, pois seu grande feito, ao que tudo indica, talvez se relacione à narratividade, ao projeto de construção do “*índio na visão do índio*”. E, como avalia, Sodré (2006) o reconhecimento das minorias vem, justamente, da possibilidade das mesmas se indagarem sobre seus futuros.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. Iracema. 1. Ed. São Paulo: Atelie Editorial, 2007.

AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel. Blogs: Mapeando um objeto. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. Anais do VI Congresso Nacional de história da Mídia. Niterói: UFF, 2008. p. 1-15.

ARDEVOL, Elisenda; MARTÍ, Joseph; MAYANS, Joan. Cibercultura/ cibercultures: a cultura d'internet o l'anàlisi dels usos socials d'internet. In: Actas Del IX Congreso de

antropologia de la Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español. Barcelona, sep., 2002. Disponível em: <http://cv.uoc.edu/~grc0_000199_web/pagina_personal/ardevol.pdf>. Acessado em: 10. mar. 2009.

BERGER, Peter. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRISSAC & OLALQUIA. *O futuro do passado*. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Pós-modernidade*. Campinas: Ed. Unicamp, p. 74-88, 1988.

BRUNO, Fernanda. A obscenidade do cotidiano e a cena comunicacional contemporânea. Famecos, Porto Alegre, n. 25, p. 22-25, dez. 2004.

_____. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. Famecos, Porto Alegre, n. 24, p. 110-118, jul. 2004.

CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (et al.). *Pós modernidade*. 2 ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.1 A sociedade em rede. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTELLS, Manuel. Communication, power and counter-power in the Networking Society. *International Journal of Communication*, n.1, p. 238-266, 2007.

_____. A Era da Intercomunicação, in *Le Monde Diplomatique*, 10 mai. 2006. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379>>. Acessado em: 2 de jan. 2010

CHANDLER, D.: Personal Home Pages and the Construction of Identities on the Web, 1998. Disponível em: <http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/webident.html>. Acessado em: 14 de dez. 2009

COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da tradição. In: PAIVA, Raquel, BARBALHO, Alexandre (orgs.). Comunicação e cultura das minorias, São Paulo: Paulus, 2005.

CUCHÊ, Denys. Noções de cultura nas ciências sociais. São Paulo: Edusc, 2002.

GEERTZ, C.. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUATARRI, F. Da produção da subjetividade. In: PARENTE, André (org.). Imagem máquina: A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

ESTALELLA, A. Weblogs, la utopía de una propuesta alternativa a los mass-media. X Congreso de Antropología de la Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español (FAAEE), Sevilla, sep. 2005. Disponível em: <http://adolfoestalella.googlepages.com/Estalella_WeblogslaUtopiadeunaPropuestaAlternativa.doc>. Acesso em: 15 de dez. 2009.

HINE, C. Virtual Ethnography. IRISS Conference Papers, 1998. Disponível em: <http://etnografiacirtual.blogspot.com/search/label/cristhine520hine>. Acessado em: 15 de jun. 2008.

ÍNDIOS ON-LINE. Diários. Disponível em: <<http://www.indiosonline.org.br/>>. Acesso em: 13 abril 2009.

KERCKHOVE, D. A pele da cultura. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1997.
LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

LEMO, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

_____. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). Comunicação, mídia e consumo, n 4., jul. 2007.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo. (Orgs.) Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

MÁRQUEZ, D. F. En busca del sujeto extraviado: reflexiones en torno al estudio de blogs. Revista Dialogos de la comunicación, FELAFACS, n. 76, jun. 2008. Disponível em:

http://www.dialogosfelafacs.net/76/articuloresultado.php?vidcodigo=65&v_idclase=11. Acessado em: 20 de jun. 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. Desencuentros de la sociedad y reencantamientos de la identidad. Análisi, n. 29, p. 45-62, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=1077120>>. Acesso em: 10.jul.08.

MATTELART, Armand. História da sociedade da informação. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MATTELART, A., MATTELART, M. Pensar as mídias. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAYANS I PLANELLS, Joan. Etnografia virtual, etnografia banal: La relevancia de lo intrascendente en la investigación y la comprensión de lo cibernético. In: III CONGRESO: OBSERVATORIO PARA LA CIBERSOCIEDAD, 2006. Disponível em:

<<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=772>>. Acessado em: 17 de jun. 2008.

MAYANS I PLANELLS, Joan. Genero chat: o como la etnografia puso um pie em el ciberespacio. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

MÁXIMO, M. E. O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs. Civitas, Porto Alegre, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2007, p. 25-47. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/3523/2753>>
Acesso em: 17. dez. 08

_____. Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Cultura em números: anuário de estatísticas culturais 2009. Brasília: Minc, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/09/cultura_em_numeros_2009.pdf>. Acessado em: 15. ago. 09.

MORAES, Denis. O capital da mídia na lógica da globalização. MORAES, Dênis (org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MONASTERIOS, Gloria. Usos de Internet por Organizaciones Indígenas (OI) de Abya Yala: para uma alternativa em políticas comunicacionales. In: Revista Comunicación, Caracas, n. 122, p. 60-69, segundo trimestre de 2003

NERI, Marcelo Côrtes. Mapa da Exclusão Digital. Rio de Janeiro: FGV/ IBRE, CPS, 2003.

PEREIRA, Eliete. Ciborgues indigen@s.br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re) elaborações étnicas indígenas digitais. In: II SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2008, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Eliete%20Pereira.pdf>>. Acessado em: 15. dez. 2008.

PRIMO, A. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. Famecos, Porto Alegre, nº 36, ago. 2008.

PRIMO, A. F. T. ; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. In: Compos, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.

ORTIZ, Renato. Mundialização: saberes e crenças. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REID, Elizabeth. *Cultural Formations in Text-based Virtual Realities*. Master Thesis in Arts, Programa de Estudos Culturais, Departamento de Inglês, Universidade de Melbourne, 1994. Disponível em: <http://www.aluluei.com/cult-form.htm>. Acesso em: 10/08/2008.

RÜDIGER, Francisco. Introdução à crítica da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

_____. Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 16^a. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEGATA, Jean. Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *O enigma pós-moderno*. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Pós-modernidade*. Campinas: Ed. Unicamp, p. 74-88, 1988.

_____. A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociales y de movimientos em la sociedad de la información. Nueva Sociedad, Caracas, n. 9, p. 78-91, 1998.

_____. Redes sociais na sociedade da informação. In: Maia, Rousiley, Spínola Castro, Maria C. P. Mídia, esfera pública e identidades coletivas, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. Sobre a *episteme* comunicacional. MATRIZes, São Paulo, n. 1, p. 15-26, out., 2007.

_____. Diversidade e diferença. Revista Científica de Información y Comunicación, Sevilla, n. 3, p. 5-15, 2006.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel, BARBALHO, Alexandre (orgs.). Comunicação e cultura das minorias, São Paulo: Paulus, 2005.

TRAQUINA, N. Teorias do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2005.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. A nova visibilidade. MATRIZES, São Paulo, n. 2, p. 15-38, abril, 2008.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VIZER, Eduardo A. Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias. In: VICENTE, Maximiliano Martin. (Org.) Mídia e sociedade – perspectivas. São Paulo: Canal 6, 2007, p. 9- 30.

WOLTON, D. Internet: entre instrumento económico y proyecto político. In La ventana global: ciberespacio, esfera pública mundial y universo midiático. (Orgs.) José Vidal Beneyeto, Santialla Ediciones Generales: S.L, 2002.

_____. É preciso salvar a comunicação. São Paulo: Paulus, 2006.